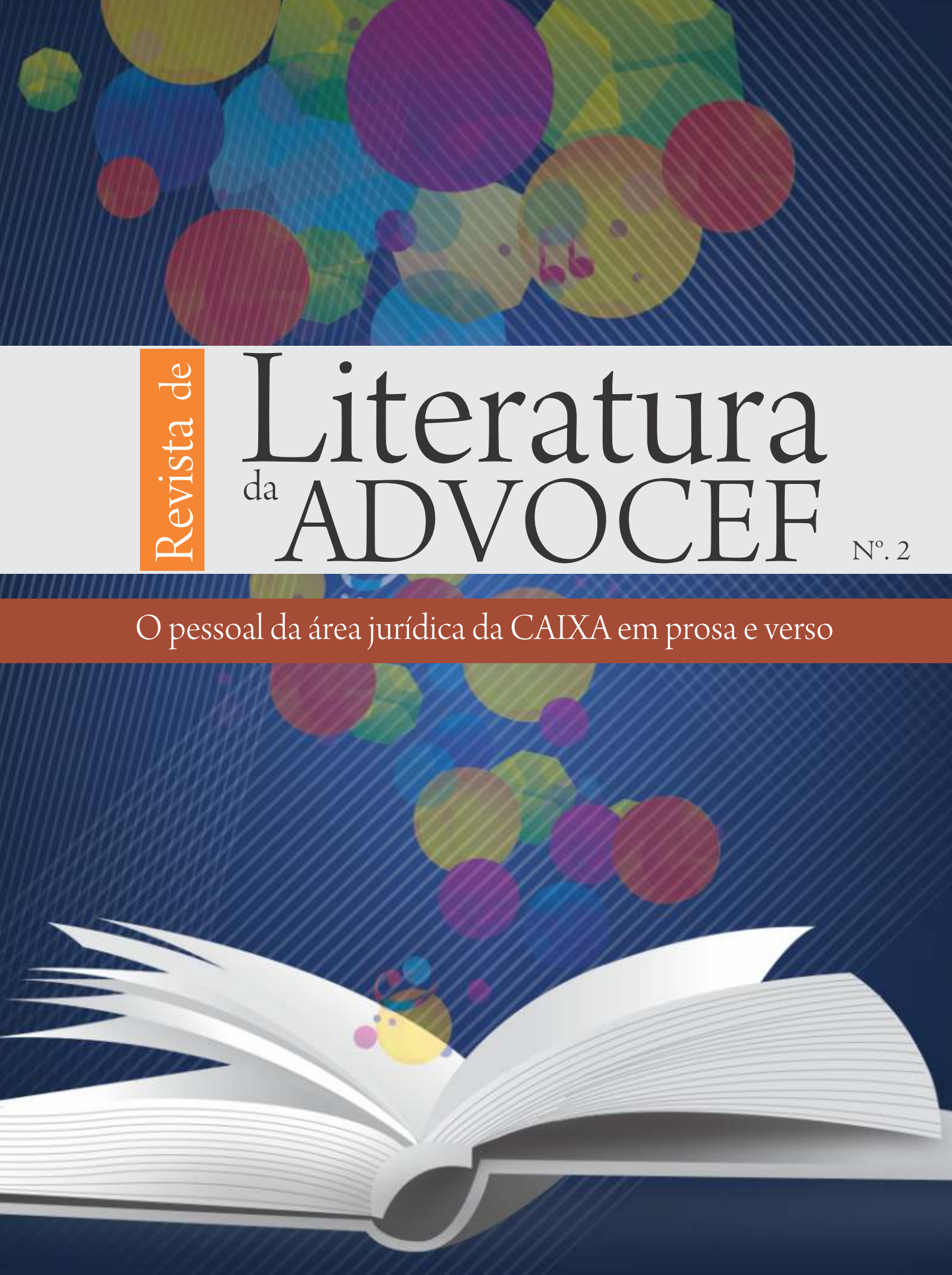


The background of the cover is a dark blue field with a fine, light blue grid pattern. Scattered across the top and middle sections are numerous overlapping circles in various colors, including purple, blue, green, yellow, and red. At the bottom of the cover, there is a stylized illustration of an open book with white pages, shown from a slightly elevated perspective. The book is open, and its pages are fanned out. A small cluster of colorful circles is positioned just above the book, appearing as if they are floating or emerging from it.

Revista de

Literatura da ADVOCEF

Nº. 2

O pessoal da área jurídica da CAIXA em prosa e verso

Expediente

DIRETORIA EXECUTIVA 2014-2016

Presidente:

Álvaro Sérgio Weiler Júnior (Porto Alegre)

Vice-Presidente:

Maria Rosa de Carvalho Leite Neta (Fortaleza)

Primeiro Secretário:

Eduardo Jorge Sarmiento Mendes (Brasília)

Segundo Secretário:

Magdiel Jeus Gomes Araújo (João Pessoa)

Primeira Tesoureira:

Marta Bufaical Rosa (Brasília)

Segundo Tesoureiro:

José de Anchieta Bandeira Moreira Filho (Belém)

Diretor de Honorários:

Marcelo Quevedo do Amaral (Novo Hamburgo/RS)

Diretor Jurídico:

Renato Luiz Harmi Hino (Curitiba)

Diretor de Prerrogativas:

Justiniano Dias da Silva Júnior (Recife)

Diretor de Negociação Coletiva:

Marcos Nogueira Barcellos (Rio de Janeiro)

Diretor de Relacionamento Institucional:

Carlos Antonio Silva (Brasília)

Diretor de Comunicação Social e Eventos:

Henrique Chagas (Presidente Prudente/SP)

Diretora Social:

Roberta Mariana Barros de Aguiar Corrêa (Rio de Janeiro)

CONSELHO DELIBERATIVO

Membros efetivos: Davi Duarte (Porto Alegre), Carlos Castro (Recife), Marcelo Dutra Victor (Belo Horizonte), Patrícia Raquel Caires Jost Guadanhim (Londrina), Antônio Xavier de Moraes Primo (Recife), Fernando da Silva Abs da Cruz (Porto Alegre), Dione Lima da Silva (Porto Alegre).

Membros suplentes: Élica Fabrícia Oliveira Machado Franklin (Teresina), Anna Claudia de Vasconcellos (Florianópolis), Luiz Fernando Schmidt (Goiânia).

CONSELHO FISCAL

Membros efetivos: Adonias Melo de Cordeiro (Fortaleza), Alfredo Ambrósio Neto (Goiânia) e Melissa Santos Pinheiro Vassoler Silva (Porto Velho).

Membros suplentes: Edson Pereira da Silva (Brasília) e Rogério Rubim de Miranda Magalhães (Belo Horizonte).

Endereço em Brasília/DF:

SBS, Quadra 2, Bloco Q, Lote 3, Salas 510 e 511

Edifício João Carlos Saad | CEP 70070-120

Fone (61) 3224.3020 | E-mail: advocéf@advocéf.org.br

Equipe da ADVOCÉF:

Assistente Financeira: Deiviane Bárbara Bras Gomes; Assistente de Secretaria: Roane Gomes Máximo; Assistente Administrativa: Jéssica Oliveira Souza.

www.advocéf.org.br – Discagem gratuita 0800.601.3020

Advocéf

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS ADVOGADOS DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

REPRESENTANTES REGIONAIS

Aracaju: Bianco Morelli | **Bauru:** Rodrigo Trassi de Araújo | **Belém:** Anna Paula Ferreira Paes e Silva | **Belo Horizonte:** Celso de Oliveira Júnior | **Brasília:** Ricardo Tavares Baravieira | **Campinas:** Cleucimar Valente Firmiano | **Campo Grande:** Luiz Fernando Barbosa Pasquini | **Cascavel:** Renato Luiz Ottoni Guedes | **Cuiabá:** Sandro Martinho Tieggs | **Curitiba:** Marilane Ton Ramos | **DIJUR/SUAJU:** Luís Gustavo Franco | **DIJUR/SUTEN:** José Oscar Cruvinel de Lemos Couto | **DIJUR/SUTEN:** Efigênio Martins Sandes Neto | **Florianópolis:** Joyce Helena de Oliveira | **Fortaleza:** André Luís Meireles Justi | **Goiânia:** Ivan Sérgio Vaz Porto | **Ilhéus:** Matheus Oliveira da Silva Moreira | **João Pessoa:** Eduardo Braz de Farias Ximenes | **Juiz de Fora:** Marcus Vinicius Fernandes | **Londrina:** Patrícia Raquel Caires Jost Guadanhim | **Maceió:** Gustavo de Castro Villas Boas | **Manaus:** Raimundo Anastácio Dutra Filho | **Maringá:** José Irajá de Almeida | **Natal:** Francisco Frederico Felipe Marrocos | **Niterói:** Daniel Burkle Ward | **Novo Hamburgo:** Luís Fernando Miguel | **Passo Fundo:** Marlon Vendruscolo | **Piracicaba:** José Carlos de Castro | **Porto Alegre:** Fábio Guimarães Häggström | **Porto Velho:** Marília de Oliveira Figueiredo | **Recife:** Renato Paes Barreto de Albuquerque | **Ribeirão Preto:** Sandro Endrigo de Azevedo Chiaroti | **Rio de Janeiro:** Luiz Fernando Padilha | **Santa Maria:** Patrícia Della Mée Holtermann | **São José do Rio Preto:** Antônio Carlos Origa Júnior | **São José dos Campos:** Duílio José Sanchez Oliveira | **São Luís:** Marcelo de Mattos Pereira Moreira | **São Paulo:** Ricardo Pollastrini | **Teresina:** Élica Oliveira Machado Franklin | **Uberlândia:** Aquilino Novaes Rodrigues | **Vitória:** Angelo Ricardo Alves da Rocha | **Volta Redonda:** Leonardo dos Santos.

Revista de

Literatura
da
ADVOCÉF

Nº. 2

Conselho Editorial: Henrique Chagas e Roberto Maia
Editor: Mário Goulart Duarte

Projeto gráfico, capa, contracapa e ilustrações: Eduardo Furasté
Editoração eletrônica: José Roberto Vazquez Elmo

Tiragem: 2.500 exemplares | Impressão: Gráfica Athalaia

Janeiro 2016

Índice

Apresentação

4

Contos

A caranguejada	64
A hepatite é um perigo	53
A perguntadeira	13
A saga de Ulisses	101
A surdez	28
Clareia	38
Confraternização de ex-alunos	65
Conversa entre mãe e filha	29
Em nome da festa	63
Mandioca	67
Noivos	23
O andadeiro	132
O casamento	24
O cotidiano de Maria	27
O decote	44
O detetive	32
O prefeito perfeito	17
O remédio e a cura	68
O São Sebastião açoriano	46
O sonho real	56
Superstição	74
Último amor	58
Vitória	7

Crônicas

A disputa	16
A Tartaruga espantada e a Lebre encantada	75
Aos jovens advogados	114
As mil e uma noites de minha paternidade	19
Castigo de brinquedo	14
Criar galinhas	59
Cuidado: é frágil	35
Ditos e versos	144
Dr. Barboni	112
Ê, vida boa!	90
Ensaio sobre a tolerância	88
Fábulas do amanhecer	98



Crônicas

Mamãe, eu vou quecê	12
Menos lixo, mais vida	107
Meu tio herói	94
Minhas histórias da Paraíba	125
No manicômio	5
O carro-casa	129
O <i>homo caninus</i>	110
O peso das palavras	92
O sacrário	61
Os monstros da internet	124
Pelo menos duas vidas	84
Preito à braguilha das cuecas	72
Recuerdos de Buenos Aires	130
Se tivessem contado mais...	83
Sobre crianças, cachorros e galinhas	10
Uma pequena longa trajetória de um quase rábula	117
Viagem a Frederico	126

Poemas

À beira do rio	137
A espera	18
A feira	133
Açópolis: a Cidade do Aço	134
Aí você acorda	82
Apoteose	52
Apresentação	22
Arte essencial	54
Artista	41
Boa noite	57
C'alma!	142
Celular	123
Círculo vicioso	12
Coisas de mulher...	43
Convite	36
Correio eletrônico	122
Deidade	57
Desmedido	93
Efêmero	55
Eternidade	57

Poemas

Haicais	111
Haicando	111
Herança	54
Homem-de-aço	139
Infância	11
Ingratidão	59
Inspiração, sopro do céu ou do mar	8
Júlia	22
Lençóis brancos	45
Lendas	42
Meu Deus	62
Momentos marcantes	60
Muito tempo muito pouco	143
Musa	6
Na palma da mão da Tarde	81
Noite	9
Notícia de jornal	121
O enigma	79
O meu sertão	136
O pássaro	136
O que pode?	18
O torcedor e a mãe	66
Olhos do mundo	140
Out-dor	41
Pedaços	93
Poetas	7
Ponto de partida	79
Preparativos para o fim do mundo	85
Prova de fogo	138
Racionamento	108
Reconstrução	111
Sabores	51
Ser poeta	8
Silvo suave	37
Tempos	79
Um amor	41
Um crime na rádio	122
Vai criar jeito, aí	15
Vê de vitória	80
Vestes vermelho	51



A

Apresentação

A boa arte, de volta

A ADVOCEF (Associação Nacional dos Advogados da Caixa Econômica Federal) apresenta o segundo número da sua Revista de Literatura, que tanto sucesso obteve ao ser lançada no Natal de 2009.

O segundo número vinha sendo cobrado por inúmeros associados e empregados da CAIXA durante todos esses anos. A atual gestão da Diretoria Executiva comprometeu-se com esse anseio e é com felicidade que o torna realidade.

A Revista nasceu de uma proposição de Jayme de Azevedo Lima, associado aposentado, aprovada por unanimidade no XV Congresso Nacional da ADVOCEF, realizado em Aracaju (SE).

Contistas, cronistas e poetas, radicados em todos os recantos do país, mostram a sensibilidade, a criatividade e, acima de tudo, a arte que as letras podem expressar. No volume, suas obras literárias têm a companhia de belas ilustrações e um leiaute gráfico digno dos grandes projetos.

Os autores tratam do ofício de escrever e da paixão pela leitura. Falam de crianças (e de sua própria infância), das relações familiares, do amor em geral. Especulam sobre a existência e a convivência cotidiana, comentam a política social e o meio ambiente.

Nos contos, poemas e crônicas, analisam a vida humana em seus grandes e pequenos assuntos, inspirados e vividos em casa e no trabalho, tratados com a devida gravidade e também com um humor contagiante.

São 27 autores, advogados e demais empregados da área jurídica da CAIXA, dentre ativos e outros já aposentados, espalhados por 11 Estados, com trabalhos que ajudam a refletir um pouco esta rica diversidade cultural do nosso enorme país.

A ADVOCEF convida o leitor e a leitora a refletirem a produção simbólica de seus escritores. São narrativas sensíveis que ampliam o repertório de representações existentes sobre os próprios autores e desafiam os demais a se expressarem pela arte, marca sensível a se expandir nos corações e mentes de todos.

Receba a Revista de Literatura nº 2 como demonstração da sensibilidade dos que fazem do Jurídico da CAIXA um órgão peculiar, composto de trabalhadores que se expressam, também, através da arte, a boa arte.

Que todos tenhamos um excelente 2016.

Diretoria Executiva da ADVOCEF

No manicômio

André Falcão de Melo

Hoje, se me pergunto por que amo a literatura, a resposta que me vem espontaneamente à cabeça é: porque ela me ajuda a viver. A frase não é minha. Consta do prólogo do livro “A Literatura em Perigo”, do búlgaro Tzvetan Todorov, tradução de Caio Meira, que me caiu às mãos por um vendedor ambulante de livros, em Ouro Preto, nas Minas Gerais.

Passávamos por uma de suas calçadas de pedras irregulares construídas na época em que ainda se chamava Vila Rica, visitando, ou revisitando, seus monumentos, igrejas, ruas e lojas de *souvenir*, quando com certo estardalhaço pediu nossa atenção, tentando apresentar-nos os livros que tentava vender.

Era magro, estatura mediana, mais pra baixo, cabelos finos, ralos e poucos, parcialmente escorridos e grudados à raiz do couro cabeludo, dentes mal cuidados e, principalmente, de uma inteligência brilhante. Foi só perceber que lhe dávamos alguma atenção para desandar a apresentar um e outro exemplar de seus livros, invariavelmente ótimas obras, algumas raras. Perguntou se gostaríamos de ouvir uma poesia de sua autoria. Permissão concedida, passou a declamá-la, exagerando nos gestos e trejeitos da face, não sem antes avisar-nos de que era um tanto quanto anárquica. Muito bom!, exclamei. Não satisfeito, no mais absoluto regozijo por aquela “oportunidade”, sacou de um exemplar de Fernando Pessoa e declamou para nós parte de “Esta Velha Angústia”, de seu heterônimo Álvaro de Campos. Emocionou-nos.

Continuasse, embora, sentado na calçada, enquanto seus livros eram-nos desordenadamente apresentados, e nós em pé à sua frente, enxerguei aquele referido no início da crônica e, após folheá-lo rapidamente enquanto ele falava e gesticulava

freneticamente, decidi adquiri-lo. Surpreendeu-se com minha escolha. Antes já havia me perguntado se eu era doutor, e se era português. Médico, perguntei? Não, doutor, disse-me. Agora que escolhera comprar um Todorov, também afirmava para mim: você também gosta de literatura. E indagava: É escritor? É poeta? Seu interesse e alegria aumentaram.

Reclamou-me, porém resignadamente, que ninguém parava para ouvi-lo, só a gente parou. Mas ler demais era perigoso. Eu decerto sabia, afirmou. Deixa-nos a todos um tanto loucos. O manicômio o entenderia melhor. E lembrou o poema de Pessoa, agitando o livro. Lugar dos incompreendidos e leitores compulsivos.

Feito o pagamento, despedimo-nos. Até um dia, disse-nos, retribuindo-nos os cumprimentos. Até um dia no manicômio!, esclareceu. Até, sorri-lhe.



Musa

Francisco Spisla

Felizmente minha última musa partiu.
Já estava gorda e pachorrenta
e gargalhava com ausência de dentes
balançando seus enorme seios:
duas melancias gelatinosas.
Deu um arroto nojento e sumiu
numa fumaça cinza, pestilenta.

Desde então tenho esperado a vinda de outra
que entenda de cristais quebrados
que saiba abrir armários do tempo,
que morda os lábios quando me vir.
Musa que seja um passado revisto e melhorado,
que mantenha o frescor jovial
e não mostre as fotografias do tempo
em terrenos arados por peles rugosas.

Musa que não me deixe plagiar
versos de paixão, mas que não ria
se, por sua causa, eu fizer trovas
de amor com rimas juvenis e melosas.
Que acredite no meu coração
e perdoe meus arroubos de adolescente.

Musa que de dia brinque igual a menina
e aja de noite como mulher,
que afirme não existir passado
e não acredite no futuro.
Musa que abra as portas da compreensão
para eu entender o porquê do brilho da lua cheia.



Vitória

José Sotrati Junior

Eu não o vi chegar. Ele, aparentemente, observou o movimento e foi aproximando-se, cada vez mais e mais perto, até ter a segurança de que não seria expulso. Entrou timidamente na sala e ficou pela periferia dos acontecimentos.

A camiseta verde, como a minha, estava muito, muito gasta. O jeans surrado clamava por limpeza e o tênis com marcas de cimento poderia vincular aquela figura a um operário da construção civil.

- Você tem um penetra aqui! - ouvi uma voz feminina atrás de mim.

Nem olhei para ver quem tinha dito isso. Observei o rapaz, talvez um pouco mais novo que eu, olhar tímido, meio perdido.

Era um evento público, embora de caráter mais reservado, o que não configurava uma invasão por parte daquele homem.

Ainda que ele parecesse alcoolizado, não tomou nenhuma bebida do coquetel à disposição dos participantes, reservando-se a, vez ou outra, pegar um pedaço de queijo.

Quando a fila diminuiu bastante ele aproximou-se. Tomou lentamente um livro entre as mãos e, como a esperar algum tipo de advertência, segurou-o por alguns instantes.

Desviei minha atenção por um momento, mas voltei ao centro da cena quando Isabela estendeu-me o livro e apontando para o rapaz disse-me: “É dele”.

Abri o livro e estranhei o nome da dedicatória que ela já havia escrito. Isabela notou meus sentimentos, eu acho, e emendou: “É para a filha dele”.

Depois de quase uma hora de autógrafos pensei estar acostumado a fazê-los, mas, estranhamente, nada me ocorria pra escrever para aquele potencial e improvável leitor.

- Qual a idade dela? - perguntei, dirigindo-me pela primeira vez ao rapaz, buscando informação e inspiração para escrever algo relevante para a filha daquele homem.

- Ela tem doze, moço... Gosta muito de ler.

Devo confessar que não lembro o que escrevi para ela. Ficou marcado, ao contrário, o enorme sorriso que o tímido rapaz me dirigiu ao receber o livro e estender a outra mão para apertar a minha e agradecer.

Depois disso não o vi mais. Espero que sua filha, Vitória, tenha gostado do presente que seu pai levou-lhe naquela chuvosa noite de quinta-feira.

Poetas

Davi Duarte

Poetas são anjos,
Que à terra vêm
Torná-la mais leve
Para o nosso viver.

Poetas são quietos,
De barulho não gostam,
Mas há exceção!
Alguns falam alto
Próximo ao coração!

Poetas são anjos,
Que à terra vêm
Afinar instrumentos
Para tocá-los no além.

Poetas são anjos
Que à terra vêm
E quando ao céu retornam
Os demais rezam: amém.



Ser poeta

Lourenço Neto

Ser poeta é ser indulgente
Amar às largas o mundo
Ter pensamentos rotundos
E percepção do que sente

É arder-se em pensamento
Mais das vezes desconexo
Burilar, polir o léxico
E pôr nisso seu cimento

É coser com a palavra
A pura ideia flamejante
Assombrosa e infamante
Que agora é sua escrava

Doce e lenta agonia
É transformar com formosura
A palavra, a rima dura
Verdadeira alquimia

Quando assedia a dor bruta
Do querer sem inspiração
Os frêmitos de consumição
Desgastante e interna luta

Há poemas canalhas
Que escreves e refutas
Que a tratar-te como putas
Cortam-te qual navalhas

Outros doces, como filha
Obediente e sincera
Que surpresas não encerra
Isolados como ilha

É deixar-se ler na alma
No que há de mais profundo
Ser um nobre, um vagabundo
Ter na esperança uma arma

E quando a vida então romper
Com pueril fascinação
Colhe esta inspiração
Corre, põe-te a escrever!

Inspiração, sopro do céu ou do mar

Manoel Messias
Fernandes de Souza

Oh, pretensa e férrica inspiração,
Ainda que possa, do seu antro,
Alçar voo cego, do vazio à vastidão,
Resvala no pensar, de tanto a tanto,
A fluidez do seu precioso encanto.

Assim, liberta do axioma imberbe,
Do sofista ao pós-moderno,
Arranca inspiração, direto da fonte,
Sentido estrito ao sem-sentido.

Inspiração, sopro do céu ou do mar,
Ave canora a emprestar seu canto
Que, sendo espontâneo, sem pensar,
Ao poeta está pensado e pronto.

Sutileza de estranha magnitude,
A perpassar do aparente ilusório
Ao porvir do esplendor da concretude
Dos jardins, do perfume ao empório.

Inspirado. Respirado. Transpirado.
Eis o poema em corpo e alma.
Enfim, poucas palavras bastam,
E o Universo elas desbastam.

Noite

Lourenço Neto

Na longa noite
Da obscuridade, da hipocrisia
A ausência da boa poesia
Ah! Que saudades do “gauche”

Passa noite, vem o dia
Vem a hora derradeira
Onde é que está o Bandeira?!
Me debato em agonia!

Desfavorável conjuntura
Parece uma febre malsã!
Onde é que está o Trevisan?!
Pobre da literatura!

Com voracidade e sofreguidão
Lia eu desde menino
As crônicas do Sabino
Êta mineiro dos “bão”!

O mercado literário
Hoje é dos hedonistas
E também dos alquimistas
E quem sofre é o erário!

Haja tanto patrocínio
De projeto cultural
É verdadeiro curral
Da cultura, um morticínio!

Oh, leitor, não se iluda
Escrever é um negócio
No milionário filão
Dos livros de autoajuda

Nunca vi tanta besteira
Dá vontade mesmo de rir
Do que escrevem por aí
Chego a ter uma zonzeira!

São tantas traquitanas
Tão ruins a se vender
Quase nada para ler
Que saudades do Quintana!

A literatura se rendeu
Apenas ao metal vil?
Onde é que já se viu?
O talento se perdeu?!

Títulos tão chinfrins
Atrás do leitor fácil
A última flor do Lácio
Não respeitam, enfim

Mas não perco a esperança
Tal qual um romance épico
Como a trilogia do Érico
Que nos traga uma mudança

Estou equivocado, enfim?
Será pura casmurrice?
Ou talvez uma burrice?
Ou os autores são ruins?

Responda você, se souber
Tire a sua conclusão
Desta grande confusão
Saia desta se puder!



Sobre crianças, cachorros e galinhas

Éder Maurício Pezzi López

Sempre me chamou a atenção a diferença que se faz entre as palavras galinha e frango. Talvez seja uma diferenciação bem ibérica, porque ela também é encontrada nos países de fala hispânica (“gallina” e “pollo”, espanhol). No Brasil até se fala em “galinhada”, um típico prato mineiro, mas nos outros países da América Latina dizer que se vai comer “gallina” é quase que um ato de selvageria. Aliás, desde pequeno aprendi a diferença, porque meu pai - que era chileno - me explicava que a galinha é o animal vivo e frango é o que se come.

Essa diferença semântica, na realidade, sempre me pareceu pouco relevante, até que agora a minha filha Gabriela, de quatro anos, tem começado a perguntar de onde vêm as coisas, especialmente as comidas. Se ela se desse conta de que o frango é a galinha e que a carne é o boi, teríamos muita dificuldade em manter uma boa dieta para ela, e, muito provavelmente, ela se tornaria vegetariana. Não se trata de mentir pras crianças, mas - sem qualquer julgamento de valor - garantir uma alimentação saudável. Só isso.

Em realidade, a Gabriela sempre foi apaixonada pelos animais, e este ano tivemos a ideia de trazer para casa a Amora, uma filhote de cachorro vira-lata doada por uma ONG. Nos últimos anos, temos visto uma onda do politicamente correto, do ecologicamente sustentável, de não comprar animais e de adotar cachorros de rua. E foi exatamente o que fizemos. De fato, a cadelinha era linda (marrom, estilo “salsi-lata”, com peito e patas pinceladas de branco), mas completamente louca e hiperativa. Ela sequer parava para que pudéssemos fazer carinho. Em um minuto ela conseguia derrubar o Davi (meu outro filho, com um ano e meio), lambia ele todo, mordida a Gabi, comia algum brinquedo das crianças e fazia xixi em algum quarto. O que era para ser “sustentável” se tornou



Gabriela (irmã do Davi) e Amora

completamente “insustentável”. Até a carne dos pratos que estavam sobre a mesa ela roubava - e apreciava muito o frango, em especial.

Por tudo isso, tivemos que encontrar outro lar para a Amora, e a levamos a um sítio de um tio da Adriana, minha esposa, que a aceitou de muito bom grado, colocando uma só condição: que não comesse suas galinhas. Quando saiu do carro, a Amora começou a correr por tudo e se adaptou imediatamente. Estava muito feliz. Voltamos a vê-la em algumas semanas, e eu sinceramente esperando que estivesse mais calma (sim, havia uma sutil esperança de repatriá-la). Mas ela continuava com a mesma loucura de sempre (só nos primeiros três minutos, derrubou Davi duas vezes). Depois de cerca de uma hora ali, uma cena me preocupou um pouco: vi uma galinha que saiu correndo desesperada ladeira abaixo e, atrás dela, a Amora perseguindo-a em disparada. Menos mal que foi só uma brincadeira. Amora logo a deixou em paz.

A realidade é que a vida moderna, com todas as suas imposições politicamente corretas, está ficando muito chata e complexa. Talvez um pouco mais de pragmatismo, sem tanta necessidade de reflexão obrigatória, fosse melhor. Ou, como concluiu a Adri, de forma prática: “Não podemos deixar que a Gabi descubra que frango é galinha, nem que a Amora descubra que galinha é frango!”. Simples assim.

Infância

Robério César Camilo dos Santos

A gente morava no interior,
mas pra mim aquilo ali não era só interior,
era meu exterior, minha Cidade e minha vida.
Ali a História corria tranquila.

Amanhecia,
era natural amanhecer sem a gente perceber,
mas dava pra notar pelo cocoricó do galo
que mamãe criava.

Os pássaros cantavam,
eu sem ressaltar ia estudar,
ia à escola ver a professora falar
o que eu não sabia
e levava a mana para aprender.

Quando vinha
percorria a rua e o quintal dos vizinhos,
pulava as cercas que existiam e seguia minha imaginação
até onde funcionava a padaria.
Tudo aquilo era quase uma coisa só,
uma vida só, minha criança era infinita.

Ao passo que dava
carregava lenha em troca de alguns trocados,
com as moedas comprava dindins,
macaúbas, e balas, e doces...
comprava aquela vida inteirinha.
Ah, vidinha barata e simples!

A tarde chegava que eu nem sentia.
Mamãe matava a galinha para o almoço,
ela a punha no fogo e o fogo a cozia,
tudo tão natural.
Em pouco o almoço já estava na mesa.
No mundo não havia comida melhor.

Papai era camelô,
às vezes não dava pra vir pro almoço
e comia por lá
a marmita que mamãe preparava.

Corríamos pela rua de pés descalços
iguais a baratas tontas até a boca da noite.
Era pezinho, boca de forno, rouba bandeira
e tudo que dava até o cansaço.

No finzim da tarde papai enfim chegava,
cansado e feliz; cansado, mas satisfeito.
Meus irmãos corriam ao seu encontro
primeiramente para ver o que trouxera.
Eu por fim ia dar-lhe um abraço,
ele nos afagava e me abraçava
e predizia o que havia trazido.

Era momento,
mal sentia a vida ou o tempo passar,
a comida já não era mais tão importante
e a noite era curta pra tamanha alegria.





Círculo vicioso

Francisco Spisla

Quero

sonhar
como sonha a criança sorrindo
para os anjos;

voar
como voa o jovem buscando
infinitos;

esquecer
como esquece o idoso voltando
a ser criança para

sonhar...

Mamãe, eu vou quecê

Roberta Mariana Corrêa

Naquela noite eles estavam ainda mais agitados. Era um pula pra lá, pula pra cá no sofá, um corre-corre ao redor da mesa da sala de jantar, um barulho só misturado ao som alto da televisão. E eu, ainda mais cansada, depois de um dia corrido de trabalho e um trânsito que mais parecia uma odisseia do que propriamente uma volta pra casa.

Toda aquela excitação das crianças me exigiu ainda mais criatividade e paciência para levá-los a escovar os dentes: com um, apostei corrida até o banheiro; com o outro, disse que contaria um segredo; ao menor, ainda absolutamente imerso no mundo da fantasia, disse que o bichinho do dente estava ali na sua boca, pronto para comer seus dentinhos. Ainda assim, confesso que não foi nada fácil terminar essa primeira etapa da hora de ir para a cama.

Boquinhos limpas, pijamas vestidos - após outro corre-corre digno das melhores pilhas alcalinas - consegui colocá-los na cama. Rezamos, conversamos um pouco e antes que a conversa pendesse às perguntas existenciais infantis - que conseguem ser mais desconcertantes que as dos adultos - disse um "boa noite", "mamãe está muito cansada hoje"... e os beijei.

O mais novo, que até há pouco exigia que me deitasse ao seu lado para dormir, há alguns dias começou a sentir-se um homem - no auge dos seus recém-completados 3 anos - e a me dizer com voz firme: "Vai pra sua cama". O que no primeiro dia não me pareceu nada agradável, naquele seria muito bem-vindo tamanha a minha canseira.

Mas não: naquela noite ele me pediu, mansinho: "Mamãe, deita aqui". E ali estava eu, espremida naquela minicama, aconchegada naquele corpinho de menino. E quando o silêncio começou a se instalar no quarto, ele chegou seu rosto mais perto do meu e, como se me contasse uma confidência, disparou a repetir no meu ouvido, sem parar: "Mamãe, eu vou quecê; mamãe, eu vou quecê; mamãe, eu vou quecê..."

Aquilo soou como num eco ao longo de toda a minha noite e apertou meu peito numa saudade antecipada desses momentos, dessa agitação boa da minha vida...

A perguntadeira

Jairdes Carvalho Garcia

- Pra onde a gente vai?
- Pra casa da sua vó, uai.
- Fazer o quê?
- Passear, uê.
- Por quê?
- Porque é domingo, pede cachimbo e a gente tem por costume visitar sua vó, só isso só.
- Tem mais alguém lá?
- Sua tia, seus primos, a vovó Lalá...
- O que que a gente vai fazer lá?
- Visitar, já falei, visitar.
- Por que a gente tem que visitar a vó, se ir ao shopping é melhor?
- Porque sua vó é minha mãe e anda rápido e não se assanha.
- Se você é o filhinho dela, por que não visita ela sozinho?
- Porque você é meu neném e tem que vir comigo também.
- Não sou neném, sou criança. E por que criança sempre dança?
- Por que criança é criança e pai é pai. Um obedece e o outro manda. Anda logo, vai!

- Então por que você é meu pai?
- Porque eu e sua mãe te fizemos, uai.
- E como vocês me fizeram?
- O pai colocou uma sementinha na mãe e nasceu você, minha filhinha.
- É igual semente de laranja ou de melancia?
- Não, minha filha! É semente de gente que o pai carrega com ele.
- Semente de gente?! Nunca vi! Cê tá mentindo pra mim...
- Que mentira o quê?! E eu minto pra você?!
- Então onde tá que ninguém vê?
- Ah, quer saber, você é uma menina muito chata e curiosa, fica aí toda prosa, perguntando tudo a todo momento, é tormento! Não vou responder mais nada, chega de palhaçada e também não vou mais na casa da sua vó, nem contigo nem só!

Passados alguns instantes, ela esquece tudo que perguntou antes e mandona, questiona:

- Nó, pai, por que a gente não vai pra casa da vó?

Castigo de brinquedo

Jairdes Carvalho Garcia

- Deixa eu assistir televisão?
- Agora não, tá na hora do almoço!
- Só um pouquinho, só até terminar o troço.
- Ok, mas na hora que terminar, desce logo, sem enrolar!
- Tá bão, então.
(Trinta minutos depois, prontos feijão e arroz.)
- O almoço tá pronto, desliga a televisão!
(Pausa.) “Cê” não escutou, não, a comida está esfriando! (Entrepausa.) Para de ficar enrolando, pode descer pra comer!
(Após nova pausa, sem motivo nem causa.)
- Ah, mãe, só mais um pouquinho, está acabando o filminho!
- Não, chega! Vem almoçar agora! “Cê” tá aí há mais de uma hora. Vou desligar a televisão!
- Ah, não! Que saco! (Fazendo morrinha.)
- O que você disse, mocinha?
- A gente não pode fazer nada nesta casa, nem fazer o que a gente gosta. Nossa! (Aos prantos, na ponta dos tamancos.)
- Ah, é assim, pode parar, e fim. Vem comer agora e, por favor, não chora!
(Desce muda, surda e emburrada, achando tudo uma palhaçada. Olhos fixos para o chão, pisando firme e com opinião.)
- O que você vai querer comer?
- ...
- Estou falando com você. Não vai falar, não? Vou colocar de tudo, então.
- ...
- Então é assim?! Vai ter que comer “verdim”.
- ...
- Ah, então tá bom, não vai ganhar bombom e vai ficar de castigo. Ninguém vai brincar contigo, nada de televisão, de tablet ou computador e, pra evitar aborrecimento, já pra cadeira do pensamento!
(Depois de dez minutos esperneando, sob o olhar da mãe lhe vigiando.)

- Mãe, desculpa eu! (Quase sussurrando.)
- Desculpada, mas você está abusando. Não faz isso nunca mais, isso não é coisa que se faz, que coisa mais feia, você faz isso volta e meia, depois fala que eu sou austera... etcétera, etcétera.
(À tardinha, após o sono da mocinha, brinca ela toda sapeca, com sua preferida boneca.)
- Não falei pra você não me desobedecer! Você está de castigo pra aprender a não brigar comigo! Vai agora, sem lamento, pra cadeira do pensamento!
- ...
- Ah, não vai falar nada não, então não tem televisão! Não gostei da sua conduta, então pode pedir desculpa!
- ...
- Então é assim, vai ficar sentada então, até pedir perdão.
- ...
E a boneca, coitadinha, sem entender nada de nadinha, fica dia após dia, semana após semana, quase um mês de tormento, na cadeira do pensamento.
Até que, num domingo, a guria lembra-se do brinquedo esquecido e, como se nada tivesse acontecido, tira ela do castigo.



Vai criar jeito, aí

André Falcão de Melo

Seu olhar, pra raiz
Pescoço pende
Olhar vago
Levanta a cabeça, pai
Vai criar jeito, aí...

Bom entristecer-me, não
Pensando, não
Até consigo, na hora
Levanta a cabeça, pai
Vai criar jeito, aí...

Como fosse mania nova
Nada demais, normal
Tento não olhar, vendo
Levanta a cabeça, pai
Vai criar jeito, aí...

Olhar seu, pra frente
Obediência relutante
Meu cuidador, era
Levanta a cabeça, pai
Vai criar jeito, aí...

De repente, memória
Acorda! Tá na hora! A aula!
Eu, então cuidado
Levanta a cabeça, pai
Vai criar jeito, aí...

Difícil, pai
Algumas horas, mais
Olhar não, consigo, não
Levanta a cabeça, pai
Vai criar jeito, aí...

Saudade, pai
Ser cuidado, ainda
Cuidador, preparado?
Levanta a cabeça, pai
Vai criar jeito, aí...

Acarinho os ombros
Ossos, mais o que sinto
Com pouca carne, estranho
Levanta a cabeça, pai
Vai criar jeito, aí...

Compaixão, amor
Até maior, parecem
Tristeza, negar, não
Levanta a cabeça, pai
Vai criar jeito, aí...

Acorda, pai
Comprei esse vinho
“Bora bebê-lo?”
Está melhor, você
Gostou dele?



A disputa

Jairdes Carvalho Garcia

Cheguei, como sempre, cansado. Cansado não, extenuado. Ela assistia, pela enésima vez, só naquele dia umas três, “A Noviça Rebelde”. Com muito custo, e a desgosto, aceitou descer para comer. Sem tomate, sem verdinho, sem legume e com beicinho. Sem nada, amiúde, que dizem que é bom pra saúde.

Terminada a breve refeição, subi para o banheiro, então. Antes do banho, tentei fazer o número dois, que teve que ficar pra depois, pois só saiu o número um e um ou outro pum. Quando, distraído, olho pra frente, lá está a menininha “prafrente”, com sua toalhinha enrolada no pescoço. É osso. Provocativa, a ativa me convida para disputar quem toma banho mais rápido. Me assanho.

Num salto acrobático e desastrado entro no box e, meio atrapalhado, abro o chuveiro. Matreiro, provoco a pirralha, que até perde a fala: “Estou ganhando de você, não adianta correr, lê-lê-lê-lê”.

Sai o primeiro choro e o primeiro grito. Eu me agito e vou ao delírio. Era tudo o que eu queria e continuo provocando a guria.

Num átimo, a menina, esbaforida, tira a roupa e, já despida, pula no box, abre o chuveiro e

molha o corpo inteiro. E, do pranto ao riso e do riso à gargalhada, provoca a malvada: “Eu é que vou ganhar, cê não tá com nada, tra-la-la-la”.

Enquanto lavo os cabelos, a pestinha pega o sabonete e o desliza sobre os pelos. Até que ao passá-lo na perna direita, a menina espoleta, não percebe um pequeno arranhão, fruto de uma estripulia na casa de sua tia. Novo choro, novo berro, e eu, às gargalhadas, ria da atrapalhada. Isso só amplificava a confusão até vir a intervenção materna, nem sempre terna, que briga com as crianças e até o pai dança.

“Nunca mais eu vou brincar com você!”, decretou a menininha. “Nem eu com você, sua criancinha. Você só sabe gritar e chorar, não sabe nem brincar.” “Mentira, eu prometo não chorar mais, você é que não me deixa em paz”, retruca a morrinhenta, que nem chorar mais aguenta.

E a brincadeira acaba por ali, sem brincar e sem sorrir. Mas a noite vem e a pobre da mocinha muda sua carinha de choro e, após uma história contada de memória, dorme o sonho dos anjos em paz. Amanhã tem mais.





Desenho de Luísa Ribeiro Carvalho

O prefeito perfeito

Jairdes Carvalho Garcia

Num lugar não muito distante havia uma cidade chamada “Lar”. Nesta cidade havia um chefe chamado “Pai”. Ele era o prefeito daquela pequena cidade.

“Pai” era um prefeito que se achava o máximo. Para ele não existiam problemas na sua cidade. Era só mandar que todos os súditos obedeciam. Aliás, ele nem sabia quem eram os seus súditos. Não conseguia ver nada além da sua imagem perfeita.

Se ele achava que alguma coisa estava errada, soltava um berro que fazia até estremecer as paredes da cidade “Lar”. Se a súdita feminina chamada “Mãe” ou os súditos pequenos chamados “Filhos” desobedecessem suas ordens, ele os castigava com surras e palavrões.

E assim se passavam os dias naquela cidade. O “Pai” achando que tudo estava certo e perfeito, a “Mãe” trabalhando para fazer as vontades do “Pai” e os “Filhos” tristonhos e com medo de serem castigados pelo “Pai”.

Um dia, o “Pai” foi passear em outra cidade chamada “Família”. Nesta cidade, o “Pai” decidia tudo em conjunto com a “Mãe” e com os “Filhos”. E além de decidir juntos, era também juntos que faziam as coisas. Lá, o “Pai” não só mandava, mas também obedecia a “Mãe” e a decisão de todos. A “Mãe” trabalhava junto com o “Pai” e com os “Filhos” para melhorar a “Família”. E os “Filhos” brincavam e sorriam sem medo de nada nem de ninguém. O sistema político daquela cidade chamava-se “Diálogo”, mas alguns chamavam de “Democracia”.

Ao ver aquele sistema, o “Pai” viu que não era perfeito. Viu que para administrar o “Lar” teria que decidir em “Família”. Só assim as pessoas poderiam ser felizes.

Hoje, o prefeito “Pai” já não se acha mais perfeito. Mas o seu pequeno “Lar” está cada vez mais bonito e feliz. Não para sempre, mas enquanto durar o “Diálogo”. Que seja para sempre!

A espera

Antônio Dilson Pereira

Eu tenho quem esperar,
cada espera vale um novo encontro,
é motivo para me alegrar.
Separar-se é dar oportunidade
de sentir saudade, de reencontrar.
Quando ela chega corro para abraçá-la,
beijá-la e com ela pular.
Pode se pensar que se trata da amada,
quando na verdade trata-se da
Flávia, filha adorável, surpreendente
e inteligente, independente e exigente.
Seu modo de ser me enche de orgulho.
Decidida, para ela o que importa é viver,
Para, ao final, o amor prevalecer.



O que pode?

André Falcão de Melo

O que pode ser melhor
Do que cuidar do seu socorro pedido?
O que pode ser melhor
Do que limpar as dúvidas do seu horizonte,
Seus medos, anseios,... até tristezas?

O que pode ser melhor
Do que sua confiança batendo no meu coração?
O que pode ser melhor
Do que ler sua admiração em seu olhar,
Seu respeito, sua alegria,... até discordâncias?

O que pode ser melhor
Do que recordar de você,
Quando seu cheiro tão bom
Não está por perto?

O que pode ser melhor
Do que ouvir sua risada,
Ver seu sorriso,
Secar seu choro?

O que pode ser melhor
Do que confortar seu abraço
Sentir sua alma
No meu abraço?

O que pode ser melhor
Do que exercer minha obrigação,
Meu direito,
Meu prazer?

O que pode ser melhor
Do que estarmos juntos,
Até mesmo como agora,
Quando somos dois e um?

O que pode ser melhor
Do que você no meu coração,
No meu pensamento,
Nas minhas mãos que só escrevem?

O que pode ser melhor
Do que nossos dedos mindinhos entrelaçados,
Após lhe dar a bênção?

O que pode ser melhor
Do que ser seu pai?

O que pode ser melhor, meu filho,
Do que ter seu amor?



As mil e uma noites de minha paternidade¹

Aurélio Henrique Ferreira de Figueirêdo

Um dos enredos mais conhecidos da literatura universal é o das *Mil e uma noites*: Cheherazade, filha do grão-vizir do sultão Chahriar, que, por sua vez, resolvera desposar diariamente uma jovem para, após a primeira noite de núpcias, tirar-lhe a vida, num ato de extremo desatino, após ter flagrado a primeira esposa em adultério, cria, com a ajuda de sua irmã mais nova, Dinarzade, um estratagema para livrar suas compatriotas do cruel destino. Ofereceu-se, por intermédio do grão-vizir, em casamento e, passada a cerimônia, pediu ao esposo que permitisse à sua irmã dormir em um aposento próximo, a fim de que pudesse se despedir dela, antes de sua execução. Na madrugada da primeira noite, Dinarzade vem ao encontro de Cheherazade e lhe roga, com a permissão do sultão, fosse contada uma última história. Ao amanhecer, a história não acaba, de modo que o sultão, curioso por saber o desfecho, permite-lhe viver mais um dia. Assim se sucede por mil noites, até que, na milésima primeira, o sultão desiste de seus atos e resolve levar uma vida feliz com Cheherazade.

Recordo-me de que, ao ler a introdução de uma das inúmeras versões reduzidas da obra, destaquei a oração que a definia como “a história do amor por

contar e ouvir histórias”. Na hora discordei, pois, para mim, o sentimento dominante, nos contos ismaelitas, era o da perseverança. O amor era consequencial, como um transeunte que, de repente, resolveu ficar. Como poderia pensar diferentemente, quando se observa o desdobrar de um plano que, apenas em sua execução, durou pelo menos dois anos e sete meses? Foi, de fato, a perseverança que animou a habilidade de sua personagem principal para conduzir o sultão do desencanto ao amor.

Eu mesmo tenho uma experiência pessoal de perseverança, que também emerge da história de um plano cuja execução levou um tempo parecido com o do clássico árabe. Trata-se da história do nascimento de minha primeira e, até então, única filha. Costumo citar a minha paternidade como uma conquista pessoal porque a considero nada mais nada menos do que isso. A minha filha não foi fruto de uma única noite, mas de, pelo menos, mil e uma. Atesto que ao final, o dileto leitor há de concordar comigo.

Inicialmente, devo registrar que tenho *oligospermia*, isto é, pouca contagem de espermatozoides, como

¹ Escrito em 13 de janeiro de 2014.

consequência de uma caxumba, ou papeira, como se diz em meu estado, que desceu à região perigosa. A bem da verdade, como tive a doença em tenra idade, não me lembro precisamente se o mal chegou, de fato, às partes baixas, mas um amigo meu, médico do trabalho, *parioca* (paraibano que morou muito tempo no Rio de Janeiro e, por via de consequência, fala carioca) e também portador do problema, certa feita, no que Shakespeare definiria como o desaguadouro da vã filosofia humana e a linguagem coloquial convencionou chamar de *mesa de bar*, sentenciou: “você não teve a papeira? E depois não teve a varicocele? Então desceu, pô!”. Aceitei o vaticínio como um dogma ou, melhor dizendo, como um postulado - pois no primeiro se acredita por uma questão de fé; no segundo, pela falta de um contra-argumento ou de uma prova em contrário - e, doravante, passei a dizer que desceu.

Descobri o problema aos dezenove anos, diria até que por mera casualidade, não fosse eu cristão. Submeti-me a dois procedimentos cirúrgicos, os quais, se não me curaram, pelo menos me ajudaram a não ficar irremediavelmente estéril.

Entretanto, como dito, as intervenções não me curaram. Já casado, após a segunda cirurgia e muitos espermogramas, o urologista me recomendou a fertilização *in vitro*. Orientou-me, também, a procurar uma médica em Recife, Dra. Madalena Caldas, pois, embora pudesse fazer o tratamento em João Pessoa, a taxa de sucesso de lá e dela, em especial - peço licença pelo trocadilho infame -, era melhor. Coloquei a esposa no carro e fomos à terra de Gilberto Freyre, em busca da tal médica, por sinal, uma profissional de extrema competência. Fizemos toda sorte de exames conhecidos e outros nem tanto.

Chegamos, até, a abandonar, temporariamente, o tratamento, porque minha esposa engravidara naturalmente. Infelizmente, no segundo mês, a gravidez não prosperou. Esta é a nota triste da história, motivo pelo qual hei por bem deixá-la por aqui.

Após um ano e meio, estávamos aptos a iniciar o procedimento. Essa parte da história, por si só, caberia num livro, mas tentarei usar de meu poder de síntese para acomodá-la à brevidade a que este texto se propõe.

A punção ovariana de minha consorte estava marcada para o dia 17 de julho de 2011 e, trinta e seis horas antes, foi aplicada uma medicação cuja finalidade era amadurecer os óvulos. A retirada desses não poderia ocorrer após aquele lapso temporal, ou, do contrário, teríamos de repetir toda a parte medicamentosa do procedimento. Por ato de pura irresponsabilidade, deixei para viajar a Recife apenas no dia da referida punção. Superestimei a curta distância que separa as capitais mais próximas do Brasil e o fato de o dia em questão ocorrer num domingo. Acontece que, nesse final de semana, em particular, precipitou uma chuva tal qual a do bíblico dilúvio, com diferença apenas na

duração: o último durou quarenta dias (e noites); o primeiro, acredito que umas quarenta horas. Foi, no entanto, o suficiente para causar um alagamento de grandes proporções na região, fato, inclusive, noticiado em âmbito nacional.

Chegamos a um trecho denominado *Botafogo*, quando encontramos o primeiro problema: um pequeno açude, às margens da BR-101, havia transbordado e ocupava a pista. Ninguém se atrevia a passar. Observei, pelo retrovisor, um ônibus que se aproximava e resolvi tentar a sorte, atrás dele. O problema é que o ônibus passou rápido e três motoristas à minha frente pensaram o mesmo. Eles passaram; eu não.

Quando desci do carro e o empurrei para fora do ponto inundado, constatei que não mais sairia dali, pois o automóvel deixava uma trilha de óleo. O relógio marcava por volta de 07h:45min e a operação deveria ocorrer, impreterivelmente, antes das 10h:00min.

Tivemos a providencial assistência de uns senhores que igualmente seguiam a Recife, a fim de vender caranguejo, no bairro de Afogados. Eles, como nós, ficaram no alagado, mas estavam na vantagem de possuir um carro antigo. Apenas enxugaram o distribuidor e estavam motorizados novamente. Fomos instalados na diligência, uma *Chevrolet Ipanema* que já havia visto dias melhores. A carona, por si só, foi um risco. O chofer poderia nos levar aonde quisesse, já que o limpador de para-brisa funcionava apenas do lado do motorista e os vidros laterais e traseiro estavam completamente embaçados, porquanto permaneceram fechados, devido à chuva, ao passo que a lotação estava completa, de gente e crustáceos. Poderia nos levar, ainda, na velocidade que aprovesse, pois o único marcador que funcionava no painel, pelo que pude perceber, era o do conta-giros.

O condutor, no entanto, levou-nos à direção certa e, quero muito crer, na velocidade adequada, posto que, em minha visão, qualquer uma era demais. Contudo, mais à frente, avistamos o segundo tropeço da viagem. Próximo a Recife havia outro alagamento e, neste, nem caminhão podia atravessar. O relógio marcava algo próximo de 08h:35min e, repita-se, era crucial que o procedimento se realizasse até às 10h:00min.

Despedimo-nos cordialmente de nossos benfeitores, gratificando-os com a primeira nota que consegui alcançar na carteira, cujo valor, por pueril vergonha, não revelo. Contamos novamente com a sorte, pois, muito próximo, havia um táxi parado. Perguntei ao taxista se ele tinha condições de nos deixar no Hospital Santa Joana, antes das 10 horas e este, após pensar por uns eternos 45 segundos, respondeu afirmativamente.

Aliás, aproveito a oportunidade para fazer um exercício de humildade. Sempre achei que conhecia Recife, até porque morei quatro anos na cidade. Fui, todavia, moral e intimamente assoalhado por aquele cidadão. Os lugares pelos quais trafegamos levou o meu conhecimento “à quinquagésima potência do



que o vulgo denomina nada”, para utilizar uma frase atribuída a Rui Barbosa, pelo anedotário popular. Somente pude atestar, com certeza fática, onde estava quando passamos ao lado do estádio do Santa Cruz. O trajeto anterior eu não me atreveria a repetir nem em meus sonhos mais delirantes, mesmo porque teve de ser modificado diversas vezes, em face de outras tantas inundações encontradas pelo caminho.

O fato é que chegamos ao Hospital a tempo. Os médicos já esperavam minha esposa na recepção e, de lá, levaram-na diretamente para o bloco cirúrgico. Aproveitei o momento para me secar e refletir sobre assuntos prosaicos, por exemplo, como resgataria o carro e como voltaríamos para casa. A mulher, no bloco cirúrgico, desatou a chorar, segundo me confessara, posteriormente, pois, conquanto repetisse, quase como um mantra, que chegaríamos, ela própria não acreditava.

Após o procedimento, a médica me cientificou de que somente foram coletados três óvulos, número relativamente pequeno para um procedimento dessa natureza. Confiamos na Providência e tivemos a grata satisfação de ver os três fecundados e chegarem à fase de blastocisto, melhor momento para implantação. Foram colocados dois embriões; o terceiro permanece criopreservado.

Quanto ao carro, em suma, a água entrou pelo cano de ar e foi jogada no motor quente, quebrando o bloco. O famoso *calço hidráulico* do jargão mecânico. Um suicídio automotivo. Foi necessária a troca parcial do motor. A maior parte da despesa foi coberta pelo seguro.

No que toca aos nossos companheiros de viagem, tivemos a feliz coincidência de reencontrar os

vendedores de caranguejo, uma semana depois, na mesma BR-101. O taxista habilidoso - permita-me chamá-lo assim - jamais voltamos a ver.

Dos dois embriões implantados, um nidou - perdoe-me, caro leitor, pelo excesso de termos médicos utilizados aqui de forma bastante ociosa, a não ser para indicar que estudei a fundo o assunto - perfeitamente, desenvolveu-se, nasceu com vida, atende pelo nome de Maria Cecília e hoje já caminha e começa a dizer suas primeiras palavras.

E, hoje, enxergando todos esses fatos, do fim para o começo, alegra-me perceber que o período entre o início do tratamento e o nascimento, correspondente aos meses de DEZEMBRO de 2009 a abril de 2012, durou dois anos e seis meses, ou seja, pouco menos de mil e uma noites. Na realidade, prefiro achar que foram mil e uma noites bem medidas e bem pesadas. Afinal, após toda a espera, o desembolso financeiro, duas intervenções cirúrgicas em mim e duas em minha esposa, um aborto espontâneo, a perda de um motor e de uma classe do bônus securitário, o abatimento, a temperança, a ajuda de notáveis desconhecidos e, enfim, o sucesso, reconheço publicamente que errei no passado. O tema central das *Mil e uma noites* é, de fato, o amor. A perseverança é consequencial; o amor é a causa.

Não apenas é uma história de amor, mas é a história do sentimento vivido em sua plenitude, capaz de nos aproximar de Deus, porque nos faz Dele muito mais semelhança do que imagem. É o amor citado por Khalil Gibran, outro célebre árabe, que não pede nada senão a si mesmo, nem entrega nada que não a si mesmo, pois é suficiente em si mesmo. Duvida que este sentimento exista? Minha receita é simples: tenha um filho!



Júlia

Jairdes Carvalho Garcia

Seu nome imperioso
Não agradou aos gentios
Que viam no antropônimo
Características de homônimos.
Mas, com seu poder de império
Impôs-se pela força do seu léxico.

E, com a soberania
Típica de monarcas
Apresentaste-te ao mundo
Como num baile sem máscaras
Ocupando-lhe o centro
Como se sempre lhe pertencesse.

E antes mesmo da revolta
Do império que lhe antecederia
Soltaste um brado tonitruante
Que desmantelou as conjuras
E despertou todos os sentidos
Para a sua majestosa direção.

Desde então não há
Espaço que não ocupes
E, diuturnamente,
És onipresente,
Como se o mundo só existisse
Com o seu nascimento.
Ave, Júlia!

Apresentação

Adonias Melo de Cordeiro

É cedo, acabo de acordar.
Respiro, com minha mãe,
O ar puro que exala a manhã.
Ao longe escuto o galo cantar!

O dia deve estar lindo lá fora.
Imagino mil borboletas voando,
Todas aquelas cores se misturando,
Tomara que elas não vão embora!

Queria poder correr e brincar...
Conhecer o mundo que é nosso.
Mas, agora, sei que conseguir não posso:
Tenho que me conter e, com paciência, esperar!

Sou fruto do amor de meus pais,
Fico muito feliz em saber.
Da inexistência não serei jamais...
Terei a maravilhosa chance de nascer!

Desta pequenina forma que sou,
Um outro ser florescerá.
Nesta bonita caverna em que estou,
O tempo, aos poucos, me transformará!

Queria poder passar por este corredor...
Conhecer o mundo que também é meu;
Não é que eu seja um desertor:
Anseio em conseguir o apogeu!

Deus me deu uma missão no mundo,
Caberá a mim a descoberta.
De posse do sentimento mais profundo,
Saberei agir na hora certa!

Faço deste pensamento uma oração.
No âmago do meu espírito,
Tudo isto está implícito.
Andarei sempre com esta devoção!

Queria poder acelerar o tempo...
Conhecer o mundo que não é só meu.
Gostaria de sentir o vento,
Neste mundo que também é seu!

É cedo, acabei de despertar.
Respiro, ao lado de meu pai,
O cheiro do campo que muito me atrai.
Ao longe sinto a felicidade chegar!

Noivos

André Falcão de Melo

- Espera! Para com isso, amor... Você já bebeu muito...

- Agora é que vou beber mesmo!

Tentou segurá-la pelo braço.

- Me larga - esquivou-se, grosseira, e partiu, bufando. Ele a seguindo. Passaram do nosso lado. Olhamos pra trás, os três, curiosos. Lá ia ela, à frente. Tentou aproximar-se e contê-la, com aquela expressão aflita e algo constrangida, sabedor de que aquela intimidade estava sendo compartilhada com os passantes da orla da Ponta Verde.

- Cê viu?! - o pai perguntou, espantado, à namorada.

- E então... Ele havia reclamado de que ela havia bebido muito no último bar em que estiveram. Ela, braba, disse que “nem tinha começado ainda”!

- Vixe Maria! Como as coisas tão, velho!... E a cara de bobo-aflito dele... Visse?

- Cara de otário da poxa - disse o filho.

- Meu irmão, isto eu via antigamente, mas ainda assim era o cara, normalmente um cabra grosso, quem fazia o que ela fez. E nem era tão comum...

- É mesmo - concordou a namorada.

- A mulherada tá virada na gota, hein? - disse-lhe.

Ela fez que sim com a cabeça, enquanto franzia levemente as sobrancelhas e, com os beijos fazia um bico, em que o inferior fica esticado pra frente e pra baixo, mais saliente do que o superior e cobrindo este. Tava pensando no que ouvira do namorado e no que havia ocorrido. Ele também refletia por alguns momentos sobre aquilo. Ela se cala pra pensar. Ele pensa enquanto fala.

- Tá calada...

- Tô pensando... Havia uma aliança em seu dedo anelar da mão direita.

Os três fizeram aquela cara de “oh, coitado!”.

Era noite, e a belíssima orla maceioense, com sua brisa fresca vinda do mar calmo azul-esverdeado, e seus muitos bares e restaurantes, estava lotada de turistas e jovens em férias, aguardando pelas talvez melhores festas de réveillon do país, ou simplesmente deleitando-se com os derradeiros dias do ano. O verão definitivamente chegara e a orla, mais do que em qualquer outro período - porque também iluminada, e os seus hotéis e prédios residenciais, pelas luzes e ornamentos natalinos -, era um espetáculo bom demais de apreciar.

Haviam resolvido repetir o passeio que fizeram no final da tarde do mesmo dia. Saíram a pé e foram passear, mais ou menos do Kanoa (barraca que é bar e

restaurante) ao atual Restaurante Maikai, antigo Rapa Nui, passando pelo Lopana Clube do Pirata e Pedra Virada (outras barracas-bares). Lopana e Kanoa as mais badaladas. Definitivamente, moravam, mesmo, no lugar em que os outros escolhiam para gozar férias. E Maceió se tornara, também, uma autêntica cidade de veraneio, ao menos até onde, nela, existissem o quadrinômio sol, mar, baladas e gente bonita.

A garota também era bonita, dos seus 25 a 28 anos, parecia. Hoje também é difícil identificar a idade das garotas. Muitas vezes, adolescentes em corpos de adultas. E com cara de mulher feita. Ou quase. Resultado de uma soma de hormônio, presente nas nossas proteínas animais, com muita malhação e, não raro, anabolizantes proibidos. Os homens, se ainda não é tão difícil a identificação da faixa etária a qual pertencem, são quase todos iguais: pernas finas, peito e braço bombados, também nem sempre às custas apenas do binômio malhação e alimentação suplementada com altas doses de proteínas e carboidratos.

O sujeito, o que levou o rela da garota, parecia uma mistura de gente boa com, com, com,... sei lá. Não era bonito, mas também não era feio. Detalhe: não era bombado. Eita! É mesmo... Será por isto que ela agia assim, embora a cara de legal do coitado? Mas lhe faltava amor próprio, acho. E moral. É! Faltava moral! - Cabra mole da boba - disse o filho. Era mesmo. Oxe!

Após voltarem, quando pensavam em retomar o passeio, novamente no sentido Sete Coqueiros-Ponta Verde, viram o tal casal no Lopana. Ocupavam uma mesa animada por cerca de seis ou sete garotas. Ele, o único homem, descansava a mão direita no colo dela, o braço um tanto esticado porque ela não estava próxima. Na verdade, quase de costas pra ele, falando, gesticulando e sorrindo alto.

Ficaram ali por perto durante um tempo, olhando o movimento e batendo papo distraídos. Deu preguiça de andar mais. Chope o pai não queria tomar, mas eis que a fome chegou. Pros três. Assim, depois daquela tradicional dificuldade de decidir o que gostariam de comer, foram enfrentar um temakizinho num japonês ali próximo.

Alimentados e tendo voltado ao calçadão da orla na direção de uma banca de revistas, eis que um sujeito quase esbarra no pai. Quando este se virou para ver o afobado, reconheceu-o. Era o rapaz cara-de-bobo-gente-boa que, apressado, ia embora. Sozinho e sem aliança.

O casamento

Arcinélío Caldas

Maria, radicada na Vila dos Colomins, entojada com a nona gravidez, segurava o engomador vigorosamente e passava a casaca que o marido iria vestir naquela noite festiva. Formosa, a filha mais nova choramingava baixinho, talvez de tédio por ouvir mais uma vez o ressoar do sino na igreja da povoação acusar cinco horas de uma amena tarde do verão de 1892. Monologava para passar o tempo e perguntava aos seus botões: “O que será de mim com mais este filho? Pelo visto nasci mesmo é para parir, cozinhar, arrumar o ninho e embelezar a roupa do marido que vai se divertir, destino de quase todas as mulheres dessa sociedade patriarcal e infernal”.

Nesse instante, surge à porta da casa Juvenal, filho dileto, esbelto como o pai, digno representante da valente raça goitacá, que dois séculos antes dominava as restingas e os brejos que circundam o litoral e a serra do Norte do Estado do Rio de Janeiro. Bastou a chegada do primogênito varão, dotado de uma presença de espírito invejável, dono de um ego forte, competitivo, bem sucedido na vida, para Maria esquecer-se das suas lamúrias.

O alegre jovem seguiu pelo corredor da casa, sob a chama fraca de uma vela que tornava o ambiente bruxuleante, a exigir que a irmã chorona apanhasse no guarda-roupas um enxugador para ele se banhar e acompanhar o pai na festa de aniversário do Barão de Carnaúbas. Aquele dia seria completo para sua vida social na região. Estava feliz como nunca. Cobiçado pelas jovens de sua geração, mostrava-se vaidosamente pronto para se exhibir, o que lhe deu durante grande parte da vida o apelido de Juvenal Narciso. Completara dezesseis anos e se julgava senhor de seus atos. Vivía dos frutos do seu trabalho no comércio de secos e molhados entre a cidade grande e a Baixada da Égua. Participava intensamente de tudo que a pacata vida no interior podia lhe proporcionar. Bom cavaleiro que era, tornou-se o número um nas cavalhadas de Santo Amaro e de São Sebastião. Nos saraus semanais, quer no Clube da Vila, quer na casa dos amigos, era o centro de

todas as atenções. Declamava, marcava quadrilhas e contava as piadas mais divertidas e avançadas para o seu tempo. Sabia fazer o povo rir com a sua arte de influenciar pessoas.

Juvenal acabara de selar o seu garboso tordilho Ferramenta para ir à festa programada. Amarrou-o no tronco da ingazeira à espera da hora da partida, quando veio a surpresa. Naquele instante de descontração e de magia, ao despontar no céu a lua cheia, Clara, irmã mais velha, na casa ao lado, anunciou o rompimento da bolsa anatômica e iniciou o seu trabalho de parto. Duas horas após, com auxílio de uma parteira, deu à luz a sua primeira filha chamada Santinha, suave como se fora uma bonequinha de biscuit.

Ao lado do cunhado Manoel Luiz, austero sitiante do distrito, Juvenal encantou-se ainda mais com a vida. A sobrinha que veio ao mundo provocou no seu âmagô um desejo incontido de ser ele o pai de tão desejada criança. Afirmou egoisticamente:

- É como se fosse filha minha.

Risos foram ouvidos, inclusive da irmã, que acabara de dar à luz a cobiçada criança.

- É um brincalhão esse Juvenal! - retrucou o pai.

Excedido em si mesmo, o jovem imberbe acompanhou o pai à festa de aniversário do Barão José Celeste, amigo, em cuja residência conheceu a jovem Berenice, filha de abastado comerciante da região. Com algum atraso, justificado pelo nascimento da neta, Manoel Azevedo, colchoeiro de mão cheia, cumprimentou com o filho todos os presentes, fez afago especial no aniversariante, ao qual entregou um mimo destinado à comemoração da data. Após serem servidos os comes e bebes, Manoel se sentou ao lado do confrade Elias Dantena, pai de Berenice, com quem passou parte da noite conversando sobre negócios e política. A festa foi completa. Os jovens dançaram, brincaram com os outros da mesma idade. Destacou-se no convívio, como sempre, Juvenal, que dominava as atenções ao se gabar das suas inesgotáveis histórias de sucesso.

Seis anos se passaram entre marchas e contra-marchas políticas e dificuldades econômicas que surgiam, refletindo-se no comércio e afetando os negócios da família de Juvenal, ainda mais pela sua fixação em cavalos de corrida, brigas de galos e farras homéricas. Em consequência, completada sua maioridade, o pai instou-o a assumir responsabilidades de homem, herdeiro dos bens e esperança da família na construção de uma nova geração.

Com dificuldade de postergar a assunção de compromissos com Berenice, pediu aos seus pais a mão da jovem em casamento. Numa reunião discreta em família trocaram as alianças que permaneceram grudadas aos anelares direitos dos dois jovens por onze longos anos.

O noivo, enciumado pela ronda de um terceiro à residência de Berenice, julgou-a não mais suficiente. Na verdade, abriu as portas para corresponder às expectativas da adorada sobrinha que, pelos exemplos domésticos de criação, julgava mais prendada para suportar seu temperamento exigente e voluntarioso. Em meio às dificuldades enfrentadas, Juvenal, que não dava o braço a torcer, absorveu as tarefas do pai na colchoaria e passou a investir na produção e venda dos produtos. Suprimiu temporariamente as idas ao Clube Elite em Campos dos Goytacazes, diminuiu a assiduidade às rinhas de galos, afastou-se das raías de corrida de cavalos no Farol de São Tomé e dedicou-se à sua nova paixão. A mudança de comportamento por um arroubo de esperança não tirou dele os sonhos e o romantismo. Deu uma guinada na sua trajetória de vida por essas razões que só o amor conhece.

Embora sabendo, por tudo quanto já tinha visto em suas andanças pelo mundo, que no amor não existe espaço para imortalidade e eternidade, rompeu o noivado de onze anos com rapariga formosa de boa índole e enamorou-se da prenda mais rara que conhecera na sua vida, a sua sobrinha que vira nascer, guardada no fundo de sua memória como um bem raro a ser cuidado por toda a vida. Noivaram, prepararam os esponsais, haja vista que, na época, a legislação civil não proibia a conjunção entre consanguíneos e agendaram o casório para vinte e cinco de fevereiro de mil novecentos e onze, inusitadamente, um sábado de carnaval.

A comunidade da Vila dos Colomins, onde residiam, entretanto, já podia adivinhar o que esperava a prendada noiva Santinha, linda de fazer o sabiá

cantar, ao desposar seu tio sedutor, farrista, jogador e bom vivante, vinte anos mais velho do que ela.

Mas, vontade seja feita. Com a igreja engalanada, ao lado da casa da noiva, iniciou-se, às dez horas, o casório tão esperado. Após o término da cerimônia religiosa, em plena praça pública, os festejos do casamento do ano foram marcados pelo espocar de fogos de artifício fabricados pelo cunhado do noivo, o fogueteiro português Antônio Patrão. Muita bebida, comida farta e doces diversos ditaram a farra comemorativa do enlace familiar. Às dezenove horas, entre a luz das lamparinas e o breu da noite, o casal recolheu-se aos aposentos nupciais para cumprir obrigações sacramentadas e dar continuidade à preservação da espécie, costume da raça humana. Ato popularmente conhecido como: matar o galo.

Ao raiar do sol no domingo de carnaval, a esposa procura o marido e surpreende-se com a notícia de que ele havia embarcado no trem para Campos. Muito injuriada, a recém-casada trancou-se em casa, consolada pela mãe, irmã e sogra de seu marido fanfarrão. Insuflada pelas fogueiras de plantão e alertada para o fato de que se não tomasse providências, sua vida de casada se tornaria um verdadeiro inferno, passou os três dias de folguedos carnavalescos remoendo o absurdo comportamento do cônjuge.

Juvenal, com seu gênio alegre e brincalhão, sob verdadeira chuva de fogos de artifício, confete e serpentina, juntou-se aos cunhados, primos, sobrinhos e amigos residentes na planície goitacá, alguns, inclusive, que se encontravam nas suas bodas da véspera, e caiu na farra do reinado de Momo. Participou dos blocos, ranchos e clubes Macarroni, Plutões, Felisminda Minha Nega, As Magnólias e o cordão de índios Temor do Norte. Alistou-se no corso que alegrava a cidade e se espalhava como um dos melhores carnavais do Brasil.

Quarta-feira de cinzas, Juvenal, extenuado pela esbórnia, retornou à Vila dos Colomins, encontrou na gare a sua jovem, bela e enfurecida esposa, que, parecendo um siri dentro da lata, apontava-lhe o dedo indicador admoestando seu procedimento, bem como exigia explicações para tão tresloucado gesto pós-matrimonial.

- O que é isso, Juvenal, onde está com a cabeça? Que satisfações você me dá para ficar em Campos, só Deus sabe fazendo o quê, durante três dias consecutivos, ainda mais no carnaval?

Juvenal notou que muitos olhavam para ele de soslaio e outros estavam a espiar pelas frestas das janelas das casas, entre as bambinelas, fazendo-o logo desconfiar que a raiva da mulher resultasse mais da influência das comadres, que torciam para ver o circo pegar fogo, do que pela decepção com seu comportamento exagerado.

Segurou Santinha solenemente pelo braço, na altura do cotovelo, com direito a pose para foto, e cortou a polêmica com doce sorriso, providencial aperto no ossinho do cotovelo e contundente observação:

- Lá em casa tratamos disso, está bom, querida?

Chegando à casa, Juvenal, antecipando-se à zangada consorte, aduziu em alto e bom tom:

- Escute aqui.

Cheio de firmeza, asseverou:

- Quem quis casar comigo foi você, sabia dos meus defeitos e virtudes, dos meus desejos e afetos. Desmanchei um noivado de onze anos. Agora é tarde para arrependimentos. Não é porque casei que mudei. Vamos levar o barco na base do forte e impetuoso amor que nos une, pois temos uma vida inteira de sonhos e não quero perder nem um minuto sequer, até porque sou mais velho, o que

torna o tempo escasso e meu caminho mais curto. Está entendido?

Santinha, resignada com a estupenda declaração, se fechou em copas, mais pelos condicionamentos impostos pela severa educação recebida e pelos costumes da época do que pelo desejo de realizar os sonhos expandidos pela idade. No mesmo ano veio o primeiro filho natimorto, face às complicações da consanguinidade. Após dois anos o filho Paulo e, finalmente, no sétimo ano de casados nasce a filha Néa, minha mãe.

Nunca se emendou o Juvenal, pai e tio-avô das crianças, chegava, saía, ora para o trabalho, ora para as corridas de raías e brigas de galo. Em muitas outras ocasiões visitava os compadres e amigos na praia do Cabo de São Tomé, permanecendo, às vezes, mais de mês sem dar notícias, principalmente em ocasiões de festas e farras. Quando retornava, invariavelmente, portava em sua mão direita uma flor altiva e bela, colhida no jardim da vida, afirmando para Santinha, sua incansável e amada mulher de todas as horas:

- Querida, pode crer! Em nome do nosso amor, onde estive, lembrei-me de você.

Viveram casados durante quarenta felizes anos.



O cotidiano de Maria

Lilian Deise de Andrade Guinski

Tudo permanecia escuro.

Os pés deixaram o conforto das cobertas quentes e tocaram piso frio - com o choque o sono dissipou-se.

Tateando os móveis e espaços já conhecidos por anos de escuridão, chegou à porta.

Com destreza a porta foi aberta de modo a deixar apenas uma sombra quase sem vida esvair-se pelo vão e nenhuma claridade ou som adentrar.

Tudo permanecia escuro e em silêncio.

Depois de poucos passos arrastados, mais uma porta foi aberta. Com a barreira rompida, o frio cortante entrou e usufruiu do parco conforto que o pequeno casebre podia ofertar - o frio acomodou-se - Maria não.

Vestindo uma fina camisola feita de saco de farinha de trigo bem alvejada, calçando um par de tamancos de sola de madeira já carcomida pelo uso, enrolada em um xale de crochê herdado da mãe, Maria não se acomodou.

Quebrando o gelo acumulado pela noite, dirigiu-se ao velho poço. A roldana já gasta e enferrujada cantou sua triste melodia e presenteou Maria com um balde carregado de lágrimas de água fresca.

Seguiu até o velho paiol no fim do quintal. Com os braços entorpecidos pelo frio e pelo peso da desconfortável carga composta de feixe de lenha e balde com lágrimas, a mulher arquejada pela vida retornou ao aconchego da casa.

A casa ainda estava tomada pela alma soturna da noite. Tudo permanecia escuro, em silêncio - gélido.

Antes mesmo de alimentar-se, Maria alimentou o fogão com diversos pedaços de madeira que em breve se tornariam carvão e aqueceriam o ar. Colocou uma chaleira com água para esquentar na chapa e

ali mesmo depositou nacos de batata doce colhidos na véspera.

Com a rotina de trabalho já iniciada, Maria enfim permitiu um tempo para si. Com dedos ágeis apesar dos calos, trançou os parcos e longos fios de cabelos grisalhos como quem trama uma coroa de louros. Com a trança feita e retorcida em coque singelo e quase irrealizável, Maria encerrou seu frugal momento de vaidade.

Agora coberta por um surrado vestido de chita xadrez, ainda abraçada pela única herança recebida da mãe, retornou ao quintal. Serviu uma quase fétida lavagem aos porcos, jogou milho às galinhas e aproveitou para colher alguns ovos para o “mata-fome” do dia; tratou das vacas e alimentou os cães. Aliás, era dos cães que vinha a única demonstração de carinho que a velha mulher recebia.

Com o sol já a meio céu alimentou-se das batatas doces assadas e bebeu o café feito horas antes. Não estava mais só, o marido levantara-se e estava a aquecer-se à beira do fogão.

O galo aquietara-se e o silêncio retumbava. Seguiram para a lavoura. O único som entre o casal surgia quando, rápida e acidentalmente, os corpos se atritavam no ato mecânico do arrancamento das batatas da terra. Passaram horas na mudez da lavoura, de onde só retornaram quando já assombrados pelas primeiras sombras da noite.

Já em casa o “mata-fome” requentado tornou-se um manjar.

O homem saciado seguiu para o quarto.

Maria lavou-se com a delicadeza de uma jovem amante em pleno devaneio e seguiu, arrastando os velhos tamancos de sola de madeira pela escuridão já conhecida, até adentrar no gélido quarto de amante.

A surdez

Arcinélío Caldas

Américo formou-se em Engenharia Mecânica aos vinte e três anos. Excelente aluno, não teve dificuldade em conseguir emprego numa indústria de peças automotivas. Nunca foi muito atento às normas de segurança do trabalho. Evitava o uso de protetor auricular e, por isso, muito novo, começou a sentir os efeitos da surdez ocasionada pelos ruídos incessantes da fábrica.

Agravado o seu estado por predisposição genética, já que era bisneto, neto e filho de surdos irremediáveis, Américo não tardou a ficar surdo de vez. A esposa Margarida e seus dois filhos debochavam do pobre marido e pai, ao afirmar que ele só ouvia o que lhe conviesse, embora fosse excelente leitor de movimentos labiais.

Levava a vida curtindo seus momentos de lazer, através do vício da jogatina. Jogava tudo. Corrida de cavalos, briga de galos, todas as modalidades de apostas em loterias. Na Caixa era conhecido como seu Américo “sortudo”, haja vista haver acertado cinco vezes na loteria, sendo uma na Quina, uma na Loteria Esportiva, duas na Loto Fácil e outra na compra de bilhetes.

Próximo da aposentadoria por invalidez, eis que Américo repete as dezenas 01, 16, 18, 27, 32 e 41, nas quais sempre e invariavelmente jogava. Acerta a Mega Sena acumulada. Recebe mais de trinta milhões de reais, tornando-se um homem rico para os seus padrões de vida.

O dinheiro, ao invés de trazer tranquilidade e paz, ocasionou-lhe uma série de problemas. Sobreveio a aposentadoria e o felizardo, livre das tarefas profissionais, deu uma guinada em sua vida de cento e oitenta graus. Passou a gastar grande parte da grana com ações benemerentes, o que gerou descontentamento da esposa e filhos ávidos por torrar a fortuna. Procurou uma fonoaudióloga famosa na região para cuidar do seu ouvido. Dra. Mariana prescreveu o uso de revolucionário



aparelho de audição, lançado na Alemanha e imperceptível aos olhos de qualquer pessoa.

Américo, após a colocação da prótese milagrosa, ouvia o que queria e escutava o que não devia. Seis meses após o uso contínuo do aparelho, compareceu ao consultório e ouviu as óbvias perguntas da especialista:

- E aí, seu Américo, o senhor sumiu! O que houve? O aparelho está funcionando bem? Adaptou-se a ele? A família está satisfeita com a recuperação do seu ouvido?

Ao que respondeu o paciente, sarcástico:

- Doutora, nem me fale. Não comuniquei a ninguém a colocação do aparelho, mas já mudei de cidade, deserdei os filhos e troquei de mulher três vezes. Até a última também já mandei andar. Estou aqui para agradecer por haver aberto meus olhos. Muito obrigado.

Conversa entre mãe e filha

Floriano Benevides de Magalhães Neto

Eles eram uma família muito unida. Um amor muito grande entre o pai, seu Roberval, a mãe, D. Mariana, e a filha Luisa. Um dia, a filha chama a mãe em seu quarto:

- Mãe, vem ver uma coisa aqui no meu computador!

A mãe, de repente, se põe em um nervosismo compulsivo: o que será que minha filha quer me dizer? E lembra-se daquela desconfiança de vários tempos. E pensa: pode ser também outra coisa, uma foto de um ator, uma notícia de novela, um filme que está entrando em cartaz...

Recorda-se também do irmão George, que sofrera tanto no colégio por sua dificuldade em pronunciar as palavras, que era motivo de risos e diversão de todos os alunos da classe.

Mas seu irmão era um aluno tal como os outros, possuía apenas uma pequena diferença, mas que para os colegas, ao contrário do que deveria ser entendido com respeito e dignidade, era uma situação para tratá-lo com preconceito.

Ao ser chamado para ler um texto ou apresentar um trabalho, gelava, tremia, seus lábios sacolejavam de ansiedade, a respiração faltava. E por mais que ensaiasse em casa, na hora a ansiedade o dominava. E, após, ficava se martirizando, envolto em vergonha e vontade de nunca mais voltar àquele lugar. Às vezes pensava até em desistir de tudo...

As pessoas são muitas vezes ignoradas por quem apenas se lembra de levar na gargalhada as diferenças dos outros, mas que, na verdade, todos nós somos iguais, todos temos virtudes e defeitos, talentos e deficiências, qualidades e erros, e damos motivos aos outros para se orgulhar, mas nunca para rir das pessoas, porque se deve gargalhar de algo engraçado, para distrair e levar alegrias às pessoas, e as deficiências das pessoas não são um show de humor.

Aliás, por trás de deficiências sempre há talentos encobertos, intimidados, que estão esperando oportunidade para aflorar, mas que muitas vezes definham em meio a tanto preconceito, discriminação e falta de respeito.

D. Mariana lembrava-se do seu tio Marcos, acometido de paralisia infantil, que puxava por uma perna, por ser mais fina que a outra, e os colegas do colégio e da rua o chamavam de “perna de molambo”, “pernetá”, o que o fazia faltar a semana inteira e até chorar para não ir à escola.

O pai, seu Moisés, viúvo, sempre o apoiava:

- Vá, meu filho, siga adiante. Não preste atenção nas palavras dessas pessoas. Se eles estivessem em seu lugar, talvez fossem até mais felizes, porque saberiam a importância do respeito para com as pessoas, a igualdade, o tratamento humano entre os desiguais, coisa que eles, na tenra idade em que estão, ainda não são capazes de fazer!

Recordara-se do vizinho, seu Carlos, com reduzida visão, que, ao sair com sua bengala pela rua era chamado de “ceguinho” por alguns e outros tinham dó dele, quando, na verdade, era totalmente independente em suas ações e atitudes. Aquele “ceguinho” era um cidadão que tinha estudado, tinha sua família, mas tinha dificuldade em conseguir um emprego, porque as pessoas sentiam dificuldades em se adaptar a ele. Ele não precisava de que as pessoas tivessem pena, ele queria ter uma oportunidade.

D. Mariana lembrava-se: um tio dela, seu Onofre, certo dia foi ao escritório onde trabalhava sua esposa, dona Célia, solicitar a sua dispensa. Queria a mulher em casa, cuidando do marido e dos filhos. No pensamento de seu Onofre, mulher assumir cargo de gestão nem pensar; aquilo era coisa para homem. E pessoas do sexo feminino alistar-se nas Forças Armadas era algo nunca imaginável. Mulher sendo tenente, coronel, comandante de tropa... Prefeita, Governadora, nem pensar. E Presidente da República, quando seria que o Brasil teria uma mulher Presidente da República? Para seu Onofre, jamais. Aquilo era coisa para macho!

Da mesma forma, votar era coisa para homem, a mulher tinha que ser totalmente submissa às ordens de seu marido. E uma mulher separada, ou como se dizia, desquitada, era alvo de preconceito na sociedade, quando não era tratada como uma prostituta.

As pessoas carentes não tinham oportunidade de estudar e eram prejudicadas por isso, não tinham acesso a uma instrução melhor. Quando adoeciam, eram internadas nos hospitais na ala dos indigentes. Havia também a área dos que pagavam a Previdência Social, os planos de saúde, os particulares.

Se havia uma questão jurídica a discutir, eram obrigados a procurar a Justiça dos Pobres.

A discriminação existia até nos nomes: indigentes, justiça dos pobres...

Alguns não sabiam, algumas décadas atrás, como lidar com as diversidades. Ora, essas pessoas mal percebiam que, no fundo, elas estavam tendo

preconceito consigo mesmas, porque estavam achando graça das deficiências da sociedade.

Como a vizinha Adelaide, que tinha uma filha, de nome Maria Vitória, portadora de Síndrome de Down, que era tida como “mongoloide”. Porém, Maria Vitória estudou e teve oportunidade de trabalhar, não era mais uma “mongoloide” e sim uma pessoa especial. E se esforçava para garantir o acesso a essas oportunidades.

D. Mariana se lembrou também do Roberto, que nascera sem os dois antebraços, vítima de um remédio que sua mãe tomara durante a gravidez. Família de poucos recursos, o filho sofreu muito na infância e na adolescência a discriminação das pessoas. Achavam que nada faria na vida, seria apenas um incapaz. Mas mesmo assim, estudou e se formou, podendo depois adquirir duas próteses que o fizeram ter parte dos movimentos do antebraço e das mãos recuperados.

D. Mariana conhecia uma outra senhora, de nome Maria de Fátima, que tinha maior dificuldade em comprar roupas devido ao seu excesso de peso. Ora, qual o padrão das lojas? São os números 38, 40, 42 para as mulheres. E as que vestem 48, 50, 52 estão fora do padrão, não podem comprar roupas?

Assim, não devem ser tratadas como exceções, mas sim como pessoas que têm direito a comprar roupa nos seus padrões, em seus tamanhos. Da mesma forma, sapatos, tênis, porque não se pode padronizar a pessoa humana. Cada um tem sua peculiaridade, e a fabricação em série não pode desprezar tal questão.

Outro irmão de D. Mariana, seu Geraldo, trabalha numa empresa como contínuo, e sente o preconceito. Alguns o tratam com grosseria, para outros ele é um ser invisível na entidade, imperceptível quando faz correto seu trabalho.

Passaram-se os anos, e as pessoas começaram a muito lentamente despertar para o mundo que as rodeia. Mundo dos deficientes, das desigualdades, não. Mundo real, não aquele imaginário e cheio de preconceito e de regras rígidas que a sociedade achava existir.

Os deficientes amputados ou cadeirantes participam de parolimpíadas, competem e ganham medalhas. Gente com problema de voz está atingindo ocupações antes não alcançáveis. Deficientes visuais e auditivos estão tendo acesso a concursos públicos e a trabalho digno.

Por outro lado, aquela atriz linda, alta, de olhos azuis e cabelos loiros, desejada por todos os homens, foi mais uma vez premiada como a melhor atriz. Mas aquela atriz linda, morena, de olhos negros e cabelos cacheados também é desejada por todos os homens, e também foi premiada em outro concurso como a melhor atriz.

Todos nós admiramos os músicos e pintores clássicos, mas também admiramos o escultor Aleijadinho, cujas obras são patrimônio da humanidade.

Admiramos Machado de Assis, portador de gagueira,

célebre romancista que fundou e foi o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras.

Na verdade, só teremos solução para os problemas do mundo quando todas as pessoas se unirem em torno de si mesmas, dissolvendo preconceitos e discriminações.

Pensando melhor, as desigualdades não estão entre as pessoas, entre os países, entre as nações ricas e pobres, entre as religiões. As desigualdades estão nas pessoas, em seus pensamentos discriminatórios que repercutem do mundo micro para o mundo macro, contaminando todo o nosso planeta.

No dia em que extirparmos do homem tais pensamentos poderemos ser realmente um mundo sem preconceito, porque este está nas pessoas, em suas atitudes, em suas palavras, em sua imaginação.

E, retornando, aquela mãe, D. Mariana, para com seus pensamentos e entra no quarto, respondendo:

- O que foi, filha, o que há de tão importante que tens para me mostrar?

A filha acabara de completar quinze anos. Uma festa para convidados do bairro inteiro, ela estava debutando, sendo oficialmente apresentada à sociedade.

A mãe congelou. Uma pedra de granizo subiu dos pés até o mais alto fio de seu cabelo. O que fazer? Chorar pelo resto da vida, mudar-se para outra cidade, para outro bairro? Protegê-la do preconceito, bater em quem dissesse algo de sua filha?

Ela, porém, não disse nada. Durante meses chorou ao travesseiro aquela situação. Discutiu com a filha, esta se propôs a sair de casa, pensou em lhe dar uma surra. Mas o tempo é capaz de curar as dores, enxugar as lágrimas e atenuar os pensamentos. Os dias, horas e minutos que, muitas vezes, fazem a diferença entre a vida e a morte, entre as atitudes das pessoas entre o bom e o mau caminho, fez aquela mãe finalmente esclarecer seu coração.

E aquela desigualdade se fez um elo de união bem mais forte entre mãe e filha, pois o amor entre ambas era mais forte que qualquer desafio, qualquer preconceito a ser enfrentado.

Toda a família estava unida em torno daquela menina, a fim de que ela se sentisse igual, porque, muitas vezes, a desigualdade é apenas fruto de uma sociedade que é desigual, mas que, no fundo, as pessoas que convivem cheias de desigualdades buscam uma harmonia, a fim de tornar o meio mais feliz de convivência entre tantos problemas sociais, políticos e econômicos, porém cabe a cada um de nós indicar o melhor caminho.

Ela não sabia ao certo qual seria o futuro de sua filha, mas tinha todo o amor do mundo para lhe ofertar. O apoio seria incondicional, por mais dura e árdua que fosse a vida de sua filha, em meio ao preconceito e à discriminação da sociedade. A mãe pensava:

- Será que meus pais vão aceitar, os tios, os irmãos, as irmãs, as primas?



D. Mariana contou ao marido, seu Roberval, e este, apesar da decepção inicial, apoiou a esposa. Teriam um longo caminho pela frente, talvez um sonho ou pesadelo, até que a realidade brotasse clara aos olhos de toda a família.

É a dúvida que todos têm logo de relance. A aceitação da família e qual seria a dose de preconceito aplicada àquele caso em particular. Mas no decorrer do tempo, a mãe e o pai foram percebendo que o amor superava a adversidade, que os avós, os tios, os irmãos, primos e amigos respeitavam aquela menina muito mais do que antes.

Lógico que alguns que se diziam amigos afastaram-se, não foram capazes de aceitar. Mas os que ficaram do lado dela se superaram e ocuparam o espaço daqueles, numa grande corrente de união e amor.

Devemos elogiar o belo, o brilhante, o genial, mas temos que dar oportunidade também às diversidades que existem em todas as sociedades, em todos os países. Será que já paramos para pensar qual o estereótipo do belo, brilhante e genial?

Os nossos objetivos estão dispersos, tais como estivessem no céu, que é infinito. E nossa vontade é como um pássaro, que pode escolher para que, onde e quando voar. Só precisamos escolher a direção certa em nossas vidas e não desistir, apesar das adversidades, das derrotas, das decepções, dos preconceitos.

Temos que ser perseverantes, porque, ao final, cada conquista, cada vitória tem uma história de dedicação,

de renúncia, de dor e de persistência. E se no caminho vierem pedras e desafios, devemos seguir adiante. Não podemos recalcitrar, porque, se desistirmos ou não formos persistentes, estaremos sendo preconceituosos conosco. E essa é a forma mais cruel da discriminação: discriminação consigo mesmo, que pode transformar-se em ideias de incapacidade, derrotismo, depressão, desilusão e tantos outros problemas.

Mas, na verdade, como pensa D. Mariana, a alegria de viver está no amor entre as pessoas, na troca de calor humano, no apoio em qualquer situação, por mais difícil que seja. Porque até mesmos nos mais bonitos jardins não existem só flores.

E como percebemos, à frente de adversidades, de discriminações e de preconceitos há sempre uma história de superação, de vitória. Parece que quando é mais difícil o esforço para se atingir, o objetivo o faz parecer mais fácil de alcançar. Enquanto isso, tantas pessoas com braços, pernas, corpo, voz normal, ou no padrão que a sociedade diz ser normal, ficam no meio do caminho...

Olhando-se por outro ângulo, a vida é tão curta, e devemos vivê-la intensamente, até mesmo porque, se na vida há desigualdades e diversidades que nos são impostas por terceiros, quando morremos somos todos iguais, e o que deixamos para a posteridade são nossas ações, nossas ideias, nossos gestos e nossos filhos, que podem, em cada geração, continuar essa mudança na eterna busca por um mundo melhor para todos.

O detetive

Francisco Spisla

O casal de velhos encontrara-o em uma casa na beira de uma estrada de pouquíssimo movimento. Faziam seu passeio matinal por aquele caminho, aonde ainda não tinham ido até então, e foram atraídos pelo choro intermitente e gritado que denotava dor e fome. Ao entrarem, os móveis tombados, papéis esparramados pelo chão, vidros quebrados, tudo mostrava um cenário de luta. Mas não havia sinais de sangue.

A criança encontrava-se numa espécie de porão, cuja abertura estava coberta por um tapete. Com certeza tinha sido ali colocada com o propósito de escondê-la de quem quer que tenha invadido a casa, e, com certeza, dopada.

Ao abrir o alçapão o idoso sentiu o cheiro acentuado de excrementos e urina da criança, quantidade que mostrava estar naquela situação há pelo menos um dia. Ainda não tinha um ano e se encontrava enrolada apenas em farrapos de um cobertor pequeno. No entanto, era um menino robusto e muito bonito.

Imediatamente limparam-no, enrolaram-no em outros panos que encontraram pela casa e o levaram até o hospital da cidade. Depois de informar o acontecido ao enfermeiro que os atendera, foram até a delegacia prestar declarações quanto ao ocorrido.

O fato é que nunca se descobriu quem era a criança, quem eram seus pais e o que tinha acontecido naquela casa. E nunca apareceu ninguém para reclamar a paternidade.

O menino foi encaminhado a um orfanato, onde cresceu, foi instruído e ao chegar à maioridade foi jogado ao mundo. Como o desenvolvimento escolar oferecido por aquela instituição deixava muito a desejar, ele não conseguiu fazer nenhum curso superior em uma instituição pública. E porque não tinha emprego que lhe desse renda para uma vida confortável, de posses suficientes para estudar em uma faculdade, limitou-se a fazer cursos por correspondência. Entre os muitos oferecidos pelo Instituto Universal Brasileiro, o que deu resultado, tanto econômico quanto de satisfação pessoal, foi o de Detetive Particular. Na verdade, a curiosidade para a profissão decorreu de sua própria vida. Tinha necessidade de solucionar seu passado por conta própria, uma vez que o poder público nada tinha podido fazer.

Mas ele também nada conseguiu. Descobriu, apenas, que sua história começava no momento em que seu choro infantil fora ouvido pelo casal de idosos. E o que era para deixá-lo muito frustrado e

depressivo, na verdade foi uma força motivadora para se especializar cada vez mais na profissão e se tornar uma grande referência no seu ofício. Tinha decidido que todos aqueles que precisassem de respostas sobre seu passado, ou mesmo dúvidas quanto ao presente, não ficariam sem saber o que precisavam.

Apesar de atender a todos que o procuravam para as mais diversas investigações, tinha uma atenção e um gosto especial por flagrantes de adultério. Isto porque o retorno não era somente financeiro. Aos trinta e cinco anos, era um homem bonito, estatura mediana, com músculos bem distribuídos pelo corpo. Uma barba sempre bem feita, que expunha constantemente um sorriso tristonho, despertava nas mulheres traídas o instinto materno de querer cuidar e dar carinho mesmo sem conhecer a condição por que ele passara em sua vida. Então, quando resolvia um caso de infidelidade, mesmo de certa forma atentando contra a ética, acabava, muitas vezes, por se envolver com alguma das clientes. Mas era algo sutil, cuidadoso, bem estruturado e um tanto quanto reservado. Assim quando acabava esse relacionamento compensatório, as mulheres guardavam uma lembrança gostosa de sentir e a certeza de que aquele tempo passado com ele só lhes trouxera vantagens. Isto porque ele nunca deixava o envolvimento ser uma transferência. Deixava que as mulheres fizessem a escolha do envolvimento e, também, que dessem a aventura amorosa por encerrada com a certeza de que não tinham sido apenas usadas.

Mesmo nunca tendo tido referência de relacionamentos amorosos, familiares e de amizade, conseguia conviver muito bem com todas as pessoas, principalmente as mulheres.

Sua situação profissional estava estabelecida, o que lhe estava dando um ânimo para se aventurar pela constituição de uma família. Pensava em se aliar a outros profissionais de modo a dividir serviços e diminuir as viagens e o grande tempo que passava fora de casa quando investigava seus casos. Ter mulher e filhos exigiria atenção e era algo que prezava muito, e que sabia fazer com mestria.

No entanto, seu projeto ficou pendente de implementação quando, certo dia, ouvindo gravações de grampo telefônico, alguém tocou a campainha. Guardou os equipamentos na gaveta da escrivaninha e foi destrancar a porta do escritório - era necessário tal cuidado na sua profissão. Antes, porém, perguntou:

- O que deseja?

- Queria conversar com o senhor. Quem me indicou foi a dona Beatriz - a voz indicava uma pessoa idosa, talvez doente, com problemas dentários ou de articulação.

Beatriz Fontoura de Passos fora uma das clientes com quem tivera um relacionamento de que mais sentia falta. Muito rica, o namoro chegara ao ponto da exposição social a que ele não estava preparado, nem ela tinha coragem de assumir. Mas ficara o registro de um carinho enorme entre os dois, e ela lhe mandava muitas clientes; uma forma de compensá-lo pela impossibilidade de convivência.

Escancarou a porta. No mesmo instante a plaqueta indicativa do escritório, "Daniel Siqueira - Detetive Particular", soltou-se de um dos lados e ficou balançando num dos prendedores. Ele tentou fazê-la voltar ao lugar apenas com as mãos, mas não conseguiu.

Nesse meio tempo, quem lhe procurara já tinha entrado e sentado numa cadeira à frente da escrivaninha. Daniel não tinha reparado. Depois que desviou a atenção da placa, ficou olhando para fora, nos dois lados do corredor, procurando o cliente. Como não o achou fez um meneio com a cabeça e trancou novamente a porta. Pensou que aquilo, a placa se soltar e o sumiço da pessoa, era muito estranho e não gostou da sensação que lhe provocara.

Ao se voltar para seu local de trabalho viu de costas o velho sentado e teve um reflexo que o fez levar a mão direita ao cinto atrás para pegar o revólver. Felizmente não o sacou, apenas ficou segurando e foi até seu local de trabalho.

- "Sastifação", Geraldo da Silva a seu dispor - levantou-se o senhor e lhe estendeu a mão.

Vendo que não havia risco, o detetive trouxe a mão à frente respondendo ao cumprimento.

- Daniel Siqueira. Em que lhe posso ser útil? - foi sentando e observando aquele velho estranho. Lembrava vagamente o contador de causos, goiano, por sinal com o mesmo nome, o Geraldinho. Tinha o rosto macilento, bochechas chupadas, talvez pelo fato de em sua boca existir uns poucos dentes. Mirrado, contudo pela idade mostrava que sua magreza era decorrente de grande sofrimento, pois seu porte indicava que em outros tempos tinha tido um corpo digno de atleta.

- Doutor. Estou morrendo... câncer... não tenho mais que quatro meses de vida... - embargou a voz e ficou com o olhar perdido, no vazio, com lágrimas teimosas a despontar nos olhos encovados.

- E... - o detetive estava ficando impaciente.

O velho Geraldo fungou e prosseguiu:

- Vou falar de uma vez porque não quero morrer com esse segredo. Eu fui matador de aluguel há muito tempo. Matei muita gente - Daniel começou a ficar um pouco incomodado, a ponto de baixar a mão e procurar a arma. - Mas já há muito tempo abandonei esse ofício e vim para cá, onde consegui emprego no sítio de



Dona Beatriz, que nunca quis saber de meu passado e sempre me tratou muito bem. E abandonei porque, de certa feita, quando tinha que sumir com uma mulher... - suspirou - ela estava com seu filho, pequenininho ainda. Eu tinha quarenta anos e matado muita gente, mas nunca crianças. E não era naquele momento que ia fazer. Então fiz uma coisa terrível. Depois de sufocá-la, sumi com o corpo da mulher, mas antes peguei seu filho, atordei com formol e escondi num tipo de porão de uma casa para que meus comparsas, que estavam esperando bem mais adiante num carro, não soubessem que eu tinha fraquejado. Pensava em voltar depois para pegar a criança... Doutor, doutor, que que há?

Daniel começou a suar, sua vista anuviou-se, e ele quase desmaiou. Ia tomar uma atitude drástica, mas conseguiu recompor-se. Pois percebeu que não podia, por ora, adotar nenhuma providência contra aquele homem que praticamente estava confessando que tinha matado sua mãe. Tinha que tomar cuidado. Precisava, antes de tudo, saber o que realmente ele queria. Respirou fundo, desculpando-se:

- Nada, não! Não se preocupe - apertou o maxilar falando entre dentes. - É que estou assim desde o almoço. Deve ter sido algo que comi e não me fez bem. Desculpe. Por favor, continue.

- Então, depois que cheguei a casa e fui dormir, alguma coisa aconteceu aqui dentro de mim que me fez chorar. Chorei a noite inteira e pensei no que eu havia me tornado. Eu que tinha feito primeira comunhão, que tinha sido coroinha. Matando pessoas... Mas o que mais me doía era o que tinha feito com o bebê. Se eu tinha jogado ele no porão, com certeza também ia morrer. A casa ficava em um lugar abandonado. Quis voltar lá, mas fui covarde. E também tinha medo de morrer porque, se quem me contratou soubesse o que fiz, não ia deixar por menos. Então fugi. Isso foi vai para mais de trinta anos. Vim para cá e tive muita sorte de encontrar a Dona Beatriz.

- Meu caro. Seus crimes podem já estar prescritos. Então o que realmente o senhor quer?

- É, eu sei. Mas eu não posso morrer sem saber o que foi que aconteceu com aquele bebê. Ele foi a causa de minha redenção. Mas eu quero ter certeza do destino dele. Meu coração não vai descansar, nem meu espírito, se eu não tiver certeza de que ele morreu. E eu vou ter de acrescentar mais uma alma para purgar meus pecados. Eu preciso de paz antes de morrer. E acho que só o doutor pode me ajudar - e começou a chorar um choro solto e sincopado.

O detetive, num misto de revolta e condescendência, quase lhe confessou que aquela criança era ele. Tinha tudo para ser. Então tudo se resolveria para o velho, que podia, então, morrer tranquilo. Mas pare ele não. Não teria mais nenhuma informação que pudesse fazê-lo chegar até a algum parente, descobrir onde sua mãe estava, e por que tinha sido morta. Então resolveu agir com cautela para saber todos os detalhes e descobrir todo o podre daquela história. E, de certa forma, exercer certa vingança contra aquele velho que matara sua mãe.

- Bem, seu Geraldo. Vou ver o que posso fazer. O senhor pode voltar aqui amanhã, no mesmo horário? Ligue antes, por favor - deu-lhe um cartão. - É que vou precisar de muitas informações e tenho de me livrar de algumas pendências para ficar só com o seu caso.

Precisava respirar, meditar, deixar de lado, pelo menos por enquanto, a revolta e a vingança. Precisava de sossego e de um bom tempo para pensar sobre aquilo tudo e ver qual a melhor estratégia a ser tomada tanto para descobrir seu passado, quanto para punir aquele homem, coisa que, naquele momento, não podia fazer em razão dos sentimentos que tomavam conta dele. E se não fosse ele aquela criança? Teria sido apenas uma coincidência, com certeza, mas não podia ser descartada. Sempre fora cauteloso, e não era agora, naquele momento de grande envolvimento emocional, que iria tomar alguma decisão ou medida apressada que pudesse resultar em prejuízo de tudo aquilo que esperava descobrir: quem era, de onde vinha, quem eram seus pais e parentes e por que tinha acontecido aquilo.

- Obrigado, doutor - o velho foi saindo. Na porta virou-se. - Ah, posso lhe dar algum dinheiro para as despesas - pôs a mão no bolso interno no paletó.

- Não, amanhã a gente vê isso.

- Mas não se preocupe com dinheiro. Tenho o suficiente para o senhor viajar e investigar tudo. Está bem guardado no sítio de Dona Beatriz, junto com uns papéis da época que o senhor pode precisar. Até amanhã.

Quando o cliente saiu, Daniel ficou sentado, estático, sem nenhum pensamento concreto, apenas procurando se acalmar, com um sentimento estranho de arrependimento. Sim, de arrependimento, porque novas sensações estavam aflorando. Novas perspectivas se apresentavam, mas que ele não ousava imaginar com medo do futuro. Medo de enfrentar um desafio de ser outra pessoa. Medo das mudanças que aquilo traria para sua vida.

E assim ficou a noite inteira naquele turbilhão de pensamentos sem saber exatamente o que fazer e aonde tudo aquilo o levaria. Não sentiu sono, não sentiu cansaço.

A manhã despontou com sua claridade cegante pela janela por detrás de suas costas. Nem isso, nem os barulhos habituais de quando o dia acorda, carros, ônibus, buzinas, pessoas conversando, fizeram-no sair de seu torpor. Nem uma sirene irritante de um carro de polícia bem perto, no beco atrás do prédio onde tinha o escritório, que de repente tocou por um bom tempo. Para ele tudo estava quieto, como se estivesse num pântano coberto por uma densa névoa.

Pelas dez horas, contudo, foi forçado a voltar ao mundo normal, levando um susto quando um homem alto, de barba por fazer, com um chapéu de feltro, cigarro seguro pelos dentes, com um sorriso sardônico, deu um tapa na mesa gritando: - "Acorde!". Daniel conhecia-o de passagem quando tinha de pedir algum documento na delegacia de polícia para auxiliar em suas investigações. Era um agente investigador.

Recompondo-se, piscou diversas vezes com se estivesse despertando para limpar os olhos que se encontravam um pouco anuviados:

- Sim?...

- Bati diversas vezes, como ninguém atendeu, experimentei a porta que não estava trancada e entrei.

- Desculpe, tive uma noite muito complicada...

- Tá! Vamos direto ao assunto. Agora cedo uma empregada do restaurante aí do térreo telefonou e registrou uma ocorrência... - deu um tempo olhando fixo nos olhos do outro a esperar uma reação. - Ela encontrou um senhor idoso morto, esfaqueado, aí no beco quando estava chegando ao serviço. Não parece ter sido latrocínio porque ele estava com uma bufunfa gorda no bolso. E como ele tinha seu cartão, vim ver o que você sabe sobre isso...

Daniel desmaiou, desabando sobre a escrivaninha.

Cuidado: é frágil

Roberta Mariana Corrêa

Lembro-me bem daquele dia quando às 5h da manhã recebi o telefonema de minha irmã dizendo que havíamos “perdido” nosso pai. Gelei. Ele lutava bravamente contra um câncer e eu acreditava, piamente, que ele venceria essa batalha. Ele sempre se saiu tão bem de outros “apuros”, era tão forte, tão amante da vida. Definitivamente, eu não estava preparada para esse revés.

Naquele momento tive a noção exata da fragilidade da vida. Não ouviria mais aquela voz serena e segura, não sentiria mais seu abraço acolhedor. Eu sabia que era o curso natural da vida, mas confesso que me senti, por um instante, desamparada. As lembranças se misturavam sem qualquer cronologia na minha cabeça enquanto eu atravessava o país para me despedir dele.

Foram milhares de quilômetros percorridos, numa longa viagem que parecia não ter fim. Ao final daquele dia lá estava eu, diante do momento mais difícil da minha vida, das lágrimas mais correntes,

da realidade mais fria. Não seria capaz de descrever tudo que se passou dentro de mim. Foi muito duro. Foi impiedoso. Perder alguém que muito amamos parece tornar ainda mais assustadora a consciência da fugacidade da vida.

E os anos se passaram. As boas memórias, os ensinamentos hoje em muito suplantam a dor, amenizam a saudade. Sou capaz de reviver cenas de tal modo que pareço estar ouvindo aquela bela voz, dou boas risadas de suas frases pitorescas, cantarolo as músicas antigas que me fazia decorar. Até comprei seu filme preferido para assistir outras vezes, mas confesso que só fui capaz de revê-lo uma única vez até hoje.

Ainda bem que demonstrei a ele, em vida, todo o amor que sentia. Embora eu não quisesse acreditar que a batalha pudesse não ser vencida, eu sabia que não o teria eternamente por aqui. É a vida, meus amigos: indiscutivelmente bela, indubitavelmente frágil.





Convite

Adonias Melo de Cordeiro

Oi, tudo bem?
Gostaria de lhe falar muitas coisas:
Coisas que expressassem tudo aquilo
De belo que eu tenho para transmitir.

Ei, em que você está pensando?
Desejaria lhe conhecer, minha desconhecida.
Queria bater um papo com você.
Apreciaria ver sua mão estendida.

Sinto um vazio no seu ser.
Sofro pelo vazio no meu espírito.
Por que não preencheremos o abismo?
Vamos sufocar essa carência?

Torço por uma vitória:
- A derrota só nos traz a amargura.
Que eu e você fiquemos alegres.
Vamos utilizar a nossa inteligência?

Não sei ao certo quem é você.
Não sei o que você pensa,
Nem do que você gosta.
Mas fique sabendo de uma coisa:

- Quando você quiser um amigo
É a mim que você deve procurar;
- Quando você precisar de amor:
Eu estarei sempre aqui!

Silvo suave

José Sotrati Junior

Silvo suave
É o som da sua voz
E a sinceridade do seu silêncio
Que me transforma por dentro
Deixando em minha boca o gosto
Da suavidade dos seus lábios
E deixando no meu tato
A maciez do seu rosto
A invadir todo o meu ser
Tomar minha razão
E de todo o coração
Me fazer viver

Silvo suave que invade
A noite de minha solidão
E alcança com seus sussurros
A escuridão do meu coração
E destrói as lembranças
Da dor e da tristeza
De uma vida que não existe
E de uma alma que espera ansiosa
O fim das horas dolorosas
Que me separam da felicidade
Silvo suave que se faz ouvir
E desperta a minha razão
Me faz ver, querer e sentir
A voz do meu coração
E desperta em mim o sopro da vida
Que se deve viver em verdade
Enfrentando as próprias frustrações
E descobrindo o caminho da alternativa
Para sentir o sopro da emoção

Silvo suave que me faz querer
Viver a vida num minuto
E ter um minuto de vida a mais
Para sentir o suave silvar
Invadindo o caos de sentir-me só
Despertando a vida latente
No interior de minha alma dormente
Que não conhecia tal prazer
E nova vida em mim se faz
Sem traumas, nem quebra ou dor
E permitindo que eu veja em seus olhos
O intenso brilho do amor

Silvo suave
Desperta-me à noite
Invade o horizonte
De quem não tem caminho
Despertando o sopro
De uma vida que nasce
Para ser salvação
De um coração sozinho
Sem luz nem carinho

Silvo suave, som do céu
Que anjos brilhantes
Cantam ao meu ouvido
Invade a noite de tristeza
Que um dia foi minha existência
Traz de novo a perdida beleza
Escondida em vácuos de dor
Desperta em mim a vida ávida
De se sentir pulsante
Importante como o ar que eu respiro
E como as noites que suspiro
Esperando o amanhã chegar

Clareia

André Falcão de Melo

Agora já não via mais nada, senão seu ombro desnudando-se, a pele alva descobrindo-se da fina alça do maiô que escorregara até quase a linha que faz limite com o antebraço. Sentiu o coração pulsar sôfrego e arritmico, e a caixa torácica mover-se freneticamente em função das pancadas desferidas pelo músculo desesperado. Só conseguiu levar a mão ao peito, como pudesse com isto acalmá-lo, contê-lo. No mais, seus olhos e alma estavam grudados na cena e na tentativa instintiva, muda e telepática de soerguer o fino fio de tecido. Por que ele disfarçadamente não o faz, não a recompõe, conseguiu perguntar-se no meio da confusão emocional em que estava agora imerso. Tinha vontade mesmo de gritar para que o fizesse. Pudesse, avançaria em sua direção e o repeliria de perto de sua amada. Viu quando a mão direita do sujeito desceu de seu ombro esquerdo, lenta e sedutoramente, e passou por cima da alça, descansando durante alguns segundos logo abaixo dela, para em seguida fazer o movimento de volta, deixando-a onde já estava, novamente sem a mínima disposição de recompô-la. Ele não a suspendeu! Poderia tê-lo feito, o desavergonhado... Fez de propósito!, concluía, contendo-se para manter-se passivo e quieto em sua poltrona. Até que finalmente ultrapassado o limite de sua própria capacidade de suportar aquilo. A angústia que vinha sentindo até ali, o ciúme, a dor..., de nada mais lembrava (ou queria lembrar) e o que faziam ali ele e sua amada. O “pas-de-deux” chegara ao fim, mas para ele, mesmo se do epílogo se tratasse, beiraria o insuportável. Olhou para a máquina fotográfica, conteve-se para não arremessá-la como fosse ela a merecer o castigo que seu coração mandava fosse impingido a algo ou a alguém, de modo a desarrochá-lo do aperto que sentia, e partiu.

É preciso explicar que não era recente sua dificuldade de lidar com o balé de sua amada, que já o dançava, diga-se, desde antes de se conhecerem. Muito menos que a tempestade se iniciara naquela tarde-noite de ensaio geral cujos momentos derradeiros acabei de narrar. E tampouco o problema fosse o balé em si. O problema era mesmo o “pas-de-deux”. Quando soube que ela iria dançá-lo, aí sim passou a ser-lhe um tormento; para ela, a luta pela manutenção de um prazer cujo preço estava se tornando muito caro. Balé passara,

então, a ser sinônimo de desavença, crises de ciúme, falta de paz, desgaste do amor. Ao menos não houvesse o “pas-de-deux”...

Na verdade, não suportava a ideia de outro homem a tocá-la, a envolvê-la nos braços enquanto deslizassem sobre um tablado ao som invariavelmente romântico da música escolhida para embalá-los, via de regra sedutora e sensual. Muito menos que isso se passasse durante vários meses, dezenas de semanas, inúmeros dias, incontáveis horas, inimagináveis eternos minutos de ensaio, contabilizava. “Não! Definitivamente, não aguento!”, dizia num misto de revolta e sofrimento à bailarina tão amada e ao mesmo tempo de coração tão apertado, talvez dividido, em mais uma das cada vez mais frequentes discussões que travavam a respeito.

Antes, antes mesmo do final trágico involuntariamente patrocinado pela indisciplinada alça, já houvera percebido que a peça inferior do maiô de sua amada — pois cavada que surpreendentemente o era, e à vista porque imediatamente abaixo do prato da fantasia de sua bailarina — deixava à mostra boa parte de suas pequenas e firmes nádegas adolescentes — certamente mais brancas do que os ombros —, enevoadas, felizmente embora, pela meia, cor da pele, a com elas confundirem-se, virgens à visão mundana que eram.

E aí já sofrera por demais, a quase sentir-se desfalecer para não ver o quadro que até então era a razão de sua aflição, a dor que só um rapazola — que ainda não conseguiu domar os instintos de sua espécie e sexo — pode sentir. Sofreu! Ah, sofreu! Penou enormidade quando olhou para as miseravelmente encobertas nádegas seminuas da amada, agora inaceitável e certamente sujeita aos olhos gulosos da plateia masculina (imaginava, sob o compasso violento do coração inconformado), especialmente dos conhecidos e desconhecidos adolescentes que, como ele, assistiam ao espetáculo.

Faltou-lhe ar, finalmente — e aí chegamos lá ao início dessa história, no que para ele se traduziu o clímax mesmo da tragédia —, ao perceber a fina alça de suas vestes libertando-se e indo repousar bem longe do ombro que a amparava, como a libidinosamente permitir que seu viçoso seio juvenil, tal qual flor que desabrocha, pudesse libertar-se das tênues amarras que o continham e mantinham sob virginal segredo, e viesse, ele

também — talvez ambos, fosse-lhe a sorte bruxa cruel e desalmada —, às luzes que a acompanhava enquanto deslizava solene, elegante e graciosamente sobre o cúmplice palco que a tudo permitia. Não bastasse o que já lhe dilacerava a alma, aquela música a penetrar em seus ouvidos, em sua pele, seus ossos, disputando em si mesmo espaço físico e espiritual com a dor que o ciúme lhe provocava... *Clareia... A luz do dia a contemplar teu corpo, Sedento, louco de prazer e desejos ardentes...*

Foi-se! Sem mais conseguir suportar a dor que se lhe assemelhava a lança cruel que estivesse a traspasar seu peito e castigar sua alma, largou a máquina fotográfica trazida (olha, só) para registrar os melhores momentos da dona de seu coração, e saiu do teatro sem olhar para trás, mas torcendo, não vou mentir, houvesse sido por ela visto.

É que de um lado havia o ciúme e a dor por este provocada; de outro a insuportável ideia de perdê-la. Vejam só o dilema de nosso apaixonado herói!... Quer dizer: ia-se, mas queria ficar; desejava não mais vê-la, nunca mais, mas não aguentava imaginar a vida sem ela.

Assim, nada mais fazia do que imolar-se com esses sentimentos que teimavam em perturbá-lo, como só os apaixonados enciumados sabem fazê-lo. Sofria quando sabia, e fazia questão de lembrar, houve as aulas, os ensaios que naturalmente antecederiam (e antecederam) aquele dia de ensaio geral, e sofria quando então imaginava os dois a dançarem, repetidas vezes, entre erros e acertos, o que somente era dor menos lancinante à míngua do testemunho; o seu. Pouco importava que o parceiro da dança não apresentasse comportamento minimamente másculo; era do sexo masculino, a tocá-la com o romantismo que a música teimava em imprimir, o que bastava.

Você já deve ter percebido que nosso amigo ama. Ama e sofre, como esta história já é prenhe de afirmar a você, leitora e leitor. Não! Não o julgue, partindo sofregamente em defesa da pobre bailarina — que nada mais fazia, reconhece-se, do que o seu ofício, ainda que gratuito, sua arte, sua técnica. Não o faça antes, ao menos, de pelo menos sopesar o tamanho do amor que lhe devotava nosso sofrido amigo. E sem olvidar que a exposição do corpo seminu da mulher-menina que amava, os carinhos que a dança e a música impeliam — talvez obrigassem —, fossem nela realizados por seu par; tudo isto lhe era difícil compreender e aceitar. Era um jovem homem, com sentimentos e emoções masculinas ainda selvagens, tais quais aquelas.

Encontrou-o sentado sobre pequena e baixa muralha situada próxima à casa de espetáculo, de onde se via toda a cidade, mas não vou escamotear: diante de si só as cenas que acabei de tentar narrar-lhes com a maior precisão e detalhes possíveis.

— Oi... Onde você estava? Procurei tanto... Quando acabou o ensaio não o vi mais... Gostou? — perguntou-lhe,



desconfiada e em parte realmente interessada em sua opinião e aonde ele havia estado; noutra, tentando imprimir um sorriso que pudesse disfarçar a percepção evidente, para si própria em primeiro lugar, que algo não estava bem com seu amado e, principalmente(!), que ela era a causa.

Não sabia se ficava feliz ou com mais raiva por sua voz já tão perto, e por sabê-la ali com ele, tendo vindo atrás dele, havendo procurado por ele tão logo acabou a cena. Sabia que fora praticamente de imediato, calculou, porque pouco mais de cinco minutos haviam passado desde então. Naqueles poucos segundos em que ouviu sua voz pôde perceber a respiração dela ainda ofegante, seu cheiro doce de suor misturado com o da fantasia (maldita fantasia!), sua saudade... Mas sua vinda não se mostrara suficiente para extirpar a dor, a vontade de não estar vivendo aquilo, de nada daquilo ter acontecido. Sentia raiva dela, sim. Muita raiva, mesmo. E não sabia nitidamente — porque ainda extremamente envolvido com a ira provocada pelo ciúme —, mas certamente, senão feliz — muito longe disso, escritor! —, estava mais confortado pela demonstração de importância que percebera dela para com ele e, principalmente, com o amor que reciprocamente sabia sentiam.

Sim, nesse ponto me cabe não deixar dúvidas: ela não o amava menos. Na verdade, era completamente apaixonada por ele. Em suma: ele aparentava mais, aqui, porque estava a sofrer por ela (e por eles), e a história foca o drama tomado sob esse foco. Ela aparentava menos, porque naquela tragédia o seu papel, involuntário — e talvez injusto, vá lá —, era de algo; o dele, de vítima.

— O que houve, amor? Porque não me responde? Sequer me olha... Fala alguma coisa...

Só o silêncio como resposta. O olhar para a frente, sentado sobre o muro, as mãos ao lado do corpo, amparando-se na pedra fria, os pés cruzados pendentes sobre o ar. Percebia, de soslaio, seu olhar preocupado. A vontade dela era de abraçá-lo, beijá-lo, reconfortar-se em seu ombro e aguardar. Mas tinha medo de ser rejeitada fizesse algum gesto de carinho.

Após longa espera: — Vai ficar assim, mudo, como se nem notasse minha presença?

— Como você quer que eu esteja? Como posso estar feliz se minha namorada, a garota que amo, acaba de viver um clima de amor e sedução, e o sujeito, não bastasse, é um aproveitador? — respondeu, enfim, com o exagero próprio dos tomados pelo ciúme.

— Aproveitador? Como assim?

— Não percebeu que ele nem se dignou a recompor a alça de sua roupa que caíra?

— É... Percebi... Mas acho que ele nem percebeu, amor... Devia estar tão envolvido pela dança... Não por mim, garanto.

Novo silêncio.

— Precisava ser a roupa mais devassada?

— Tem razão... A costureira da escola errou... E tinha que fazê-lo justo com a minha! Arre! — explicou, quase revoltada com essa, digamos, falta de sorte.

Sabia que em poucos minutos seus pais estariam a chamá-los para se irem a casa. Tentava resolver antes, para não se separarem com esse clima ruim. Amava-o tanto, pensava. Entendia-o, mas também se sabia não fazendo nada indigno. Compreendia, porém, a dor do ciúme que sentia, ainda que contra si e contra sua segunda paixão — se é, caros leitores, que posso traduzir assim, hierarquicamente, seus sentimentos, idênticos por serem ambos paixão, mas tão diversos quanto ao que e a quem lhes eram devotados, que, força desta distinção inevitável, tornavam-se também distintos.

Passados alguns instantes — a si pareciam intermináveis —, pousou sua delicada mão (estava fria) sobre a dele, que não a tirou. Instantes depois, pensou ter ouvido a voz de seus pais ao longe, chamando-a. Ouvira, mesmo, ao percebê-la mais perto. Lamentou-se, pra si mesma. Levantaram-se. Tratou de segurar a mão dele, que por força do gesto de se levantarem havia se soltado da sua. A mão dela estava agora aquecida — e não tenho a menor dúvida, caros leitor e leitora, a quentura se devia à paixão que ali se via transmitida, de um para o outro ser, num ir e vir frenético, inversamente proporcional aos passos lentos que lhes imprimia o movimento indesejado de voltarem à realidade — que não era a deles —, paixão que aquece o coração, e principalmente, ali, acalentava a mais fina dor.

Explicações dadas aos pais — desculpas, na verdade, pois sem qualquer apego ao que de fato havia acontecido —, que, por sua vez, pareciam entender que houvera ali uma pequena tempestade, a despeito da noite quente do nordeste brasileiro naquele verão de meados dos anos 1980, entraram no carro, ela sem desgrudar da mão dele, ele sem esforçar-se para dela rebelar-se. À exceção de um comentário ou outro de uma mãe orgulhosa do papel desempenhado por sua doce bailarina, tão jovem ainda, respondidos com heroico esforço de parecer atenciosa e alegre, e de um olhar de um pai com contida curiosidade e ponta de preocupação pelo espelho retrovisor, seguiram viagem. Ao fim, percebia-se até se tendo distraído pelo caminho, certamente pelo calor que vinha daquela mão que o compreendia e ao seu amor doído.

Chegaram primeiro ao seu destino. Despedidas realizadas, preparava-se para deixar o carro quando sentiu o aperto mais forte em sua mão, o abraço delicado em seu rosto, e aquela voz a dizer-lhe, num sussurro, com os lábios bem próximos ao seu ouvido: — Vai dar tudo certo. Amo-te. Obrigada.

Ele desceu.

Um amor

André Falcão de Melo

Não tem que precisar perder um amor,
Se já o perdeu,
E independentemente
De que você próprio tenha decidido “perdê-lo”...
Não tem que precisar.

Não tem que precisar manter um amor,
Se não o manteve,
E independentemente
De que você próprio não tenha decidido “mantê-lo”...
Não tem que precisar.

Não tem que precisar buscar um amor,
Se não o conquistou,
E independentemente
De que você próprio não tenha decidido “tê-lo”...
Não tem que precisar.

Um amor só precisa ser sentido
Vivido
Percebido
Acolhido
Conquistado

Um amor só precisa ser sentido
Cuidado
Olhado
Defendido
Conquistado de novo

Um amor só precisa ser sentido
Acalentado
Acarinhado
Protegido
Conquistado de novo...

Um amor só precisa ser amado.

Artista

Davi Duarte

Você, artista!
Tão quieta.
Por que fica assim?
Guarda mistérios,
Lembranças de mim?

Encantos, encontros,
Sonhos estrelados,
Passado, presente,
Futuro velado.

Out-dor

Jairdes Carvalho Garcia

**EXPONHA-SE:
COLOQUE SUA DOR
PARA FORA**

Lendas

José Sotrati Junior

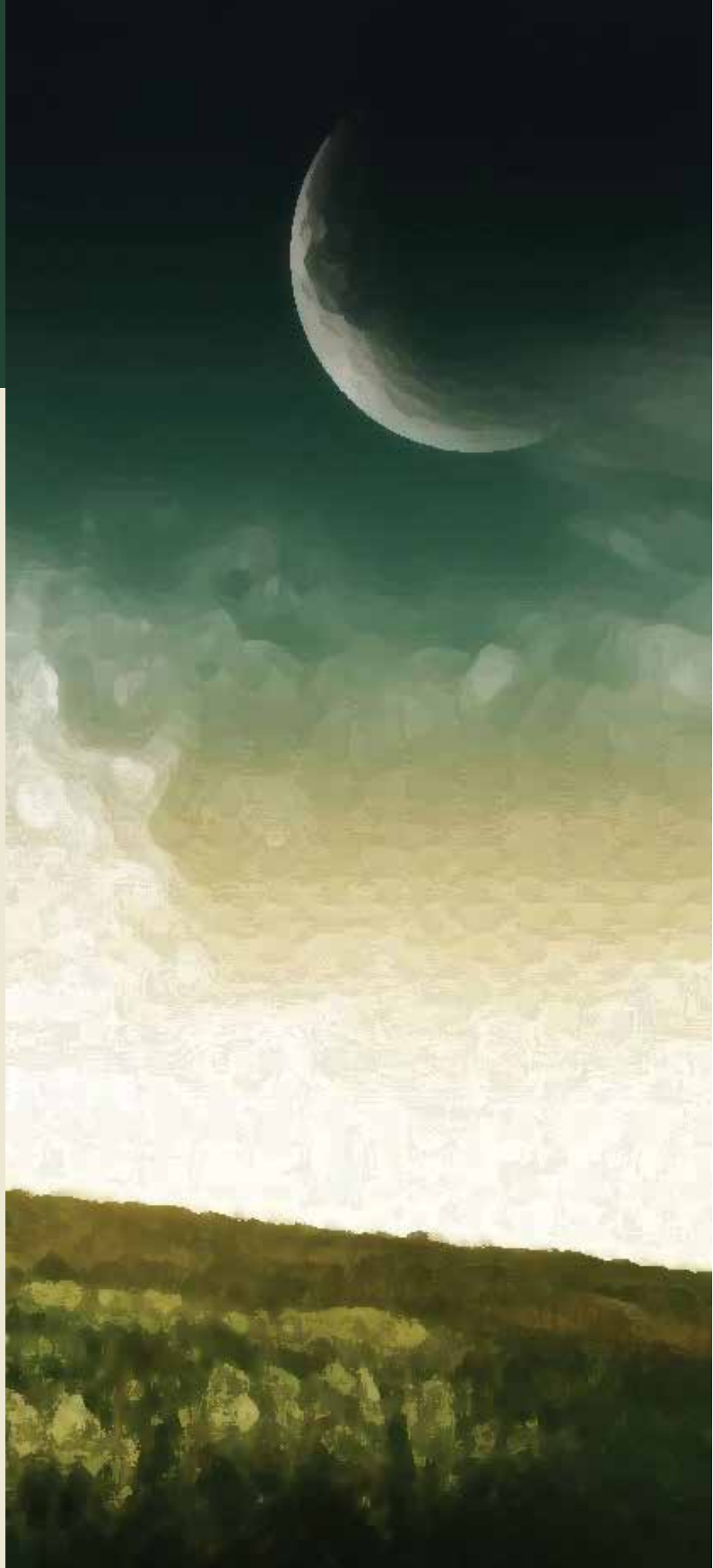
Linda linda, envolvente,
Lenta e leve, insistente,
Leva, lépida, meus devaneios,
Longe, lá onde os receios
Lesam, loucos, meus anseios.

Linda linda lentamente
Leva longe minha mente
Leve, lépida e inocente,
Louca lógica, inconsistente,
Lesa poucos, intransigente.

Lenda linda em tantos cantos
Linda e leve, leva ao pranto
Longe lógica leviana
Louros líricos me enganam
Luzes, lépidas me inflamam.

Lenda
Linda
Lépida
Longe da Lua
Perto da lírica
Dentro de mim...

Silvo suave
Invade a noite
Desperta o sopro
De vida nascente



Coisas de mulher...

Lourenço Neto

És tão bela, minha cara
Que a perfeição quase imitas
Mas tendo beleza rara
Olhas o espelho, não acreditas

O problema não é o reflexo
Tampouco está nos olhos
Será algo tão complexo
A não caber nos escólios?

Penso então, por dedução
Ser exigência feminina
Excessos de perfeição
Para com isto, menina!

Tratamentos dolorosos
Dão vontade de morrer!
Todos eles tão custosos
Nada disso um homem vê...

Se arrumam para nós?
Não. Para uma outra mulher!
Se espremam em um cós
E seja o que Deus quiser!

Numa festa; roupa igual
Minha nossa, quanto medo!
Volta à loja, quebra o pau
Da mulher fina, nem arremedo

Assemelha-se a uma lide
Se arrumar para sair
Tantas roupas no cabide
Qual melhor vai lhe cair?

Que dizer da estria?
E também da celulite?
Verdadeira elegia
Não há quem não se irrite!

Para nós tão comum
Talvez imperceptível
Um furinho no bumbum
Para elas algo incrível!

Novo corte, penteado
Talvez menos que um dedo
Se não notar o namorado
Sai de perto, tenha medo

Mas com tantas vaidades
Sejam cheinhas ou magrelas
Sejam mesmo as beldades
Não vivemos sem elas

Nosso mundinho masculino
É mais simplório e barato
É bem coisa de menino
E às vezes, muito chato



O decote

André Falcão de Melo

Inevitável a contemplação. Disfarçada, porque era o jeito, mas os olhos teimavam em admirá-lo. O decote mais lindo e gracioso que jamais vira diante de si. Os seios juvenis e proporcionais se ajustavam com indisfarçável rebeldia à generosa camiseta que os continha. Não a esperava àquela hora. Tomou um susto quando o porteiro avisou a sua chegada. O coração bateu aceleradamente. Desceu.

Conhecera-a numa festa, lá no Recife. Era linda. Tinha olhos castanho-amendoados, pele alva, cabelos pretos, longos e ondulados, sobrancelhas também negras e mais pra grossas. Baixa, mas tinha a estatura certa para aquele corpo esguio e bem distribuído. Conversaram a noite inteira. Completamente apaixonados. Tão e de tal modo embebidos daquela áurea romântica que sequer um beijo foi tentado, ou sugerido. O olhar e as trocas de impressões eram suficientes pra que aquela noite tornasse-se, depois, inesquecível. O envolvimento era flagrante, as horas passavam rápido demais. Afinal, começou a amanhecer, e a hora de se irem aproximava-se. A madrugada mais curta de suas vidas.

Num rompante percebeu que nada sabia sobre ela, apenas que costumava ir àquela balada aos sábados, e à praia de Boa Viagem. Só. Ainda tentou alcançá-la. Em vão. Mesmo assim, voltou pra casa feliz como nunca estivera. Estava apaixonado e tinha a convicção de que era a mulher de sua vida; logo, de novo a veria.

Daí em diante, foram semanas a dedicar-lhe todos os pensamentos. Já no sábado seguinte foi sozinho à mesma festa. Revistou cada metro quadrado do lugar. Nada. Voltou desolado pra casa. Passou a ir à praia todos os sábados e domingos. E à mesma balada aos sábados. Nem sinal. Mas ela não lhe saía da cabeça. Sempre ia aos mesmos locais à sua procura.

Até que num domingo bem distante, viu-a na praia. Sentiu o coração desgovernar-se. Controlando-se, foi ao seu encontro. Estavam visivelmente emocionados. Conversaram por longo tempo, até que a mãe (estava com a mãe) a chamou pra ir embora. Correram a trocar telefone e endereço.

Dois dias depois, ela apareceu no prédio com aquele decote estonteante. Aos poucos, porém, a admiração e o desejo cederam espaço a uma ponta de ciúme. Queria aquele decote apenas para sua exclusiva visão. Apaixonada e compreensiva, nada opôs. Casaram-se. Continua linda. Tem uma parte do guarda-roupa exclusiva para suas blusas mais decotadas, que lhe são mensalmente presenteadas por ele. Vários modelos e cores. Todas as noites o aguarda vestida em uma delas.



Lençóis brancos

André Falcão de Melo

Quando cheguei a pensar que não
E minh'alma negava-se a dizer sim
Tudo mudou
Sorri.

O ronco do liquidificador
O velho som da máquina de escrever
A música de Gil em altas horas
A melodia do nosso amor.

Cantar fez-se urgência
Dançar, consequência
A boemia, presença
A tristeza, ausência.

Amar e ser amado
Ser e fazer feliz
Obrigação com prazer
Você, eu e você

A respiração ouvida
O corpo imóvel
A paz e o desejo
Você, que dorme

Lençóis do amor.
Lençóis de nós dois
Lençóis da paixão
Lençóis brancos.



O São Sebastião açoriano

Jayme de Azevedo Lima



Existem lugares maravilhosos neste país abençoado por Deus, paisagens deslumbrantes, acolhedoras, ensolaradas, verdejantes ou com águas que parecem pinceladas de um azul claro ou verde translúcido bordejando pelo nosso imenso litoral. Somos um amálgama disso tudo, alegres, felizes, retrato de um povo que vive em clima tropical e faz da conquista do sexo oposto um jogo que não acaba nunca. Para os homens, “ganhar uma mulher” é fazer subir a autoestima, o grito do macho satisfeito com mais uma posse. Para a mulher, é acima de tudo um ato de independência da espécie “dou para quem eu quiser e conquisto quem eu bem entender”. Se as praias, montanhas verdejantes, pomares falassem, teriam a lua como testemunha dos amores tórridos praticados por um povo que privilegia o sexo e celebra sempre a vida.

A história que segue aconteceu de verdade, tendo como cenários lugares lúdicos e paradisíacos. O primeiro deles é a ilha de Florianópolis, onde nasceu e cresceu Eduardo, um engenheiro que se tornou um dos maiores empresários da construção civil, pontilhando a Avenida Beira Mar Norte feito um paliteiro com obras de arquitetura moderna. Um açoriano, um “da ilha”, um empresário de sucesso. Um casamento com quatro filhos, esposa companheira e sócia nas empresas construídas com a força de seu trabalho e a dedicação de Dona Maria.

O verdadeiro desenvolvimento da economia em meados dos anos setenta, época do “milagre brasileiro”, fez de Eduardo dono de vinte prédios construídos por ele e de um hotel charmoso com quatro estrelas da antiga Embratur. Tinha um haras onde haviam vazios urbanos, no coração da ilha, que florescia à sombra do poder militar que tomou as rédeas do país através de um golpe no ano de 1964.

O grande empresário amealhou uma fortuna. Tinha seu barco, uma lancha com cabine, dois

quartos, sala e um *solarium* aliados a dois motores Penta Volvo, um verdadeiro trator dos mares; tinha um veleiro para passeios bucólicos ao sabor do vento que sopra no litoral catarinense. O balanço leve do mar na tranquilidade das águas do verão era apropriado para passeios com os amigos, às vezes com algumas convidadas especiais. De tudo que tinha, um era especial, um automóvel Camaro, cor branca, conversível, com duas listras azuis no capô, que, segundo Eduardo, era o responsável indiretamente pelos olhares das loirinhas de descendência alemã ou italiana, vivendo os melhores anos pós Woodstock de paz e amor.

Não era apenas um empresário bem sucedido, era também um atleta nato, um campeão de remo, esporte do gosto dos ilhéus, bem como mantinha uma forma exuberante aliada à genética ítalo-portuguesa, da qual era um legítimo herdeiro. Era alto, cerca de 1,85m, espadaúdo, nariz grande denotando sua descendência, mãos calejadas pelo remo, olhar de experiente marinheiro, cabelos escuros e a tez bronzeada à custa de treinamentos diários com seus barcos no mar. Como cenário, a ponte Hercílio Luz, de magnífica engenharia, um cartão-postal da cidade que liga a ilha ao continente como um cordão umbilical.

Certa vez, em meados dos anos setenta, o jovem empresário e um amigo, também engenheiro, resolveram visitar em São Paulo, a cidade onde tudo acontece, uma grande feira de construção civil em que maravilhas da tecnologia moderna eram apresentadas por verdadeiras maravilhas da representação feminina da humanidade. Eram modelos de todas as curvas, loiras, morenas, ruivas, centenas de mulheres de origem japonesa, alemã, italiana, espanhola, negras e mulatas; enfim, fêmeas de todos os matizes e cores que formam o emaranhado genético que constitui a maior herança do povo brasileiro. No futuro, a humanidade será tão mesclada que não haverá mais negros, brancos, vermelhos ou amarelos, haverá apenas o ser humano habitante do planeta Terra. Mas, voltando ao tema, Eduardo e seu companheiro estavam totalmente envolvidos com a conquista das mulheres. Feromônios a mil por hora, suas cabeças giravam de uma beldade a outra, sequer conseguiam olhar para as máquinas que eram gentilmente apresentadas. Eles estavam ensandecidos. A cada

sorriso que recebiam, respondiam com um gracejo, ainda que de maneira cavalheiresca.

Foi então que o olhar de Eduardo cruzou com a mulher mais linda que já havia visto. Um monumento à mulher brasileira: curvas de um violão feito pelo melhor luthier que já existiu, olhos verdes, tez morena, cabelos longos ondulantes, que caíam suavemente sobre o rosto de uma Madonna de covinhas nas bochechas, que emolduravam uma boca de Martha Rocha, ou da moderna Angelina Jolie, que por sua vez recobria dentes alvos, brilhantes e perfeitos. Os pés eram como os de uma fada, perfeitos, unhas belíssimas, de cores fortes da moda da época. Um vestido colado onde se destacava a cintura fina, as coxas bem torneadas, bronzeadas, sem máculas do tempo. Tinha ainda glúteos bem formados, redondos, separados por um abismo de pecado escondido por um biquíni que marcava levemente o tecido amarelo quase transparente que envolvia aquele corpo transbordante, onde seios empinados escondiam e ressaltavam ao mesmo tempo auréolas de um rosa escuro de onde saltavam dois mamilos fulgurantes como dois pontos de luz, botões que pediam para serem saboreados por verdadeiros conhecedores das técnicas apuradas para se tratar uma fêmea voluptuosa e sobretudo... baiana! Era nada mais, nada menos que a miss Bahia daquele ano que emprestava sua simpatia, beleza e olhar instigante para um produto qualquer de tecnologia moderna produzida na terra abençoada por Deus: a Bahia de Todos os Santos.

Eduardo soube naquele momento o que era amor à primeira visão. Seu coração disparou, sua voz não saía, estava ali, parado, alguns metros distante daquele mulherão. Não escutava os gritos da razão, era mais que amor, era paixão à primeira vista. E pior, ou melhor: como que hipnotizada pelo olhar de Eduardo, Helena - este era o nome dela - correspondeu de maneira fervorosa. Fixando seu olhar verde penetrante, avaliou de imediato se aquele que estava por ela magnetizado correspondia ao perfil do homem de seus sonhos.

A conversa mole do cavalheiro do sul dirigida à dama de amarelo deu resultado rápido. Ao final do evento ele a levou para jantar no edifício Itália, onde do restaurante, no topo, se descortinava toda a pauliceia, com seus movimentos de luzes incessantes, um mar de brilhos até onde a vista

alcançava. Um jantar que valia tudo, segundo o apaixonado Eduardo - champagne Crystal, lagostas frescas e olhares penetrantes, invasores da alma alheia. Não havia como não ceder e, paulatinamente, Helena foi se abrindo, trocando um roçar de mãos por um deslizar de dedos másculos em seu braço moreno; a cada triscar de unhas, um mar de pelos eriçados.

Quase duas horas da manhã, o elevador vazio foi testemunha do beijo ardente, do trocar de línguas, da respiração arfante, do leve sabor da bebida que emanava das papilas enrodilhadas - com a volúpia só possível no momento do primeiro beijo.

Não é preciso alongar. Qualquer um que tenha tido uma paixão à primeira vista sabe como é incontornável. Não há razão; os olhos, as mentes, os corações se voltam exclusivamente para a existência de um e de outro, nada mais existe sob o céu e a terra. Não há autocontrole, vicejam os ciúmes, uma corrente imaginária liga um ser ao outro e se grudam como chicletes em sola de sapatos. É ao mesmo tempo o paraíso e o inferno, a lua e o sol, o dia e a noite.

Ao acordarem, Eduardo ajoelhou-se ao lado da cama e... a pediu em casamento.

Óbvio que, embevecida, apaixonada, sem hesitação, ela disse sim e selou sua concordância com um beijo aquecido pelo sabor do café na cama:

- Aceito, meu Edu, desde que você possa ir agora conhecer minha família em Salvador.

- Ó xente! Meu pedaço da cor do chocolate de cacau baiano, é claro que este catarina vai, e é hoje mesmo!

Sem hesitar, pegou o telefone e pediu para o hotel reservar as passagens e fazer o check out. Eduardo pediu que Helena arrumasse as malas, incluindo a sua, e desceu dizendo que iria quitar as contas e pagar os tickets para voar.

Ao chegar ao saguão, pediu uma ligação para sua esposa e a informou de que havia negócios relativos à venda de um hotel na Bahia. Como a proposta era interessante, ele iria verificar e depois voltaria para Florianópolis.

E foram mais duas semanas de um idílio amoroso sob o sol e os eflúvios da mística religiosa daquela terra escolhida por Deus. Já se sentia como um baiano, com toda aquela música, os batuques noturnos que ouvia ao longe. Enquanto amava Helena nas areias da ilha de Itamaracá, sentia dentro

dele explodir a baianidade, a malemolência que caracteriza um povo feliz e descontraído.

O tempo passou. Quase um mês fora de casa. Já tinha conhecido a família, que o considerara um homem apto e realizado; portanto, um bom partido para sua filha, que tinha tanta beleza e os olhos verdes que enfeitavam como o canto das sereias que levava marinheiros para o fundo do mar. Era hora de voltar. Quando Helena manifestou o interesse de conhecer a mãe de Eduardo, ele não titubeou e de imediato reservou passagens de avião para sua amada, para duas semanas após sua volta para a ilha de Florianópolis.

Quando voltou, foi visitar sua mãe, Dona Glória, que sempre foi sua confidente e cúmplice nas farras que fazia. Sempre que necessário, a mãe proporcionava a cobertura, explicando à nora Maria que Eduardo não poderia estar em um determinado lugar cercado de mulheres porque estava com ela tomando chá com bolinhos. Ou que ele tinha deixado o trabalho para levá-la ao médico. Ou, ainda, que ele passou a noite fora porque fora com ela a um velório. Ou seja, a mãe tinha todas as alternativas para engabelar Maria em defesa de Eduardo.

Mas agora Eduardo tinha ido longe demais. Trazer uma mulher para conhecê-la, fingir que o filhão era um homem solteiro e sem compromisso, colocar a mulher para dormir em sua casa, isto jamais! Podia engabelar a nora Maria, mas não podia tolerar o que o filho aprontara. Portanto, receberia a moça para um chá e logo após viajaria para São Paulo para visitar outro filho. Eduardo tinha aprontado além do que ela podia entender e conciliar.

Como dono do hotel, nada mais lógico do que instalar a miss Bahia no melhor apartamento. Logo, a suíte presidencial no topo do edifício com vista para o mar esverdeado e frio, mas ainda de intensa beleza, se contrapunha, aos olhos de Helena, ao mar azul, morno e dolente que banha as praias de São Salvador. E por lá ficou sendo paparicada e amada por Eduardo.

De manhã, após seu treino no Clube de Remo, Eduardo tomava café da manhã com Helena, debaixo de lençóis de cetim e ao som de Roberto Carlos. Na porta do hotel, seu Camaro branco, marca do empresário que passeava com a estonteante morena por toda a ilha, enquanto Maria... trabalhava.

Mas a cidade ainda era pequena, e logo chegou aos ouvidos da esposa de Eduardo a presença da

miss Bahia no hotel, ciceroneada constantemente por seu marido. Lógico que Maria desdenhou de início, mas com rumores mais fortes, notícias de pessoas confiáveis, ela decidiu verificar. Na manhã de uma sexta-feira, chegou ao hotel e, impositiva, não permitiu qualquer manifestação da gerência ou demais empregados e de imediato subiu até a suíte presidencial.

Recém construído, com mobiliário novo, o hotel possuía atendentes de primeira e enxoval oriundo das melhores fábricas da região. A suíte presidencial era o que havia de melhor. Eram três ambientes. Uma sala com janelas amplas e vista para o mar, com móveis estilo Luís XV, escrivaninhas de bom entalhe, sofás aconchegantes e uma mesa de

reunião e para refeições, sem contar a parafernália tecnológica da época, como controles de televisão, rádio, ar-condicionado, luzes, tudo em uma única peça na parede. Havia o quarto, enorme, com uma cama *king size*, guarda-roupa amplo e moderno, a ponto de caber uma pessoa deitada. Havia portabagagem e também, no espaço entre o quarto e a sala de banho, um *closet* com espaço para roupas, sapatos e chapéus. Era um *must*, espaço disputado por empresários e políticos quando demandavam a Florianópolis.

Tomada por uma profunda dor, a da mulher que descobre traição, Maria viu confirmado seu pressentimento ao notar o semblante assustado dos empregados do hotel e do ascensorista que a levava



ao topo do edifício, onde travaria uma batalha fosse com quem lá estivesse.

Maria bateu à porta, toc, toc, toc!

Debaixo dos lençóis, nu como veio ao mundo, num sobressalto, Eduardo perguntou:

- Quem poderá ser?

Helena respondeu:

- Não se preocupe, meu *apfelstrudder*.

Isto é, minha torta de maçã, um apelido desses que os enamorados se dão.

- Deve ser a camareira que eu pedi para pegar minhas roupas para lavar. É só um minuto, eu já volto!

Levantou-se, colocou um *négligée* preto transparente e saiu esvoaçante para atender a porta.

- Quem é?

A resposta veio no inconfundível sotaque da ilha de Florianópolis, a palavra rápida cantadinha:

- É a camareira!

Para Eduardo, foi como se o mundo viesse abaixo. Se fosse um *viking*, o céu teria caído sobre sua cabeça. Ele reconheceu a voz e se levantou rapidamente, sem saber para onde ir.

- Mamma mia, é Maria! Preciso me esconder!

Foi quando viu o guarda-roupa e de um salto entrou e deitou-se na parte de baixo, ficando sob sua cabeça um jogo de lençóis e travesseiros, que o postou como se estivesse em uma *chaise longue*. Como todos bem sabem, guarda-roupas têm chaves e pegadores do lado externo e nada do lado de dentro. Às vezes apenas a ponta dos parafusos que seguram os pegadores, bem como todas aquelas danadas de dobradiças que rangem quando se movimentam.

E deu-se o escândalo, a gritaria, o apontar de dedos e a célebre frase:

- Onde ele está?

Helena redarguia:

- Minha senhora, há um engano, estou aqui com meu noivo e mais ninguém. Quem a senhora procura?

- Onde está o meu marido? Safado! Traidor de uma figa!

- Seu marido? Oh, Meu Deus, não pode ser verdade!

Maria respondia:

- Não só pode como é verdade, não é a primeira vez que o safado faz isto. E foi entrando na suíte, empurrando Helena, que, estarrecida com a notícia,

nada mais dizia, só derramava lágrimas de seus belos e enfeitiçantes olhos verdes.

No espaço do quarto havia roupas espalhadas e Maria reconheceu as vestimentas de Eduardo, seus sapatos mocassim, sua camisa polo Ralph Lauren e, principalmente, as cuecas de puro algodão, estilo bermuda, compradas na última viagem ao Chile. Mas Eduardo não estava, e Maria, com os olhos esbugalhados e a mente ensandecida pela necessidade de vingança, esquadrihava cada pedaço da suíte, e foi quando aconteceu.

Ao se mexer um pouco, Eduardo escutou a porta do guarda-roupa ranger e a viu abrir. Tentou com as pontas dos dedos segurar a parte do parafuso do lado de dentro, mas não foi possível. A porta escancarou-se e lá estava ele. A cabeça mais elevada que o resto do corpo guardava dois olhos voltados para cima, o corpo um pouco estendido. Com as mãos, uma palma sobre a outra, escondia sua genitália, agora miúda. Suas pernas acabavam com os pés arqueados, juntos, tocando a parede do guarda-roupa. Era semelhante, segundo ele nos diria anos depois, à imagem de São Sebastião, só que deitado. Como diziam os amigos, um São Sebastião açoriano.

A história toda acabou bem para Eduardo. Afinal, Maria não iria jogar fora o patrimônio construído ao longo da vida por causa de uma aventureira qualquer, como ela imaginava. No final das contas, a miss Bahia também não era de todo culpada, já que fora também enganada pela lábia de Eduardo, e acabou voltando para a Bahia com imensas cicatrizes na alma, que só o tempo apagaria.

Em um relacionamento de longo tempo, certos fatos podem ter o perdão que leva à sobrevivência de uma relação. Mas acontecimentos como o que envolveu Eduardo e Maria jamais serão esquecidos.

Até hoje, em casa ou no carro, quando Eduardo diz algo que Maria não gosta, ela espicha seus pés para baixo, põe uma mão sobre a outra entre as coxas, lança a cabeça para trás e vira os olhos para cima, na posição em que foi pego em flagrante o São Sebastião açoriano.

PS: Helena hoje vive em Salvador, tem uma rede de salões de beleza e, às vezes, recebe a visita de um dileto amigo que vem do Sul, que a ajudou muito a ter o que hoje tem, inclusive uma filha linda de olhos verdes enfeitiçantes.

Vestes vermelho

José Sotrati Junior

No teu vestido vermelho
No meu desejo sem freio
Amo-te e te odeio
Quero-te longe em mim.
Do fundo do meu amor
Nas portas do coração
Temendo só o receio
De perder-te em meu anseio
Não sigo meu próprio conselho.

No teu vestido vermelho
Viajo em devaneios
Perdido em minha loucura
Sem ter dos teus lábios doçura
Sem ter do teu tato o calor.
Viajo em vis tormentas
Turbulência em teus olhares
Passando por mil lugares
Desejando ser teu espelho.

No teu vestido vermelho
Por meus olhos cansados
Descanso da minha dor
Nas cores do teu vestir.
E não posso desistir
Do que mais quero contemplar
Pois teu vestido esconde
Dos meus olhares ardentes
O que meus olhos inocentes
Mais queriam contemplar
Sob teu vestido vermelho...



Sabores

Francisco Spisla

em minhas mãos
com pimenta e chocolate
quero vê-la enrubescer,
ê-la acender qual fagulha a atizar o carvão,
origem do diamante, pedra rara e valiosa,
extraordinária, como você,
e aos céus do prazer vê-la ascender.
e massageada, e saboreada,
unindo paladar e paixão,
dois atos inseparáveis,
vê-la derreter, suspirar,
e derribada exalar
o doce e quente
aroma da paixão.



Apoteose

Robério César Camilo dos Santos

À L.T. de A.

Meu coração te ama,
em minha vida és chama
que a razão não quer.

Quando estás na rua
meus olhos à tua procura
percorrem a sua mulher.

O teu olhar é consolo,
quando me fitam ouço
uma luz, um bem querer.

Neste pulsar te curto,
te olho feito um discurso,
curto, como um doer.

A hepatite é um perigo

Antônio Dilson Pereira

Na década de 70, as empresas começaram a se preocupar com a segurança de seus empregados e de suas instalações. Nessa época, foram criadas as CIPAS e as brigadas de incêndio.

A empresa na qual o Chico trabalhava, com a ajuda do Corpo de Bombeiros, estabeleceu um programa de treinamento. A cada dia, escalava um grupo de empregados para participar do programa no quartel do Corpo de Bombeiros, na estrada Curitiba-Piraquara. O treinamento durava umas três ou quatro horas. A presença era registrada numa lista.

Certo dia, foi o Chico incluído no grupo para o treinamento. Ele viu aí a chance que há muito esperava para uma saída com a Lúcia. Ela, assim como ele, somente podia sair para uma aventura no período da tarde. Ambos eram casados.

A oportunidade não poderia ser desperdiçada, a chance caíra do céu. Reforçou sua fé religiosa, era a confirmação de que Deus existe e não abandona seus filhos.

Não sabia quando nova ocasião como essa poderia se repetir.

Não perdeu tempo, já que não precisaria voltar ao trabalho naquela tarde. Estava liberado depois do treinamento.

Procurou o Joaquim, seu amigo e sempre disposto a ajudar os colegas, também escalado naquele dia, e pediu ajuda. Explicou a situação. Joaquim, sempre solidário, adotava uma máxima: “Se não sou o felizardo, não custa ajudar um amigo”. Conversaram e acertaram que o Joaquim assinaria a lista de presenças no evento.

Tudo correu bem, foi possível a pequena fraude, o Joaquim assinou a lista.

Dia seguinte, cedo, chega o Chico feliz. Não contou os detalhes, era um cavalheiro, mas disse ter sido uma bela tarde, uma experiência inesquecível e que ele ficara devendo o favor ao amigo. O expediente da manhã correu sem problemas, a felicidade estampada no rosto de nosso Don Juan.

No expediente da tarde, o Joaquim observou que o Chico já não estava tão feliz como pela manhã, seu ar era de preocupação. Resolveu perguntar ao amigo o que havia acontecido.

Pedindo sigilo, confessou.



- Sabe, a Lúcia ligou, disse que está com hepatite e o médico disse-lhe que a doença também se transmite via relação sexual...

O amigo disse apenas:

- Que azar, cara, ninguém podia esperar uma furada dessa...

Passou a tarde meio macambúzio. Terminado o expediente, foi embora calado.

Dia seguinte, o Chico liga para o Joaquim, pedindo-lhe que informasse ao setor de pessoal (naquele tempo não era de recursos humanos, era de pessoal mesmo, as pessoas ainda não haviam sido transformadas em recursos) que ele havia contraído hepatite, doença que exigia repouso total por, no mínimo, trinta dias, e que depois sua esposa levaria o atestado médico...



Herança

Robério César Camilo dos Santos

Ou, libidinagem

Tenho inquietações que não eram minhas,
herdei outrora de suntuosas galinhas,
da imprecisão de astutos gatos
da fuga veloz de velhos ratos.

Ando pra dentro, estou no mundo,
caminho onde sempre encontro
amor, calor, pessoas nuas,
no bar, banheiro. Até quando?

Se sinto fome eu quero espaço,
se sinto dor eu me redimo,
todo calor é um bem vivido.

Se quero amar eu amo o corpo,
visto o chapéu e ensaio o grito
fazendo amor com o pirulito.

Arte essencial

Francisco Spisla

Quando me acolheres em tua intimidade,
o azul dos meus olhos ficará impresso
por todos os teus caminhos,
riscando suavemente os contornos do teu desenho.

Vagarosa e silenciosamente
conversaremos em braile.
Acenderei as luzes dos teus seios
que iluminarão em faíscas,
como pirilampos de paixão a expor,
apenas por segundos, o caminho do prazer,
tempo suficiente para uma eternidade de carinhos.

De teus contornos e relevos, dunas sensíveis,
apanharei as areias
que escorrerão por entre meus dedos
como carícias de brisa.
Areia fina-branca-rebrilhante,
grãos de suspiros,
oxigênio que aspirarei como moribundo
pelas planícies vibrantes e vales fecundos.

Não haverá mais tempo, apenas poesia
que escreverei com meus dedos, com minhas mãos,
em teu corpo inteiro,
poesia suave, tátil soneto.

E os sons dos afetos
farão tocar a sonata da paixão incondicional:
um adágio pachorrento e seguro,
um alegre gritante e apressado,
movimentos suficientes que levam à *petite mort*.

Viagem de toques, passeio de mãos,
encontro de corpos numa dança improvisada
a ler a história do universo dos sentimentos,
que, retocando a linguagem dos prazeres,
determinaram o final da jornada:
a rejuvenescedora visita
ao jardim cultivado de tua essência feminina,
portal de acesso ao oásis da vida.

Efêmero

José Sotrati Junior

Não dura um dia
Minha alegria
De tê-la ao meu lado
A lágrima brota
Da dor que volta
Por sua falta.

Não dura um segundo
Desaba meu mundo
Não sou teu amado.
A lágrima fria
Ilumina a agonia
De minh'alma vazia.

Não dura um luar
O meu penar.
Sofrendo calado
O dia que jaz
Somente me traz
A falta de paz.

Não dura um momento
Meu sofrimento
Já triste esperado
Espero-te em mim
E canto, enfim,
O meu triste fim.

O dia acaba
A esperança desaba
Desperto assustado
E sonho contigo
Pois a cada perigo
Tu és meu abrigo.

E finda o chorar
Enfim vai chegar
O amanhã despertado.
O sol se morrendo
Minha alma tremendo
O frio me corroendo.

Não dura um instante
A dor que cortante
Tem me matado.
Não há de faltar
Em meu penar
O querer lutar.

Não dura um dia
A minha agonia
De tê-la julgado
Sei que meu esmero
Meu tipo, meu gênero
E meu viver, é efêmero.



O sonho real

Francisco Spisla

O corpo estava muito cansado; os olhos já não se aguentavam abertos. A mente, apesar de alerta, apresentava sinais de arrefecimento. Então, decidido, largou tudo, desligou o computador. Ia para casa, mas algo lhe despertou a atenção: havia luz acesa naquele andar do prédio onde alguém, de quem muito gostava, deveria ainda estar trabalhando. Resolveu, então, fazer uma pequena visita, quem sabe para repor alguma energia, pois, afinal, ela era plena de alegria, otimismo e bom humor. No entanto, ao chegar, deparou com um semblante se não triste pelo menos sério a demonstrar também um cansaço desmedido. Ela confessou que realmente estava nos limites do cansaço de trabalho e que precisava ir embora. Então, algo aconteceu que, de repente, lhe despertou no íntimo do coração uma força desconhecida, inesperada, mas que sabia existir ainda apesar da fadiga. Então lhe fez a proposta quando já estavam juntos saindo:

- Quer que a leve no colo até sua casa?

Mas não esperou a resposta. Tomando-a com um braço por baixo dos joelhos e apoiando o outro em suas costas, levantou-a como quem carrega uma criança. Ela não esboçou nenhuma resistência e enlaçou seus braços por trás do pescoço dele, aconchegando o rosto no seu peito com um grande suspiro demonstrando relaxamento completo.

Ele não percebeu qualquer peso. Era como se carregasse um travesseiro. Era leve e macio e exalava um cheiro de infância. Andou com ela no colo pelas escadas, pelas ruas, por muitas quadras e não percebeu ninguém, nem nada no caminho. Era como se caminhasse por um bosque repleto de neblina e folhas macias ao chão e uma brisa morna.

Chegou até a casa dela e a levou até o quarto e a deitou na cama com a maior suavidade possível. Já dormia. Então, tirou seus sapatos e, com



cuidado, puxou as cobertas e cobriu-a. Por fim, deu-lhe um suave, carinhoso e demorado beijo na fronte.

E ele de repente sentiu voltar o cansaço de muitos dias de excesso de trabalho. Resolveu também descansar um pouco. Deitou ao lado dela. Dormiu um sono de neném.

Então... acordou. Virou o rosto para o lado; a cama estava vazia. Tinha sido apenas um sonho, mas que deixara um sabor de felicidade tão grande que ele quis sair naquela hora da madrugada e ir até a casa dela e dar, de verdade, aquele beijo na fronte... Mas um bocejo puxou-o ao sono. Quando acordou, pela manhã, estranhamente ela ressonava suavemente ao seu lado. Com o coração disparado, virou-se para beijá-la. Ao encostar seus lábios em sua face, tudo se desvaneceu e aí realmente ele acordou.

Boa noite

Francisco Spisla

A vida impõe rumos tortos
e cria amores obscuros,
estranhos amigos no correr dos tempos.
Amigos que despertam e assanham as loucuras
da adolescência
anestesiadas e adormecidas pela dureza da rotina,
que ousam penetrar a intimidade
sem desculpas, sem anúncios,
sem explicações, sem ridículos.

Pesos desprovidos de massas,
opressão de vazios sentimentais
são segredos não registrados
quando se perde a noção da realidade,
pois não existe a vida do outro
existe só o outro.

E nisso há apenas
a satisfação de esperar
que a amada sonhe com o anjo mais bonito,
que pode ser ele mesmo,
para dormir com a alma leve e o espírito risonho
o coração pleno de sonhos
agradecido por ouvir apenas
um suave, acariciador e melífluo “boa noite”.

Eternidade

Francisco Spisla

e o seu sorriso se desfez em nuvens
e sua voz acariciou minha tristeza.
saímos da luz para bebermos prazeres.
preenchemos o nada
com os sonhos extraídos das lágrimas.
o gozo explodiu no peito
e ficamos levitando
sem precisar respirar
pois não havia mais o tempo:
só a eternidade quando o espírito
nada mais quer senão só aquele segundo.

Deidade

Francisco Spisla

Espiando através das nuvens,
a preparar armadilhas para o tempo
você provocou uma invasão consentida
em meu coração angustiado
que não consegue vislumbrar,
através do límpido cristal de seu sorriso,
os limites da possessão.

Eu, bárbaro letrado,
cuja arma forjada
com o metal estridente de poesia
somente saberia destruir suas cidadelas
e fraquejar suas defesas
para conseguir me apossar
de seus territórios etéreos,
se descobrisse seus segredos mais doces.

Lembro, com alento de satisfação,
de batalha pretérita
quando invadi sua casa da fidelidade
com um beijo sutilmente furtado,
onde aprendi a linguagem e senti os sabores
de todos os seus amores pregressos,
sabores registrados nos lábios
que contaram inúmeras histórias
de paixão e desejos.

Perante sua magnitude cada ano sedimentada
no diamante mais puro de divindade,
neste especial tempo estratégico de vida
há a opção da paz e da concessão.
Então eu, mísero mortal,
anseio apenas sugar novamente de seus lábios
o néctar desse seu sorriso eterno
para alimentar minhas fantasias...





Último amor

José Sotratí Junior

Há dias eles se encontravam no ônibus. Apesar de que “encontrar-se” não era bem o termo adequado. Eles apenas pegavam o mesmo coletivo e, coincidentemente, ela sempre estava sentada atrás dele.

Ele não havia visto o seu rosto. Sempre que ele levantava-se para descer ela não estava mais lá. Dois dias atrás ele, inclusive, tinha se levantado bem antes do momento de descer para tentar observar seu rosto. Mas o estratagema não dera frutos, pois, aparentemente, ela já havia descido.

Dela ele tinha visto apenas a barra do vestido. Ela sempre estava de vestido, em cores sóbrias, respeitáveis. O que realmente a identificava era o perfume. Ele não se julgava apto a descrever seu aroma, nem o efeito que provocava em seu velho coração, mas era um sentimento gostoso, bom de sentir. Uma mistura de desejo e amor, ambos longe dos arroubos da juventude. Aos 85 anos, imaginar-se apaixonado era um devaneio. Mas se precisasse escolher uma palavra para definir a euforia que o dominava quando ele sentia o perfume da misteriosa dama e vislumbrava com o canto dos olhos a barra do seu vestido, essa seria a palavra escolhida.

O ritual era o mesmo, a cada dia. Ele entrava no ônibus, os últimos bancos estavam sempre ocupados. Ele sentava-se, então, à frente da porta de entrada. Ele a esperava ansiosamente. Um segundo de distração e ele sentia aquele inconfundível aroma e instintivamente olhava para baixo, à esquerda, e podia ver, flutuando a centímetros do chão, a barra do vestido da mulher. Aquele perfume o inebriava e sua mente, languidamente, desenhava os traços de sua musa. Por vezes a imaginava uma respeitável senhora de sessenta anos, às vezes uma balzaquiana e, em alguns momentos, até mesmo uma jovem colegial.

Quando dava por si, desperto de suas divagações, já era o momento de descer e aquele delicioso perfume, bem como a mulher que o exalava, não estavam mais lá.

Até aquela terça-feira nada fora diferente. O perfume, a barra do vestido, negro, desta vez, o devaneio...

Porém, no momento de descer, já na escada do ônibus, percebeu aturdido que aquele odor quase celestial estava muito próximo de si. Virou-se abruptamente, na intenção de observar tão misteriosa figura, perdeu o equilíbrio e caiu do ônibus, batendo fortemente com a cabeça na guia da calçada.

A dor era lancinante, mas a visão da bela face de sua musa pareceu atenuá-la. Ela sorriu-lhe com carinho, amparou-lhe a cabeça e recostou-a na calçada. Logo os curiosos e bem intencionados transeuntes fizeram um círculo enorme em torno do velho senhor.

- Você é linda! - balbuciou ele olhando fixamente para a mulher.

- Você quer levantar-se e vir comigo, agora? - perguntou-lhe ela.

Ele sorriu acenando afirmativamente com a cabeça. Ela inclinou-se e beijou-lhe a testa, enquanto ele cerrava os olhos vagarosamente e estendia a mão direita para ela.

A mulher suspendeu-o pela mão sem esforço. Sem soltar-lhe a mão foi com ele, em passos curtos, mas decididos, para longe daquele tumulto. Saindo do meio daquela pequena multidão ele encarou-a, enternecido, e olhou para trás, contemplando as tentativas inúteis de reanimação do seu corpo já sem vida, estirado na calçada, com um sorriso nos lábios.



Ingratidão

Floriano Benevides de Magalhães Neto

Pela sinuosa estrada da vida
Onde transitam os seres humanos
Cruza às vezes em desmedida
A ingratidão, além de alguns enganos.

Se desde o nascer até a morte
Busca-se por prazer praticar o bem,
Pode ser que num momento sem sorte
Aconteça a má resposta de alguém.

Todavia, não te enchas de rancor.
Recebe o golpe pelo qual nunca esperas,
Se tua decisão for perdoar, torna passado.

E mais adiante, faze em nome do amor
De novo o sincero bem a quem amparas
E te sentirás feliz, em paz, recompensado.

Criar galinhas

Roberta Mariana Corrêa

Já estamos carecas de saber - ou ao menos carecas de ouvir dos pais e dos livros - que não devemos esperar reconhecimento pelo que fazemos de bom, por melhor que seja a nossa intenção. É uma daquelas verdades que, se o bom senso permitisse, viria gravada nas pulseirinhas do berçário. Não à toa, pois nos doarmos é algo tão intenso - se não coincidente - como o amor. Se a satisfação não vier de nós, realmente a coisa fica frustrante.

Considerando que estamos quase todos escolados nessa máxima, tamanha sua “reverberação” no mundo dos conselhos, em geral passamos, numa boa, pela falta de reconhecimento ou os poucos que acontecem acabam por completar o sentido de tudo.

Mas há um nível superior que, confesso, não consigo alcançar com essa facilidade - um nível que me soa quase divino e inatingível - que é a parcimônia diante da agressão. Pra isso me faltaram conselhos, livros ou, simplesmente, um pavio um pouco mais comprido. Você se presta a dar o melhor de si, a fazer algo que poucos querem ou podem, aí vem alguém tão humano quanto você e te aponta o dedo com vigor tão desmedido, capaz de te fazer olhar para os lados se perguntando: “É comigo mesmo?”. Você não sabe de onde saiu toda aquela vontade - e nem o porquê - e aquilo tudo vem como um belo e enorme balde de água fria.

Procuo nas minhas prateleiras de conselhos algum no qual me agarre pra acalmar o espírito, até aqueles de cunho mais religioso, mas só o que me vem à cabeça é uma frase saída de uma conversa com um amigo que viveu situação parecida: vou criar galinhas. Isso. Sábias palavras. Seja uma meta real ou imaginária, a ideia é mesmo sair do contexto. Sair do meu contexto, minhas razões, minhas intenções; sair do contexto do outro que me apontou o dedo e suas razões e emoções. Sublimar. Talvez pra você funcione respirar e contar até dez. Pra mim funcionou adotar as palavras do amigo.

E, assim, continuo os meus intentos, dentro de toda a minha boa intenção, com a certeza de que todas as vezes que estiver diante da linha de fogo estarei, em silêncio, desejando criar galinhas.

Momentos marcantes

Floriano Benevides de Magalhães Neto

Alguns fatos são para nós inesquecíveis,
Deixam a trilha e a lembrança do ocorrido,
Para trazer de volta momentos felizes,
Se não jamais ocorreriam momentos no passado
Que teriam a chance de voltar ao presente.
O tempo passado, vindo na memória rasante
Sem tempo, sem hora, ao sabor do nosso pensamento
E da alegria de reviver bons momentos marcantes.
Às vezes, porém, ocorrem fatos terríveis, inusitados
Como quase a tristeza de uma perda inesperada,
Mas que constatada a sobrevivência é gratificante,
Uma pessoa que quase foi levada pela morte,
Mas que continua entre nós, presente e forte
Na nossa convivência diária, para a nossa alegria.
Amor, tão grande, o maior sentimento, maior coração,
Com tanta felicidade, querer bem de infinita magia,
Estar perto de quem nós mais amamos na vida
Este é, sem dúvida, o momento mais marcante.
E que de agora em diante, para nossa felicidade,
Ficaremos torcendo que você realize seus sonhos,
Você esteja conosco, firme, amada e presente,
Fazendo parte total de nossa realidade para sempre.

O sacrário

Jayme de Azevedo Lima

O que vou lhes contar é o que se passa no fundo de minha memória. Lembro-me muito bem das missas que eram rezadas na capela do Colégio Jesus Cristo Rei (CREI), de Curitiba. Algumas vezes estávamos todos de uniforme e tenho a nítida visão do mar de blusões nas cores azul e branco em movimentos uníssonos de sentar, levantar e ajoelhar. Eram tempos de mudanças nos ritos e liturgias, proporcionadas pelo Concílio II do papa João XXIII. “*Dominus vobiscum*” e “*Et cum spiritu tuo*” deixaram de ser ditos, pois foram aportuguesados.

Nada era mais atemorizante aos olhos dos pequeninos que o momento da consagração da hóstia, quando o sacrário era aberto. O padre, cerimoniosamente, levantava a taça com as hóstias e todos nós permanecíamos de cabeça baixa. Era fácil observar um ou outro aluno, com as mãos nas faces, levantar um pouco a cabeça, abrir os dedinhos e dar uma olhada no movimento da consagração. Era pecado grave e nos recaía a culpa e o medo do fogo do inferno.

Depois vinha o perdão, quando em fila discutíamos os pecados e a melhor forma de dizê-los ao padre para diminuir a punição, sempre na ordem de 10 Ave Maria, 30 Pai Nosso, 15 Salve Rainha etc.

Mas era o sacrário que nos fascinava, porque lá estava o corpo de Cristo, guardado no altar, em bela taça dourada envolta em panos de linho branco, finamente bordada. Era o mistério da vida e da fé, incompreensível para a nossa idade, à época. Hoje, um dogma que carregamos por toda a nossa vida, no recôndito de nossos corações e memórias. E se no sacrário do altar da capela do CREI estava o símbolo de nossa fé, no sacrário de nosso coração e na mente de cada ex-aluno estão guardados os sons, a gritaria do pátio nos



recreios, a face do aluno que chorava escondido de saudade dos pais.

Está lá, no fundo do coração, o rosto de cada colega que permanece vivo, não importa onde esteja. Permanecem vivos a batida da fanfarra, o vozeirão do Probst, o olhar espantado do Prof. Schneider, o croque e os enormes sapatos do Cebolão. Joana Louca, Fratinho, Gaivota, Tulipa, Fratão, Zé Cornélio, Frater Franz, Frater Tadeu, Frater Irineu, os antigos Vilarinho, D. Geni, D. Detinha, D. Keoni, o reitor, Padre Magno, Tarcísio, Teixeira, Prof. Pepuxo e tantos outros.

O velho colégio com suas fortes estruturas, a escada de acesso, as salas de aula, o refeitório, a sala de estudo, o dormitório, o banho gelado, o teatro e a sala de Biologia, tudo isso está lá no sacrário de nossos corações.

E agora, via Internet, esta crônica estará para sempre no espaço, “viajante dos bytes”, à espera de que alguém a leia e perceba que temos todos nós, no fundo de nossa alma, um sacrário que é o repositório de nossas memórias e o acalanto de nossa alma.

Amigos para sempre. VIVA O CREI.

Jayminho - Externo - 1962-1968.

Meu Deus

Jairdes Carvalho Garcia

No incessante labutar
A lutar na salutar lida
Se a formiga pudesse rezar
Rezaria a um deus-formiga.

O leão em seu reinado
Sem dó e sem compaixão,
Só teria um deus idolatrado
Se esse deus fosse um leão.

O homem enraivecido
Buscando lenitivo à sua dor
Não acredita em anjo caído
Somente num deus destruidor.

Quando, sedento de prazer,
Vendo em tudo um jardim em flor
O homem somente pode crer
Num deus que é puro amor.

Apegado aos bens terrenos,
Vaidoso, mesquinho, egoísta
Seu deus é nada menos
Que um ser capitalista.

Descrente da bondade humana
Sem crer em milagre ou magia
Cético, o homem proclama
Que deus é só energia.

Não vendo e sequer sentindo
O poder que dizem ter deus
O homem acaba concluindo
Que a razão é dos ateus.

Se Deus é o que pensamos
Não há melhor, nem pior
Pois, se há seres humanos
Deus também não é um só.

Em nome da festa

Arcinélío Caldas

Boi pintadinho é só motivo, aliás, um dos bois de festa mais famosos da Região Norte fluminense é conhecido pela alcunha de Boi Motivo, reprodutor de uma manada imensa. Deixou filhos pelo Brasil afora, que servem de bois de guia, vacas madrinhas e bezerros de laço, todos frutos da mescla de várias raças bovinas fundadas no amor e na alegria do povo festeiro que habita este país.

Basta o anúncio de uma reunião carnavalesca, folia de reis ou ciranda do boi bumbá e lá está de plantão sua majestade, o Boi, todo enfeitado, como se fora o dono da solenidade. Seja nelore, girolanda, guzerá, pardo suíço, boi sagrado, chifrudo ou não - não importa a raça - vale o motivo. É o divertimento de marmanjos, raparigas e crianças no reinado de Momo, sob o grito estridente de Boi Capeta, Boi Cabrunco, Vaca Louca, Vaca Mocha e Bezerro Formiga, que faz a festa

O som da bateria afinada, o sapateado dos acompanhantes e a marcação do verzejador ativam os foliões que chegam ao êxtase e à loucura com a farra do boi. O verso na cantoria do povo “Olha o boi é boi, olha o rabo do boi é boi, olha o chifre do boi é boi, quem está debaixo do boi é boi” leva as mulinhas e os espadeiros a interpretar a essência dessa manifestação folclórica através dos tempos.

Nos festejos carnavalescos da Baixada da Égua, grupos de foliões presentes ao CEPOP (Centro de Eventos Populares Osório Peixoto) testemunharam a utilização da festa como palco de uma grande cantada entre o compadre Astolfo e a comadre Vanilda.

Iniciado o desfile dos bois pintadinhos inscritos no concurso anual, lá pelas tantas, lotado de vodka, energético e uca, o compadre, que há tempo pretendia um enredo com a comadre, recém-enviuçada, disparou com seu invejável vozeirão:

- Mete o garruchão no Boi Rochedo que está a desfilar, pois quero a comadre abraçar e estou com medo.

A comadre, carente, desejosa do abraço, a plenos pulmões retrucou:

- Saiu o Boi Rochedo e entrou o Boi Canadá, salta em cima dele e futuca com o dedo, que a comadre com o abraço vai endoidar.

O compadre, encorajado pela aceitação, disparou:



- Afasta o Boi Canadá e deixa o Boi Capado entrar, se eu soubesse que era tão fácil de arrear, botava a comadre para deitar.

Ato contínuo, a comadre, sem pestanejar, deu seu recado final:

- Afasta o Boi Capado e deixa o Boi Cupido entrar, pois se o compadre tivesse arreado o Boi de Namorar, já estaria com a comadre há muito tempo arriado.

A caranguejada

Arcinélio Caldas

Numa sexta feira ensolarada do carnaval de 1975, despedimo-nos da Baixada Santista com destino a São Paulo pela estrada de Rudge Ramos. No caminho nos deparamos com um caranguejeiro a oferecer dois feixes de treze feras cada. Um de crustáceos vermelhos e outro de azuis. Compramos a iguaria para degustar no sábado do reinado de Momo na casa do compadre Guma.

Decidimos que os ferozes *decápodes braquiúros* ficariam presos no tanque da área de serviço do apartamento de Guma até o dia seguinte. Sua unidade habitacional na Vila Mariana era a última do terceiro andar de prédio sem elevador. Descemos do fusquinha 1300 com os combativos caranguejos a se digladiar tais quais mouros e cristãos em incessante batalha pela liberdade. Ao ribombar da campanha constatamos não haver ninguém em casa, e, infelizmente, o compadre esquecera no escritório as chaves do apartamento.

Sugeri nossa ida ao centro da cidade e, na volta, colocação dos bichos no tanque conforme combinado. Guma, teimoso como sempre, discordou asseverando:

- Vou enrolar essas feras na maçaneta da porta pelo lado de fora e deixar um bilhete para minha mulher, que já deve estar voltando da rua.

Ponderei, sem sucesso, que não ia dar certo. Avisei que agitados como estavam poderiam se soltar e criar problemas. Guma, muito voluntarioso, preparou o bilhete:

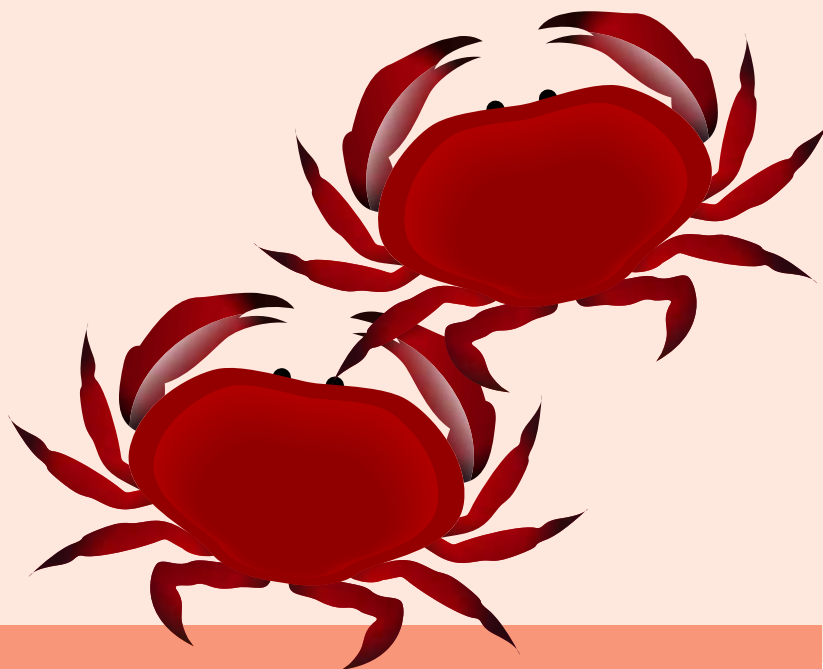
- Querida, estes carangas são para comemorar o início do carnaval com os compadres Arci e Rô. Prenda-os no tanque até minha volta do escritório. Beijos. Guma.

Ao retornar do trabalho, por volta das 20h, notamos grande aglomeração na frente do prédio do compadre. Avistamos uma viatura do Corpo de Bombeiros com a sirene em estado de alerta. Preocupado, Guma desceu esbaforido do fusca e

na calçada foi repreendido pelo síndico de seu condomínio, com o dedo em riste:

- O senhor é um irresponsável, criou imenso transtorno para nós. Ninguém entra, ninguém sai do prédio com medo desses bichos de cabelo nas pernas que o senhor soltou no corredor do terceiro andar. As crianças e as babás estão apavoradas. Em cada porta do edifício e degrau de escada existe um capeta desses impedindo o acesso e a saída dos moradores. Já chamei a polícia!

Por sorte, neste momento também chega madame Laudelina, ialorixá da Bahia, alegre, carismática, vizinha de apartamento dos compadres, com muita prática em lidar com crustáceos, fruto de sua infância nos mangues baianos. Inteirada do problema, com auxílio de uma varinha e a cantoria tcha tcha tcha, tcha tcha tcha, enxotou-os em bando, do primeiro para o terceiro andar. De lá, uma vez aberta a porta do apartamento do compadre Guma, para espanto de todos, mansinhos sob o som da cantoria, os endiabrados caranguejos caminharam em fila indiana, e antes da chegada da polícia, pularam para dentro do tanque à espera do sacrifício no tríduo momesco, regado a boa pinga e cerveja Original geladinha.



Confraternização de ex-alunos

André Falcão de Melo

- Hummm... O Ambrósio acaba de chegar!
- Ihhh! Tô vendo. Carrão, hein?
- O que deve estar fazendo?
- Sei lá... Mas boa coisa deve ser não. Lembra da fama do pai? Tal pai, tal filho, minha querida.
- Na certa, na certa. Se puxou ao genitor, deve estar roubando até pirulito de criança. Ai ai...
- Mas ainda tá bonito. Olha só! Nem parece que se passaram vinte anos, desde que saímos do colégio.
- Humpf! Deve estar ainda mais metido a besta que antes.
- Isso lá é. Rico e ainda gato... Deve estar insuportável!
- Ouvi dizer que se separou daquele tribufu da época de colégio. Lembra dela?
- Não diga!!! Também, nunca entendi aquele namoro! Um gostoso desse namorando com aquela cdf feiosa... Nunca entendi o título de Rainha do Milho que recebeu naquele São João.
- Nem eu. Só pode ter sido marmelada.
- Modéstia à parte, qualquer uma de nós dava de goleada nela.
- Ele ainda continua uma graça.
- Ah! Mas eu nunca quis nada com ele, não! Homem metido demais! Tô fora, minha filha.
- Nem eu, querida! Imagina! Esse tipo de homem é só pra olhar. E olhe lá! Sem trocadilho.
- Claro. A gente tem que se dar ao valor, não é?
- Vou te contar uma coisa. Jura segredo?
- Claro, amiga! Pode dizer.
- É que lembrei de uma vez em que ele tentou me beijar enquanto dançava comigo.
- Jura? Pois nunca vi Ambrósio dançando com você. Quando foi?
- Ah, nem lembro mais. Só recordo que ficou me apertando, todo fofoso, com aquele olhar de homem apaixonado. Caidão por mim. Mas não sou doida, né? Tinha que me dar ao respeito. E foi o que fiz. Pedi licença, e deixei ele sozinho na pista de dança!
- Humm... Sei... Caramba, que memória a minha... Não lembro! Que coisa, né? Mas claro que acredito... Você jamaaaiss iria mentir pra mim...!

Mas quer dizer que o peste olhava pra você também? E dizia estar apaixonado por mim, o cachorro!
- Por você?
- Ah! contei e pronto. Mas peço segredo também. Tanto tempo... Nessa época já namorava a mocreia. Prometeu ficar comigo, se eu o quisesse. Já pensou?
- Não acredito! Quero dizer... Nunca pensei! Você? Menina, não fosse minha melhoóor amiga, juraria que está mentindo.
- Por quê? Só você pode despertar interesse no Brosinho?
- Brosinho?
- Era assim que me pedia para chamá-lo. Isto antes, claro, de eu colocá-lo em seu devido lugar.
- Pois nunca notei nada entre vocês também. Bom, desculpe. É... acredito em vc... Ainda bem que resistimos, então. Cada uma!
- Ai, lá vem ele.
- Tá nervosa? Não se preocupe. Como ele deve vir falar primeiro comigo, eu o distraio até você se acalmar. Ihhh! Tá vindo!
- Desculpe, amiiiga. Mas quanto a esse aspecto, divergimos! Quer pagar pra ver como ele virá falar primeiro comigo?
- Chega um pouco pra lá.
- Chega você. Assim, tá impedindo sua visão.
- (...) ?
- (...) ?
- Passou?! Não nos viu!?!?
- Ai, meu Deus!!
- Ambrósio!!!
- Ambrósio!!! Ei, Ambróóócio...!
- Sim? Ah! Olá, como vão?
- Tuuudo bem, Ambróóócio!!! Pensei que não ia falar conosco!
- É!!! Também! Também!
- Desculpe minha indelicadeza. Não tinha visto as senhoras. Muito prazer! Mas..., ajudem-me: são mães de quem?
- (...)
- (...)
- Grosso.
- Feio.

O torcedor e a mãe

Antônio Dilson Pereira

Fui ver meu time jogar,
queria torcer e me distrair.
Seria um jogo normal,
se a arbitragem não fosse tão mal.
O árbitro era ruim e ladrão.
Foi revoltante vê-lo apitar.
Que falta de sorte, que azar.
Resultado, uma derrota, um azarão.
Fruto de sua má atuação.
Fiquei pensando no desgraçado,
por ver meu time prejudicado.
Lembrei que todos temos mãe.
Se erramos, nossa mãe deve ser perdoada,
não foi ela que errou.
Se erra o árbitro, pouco interessa,
se a equipe foi por ele prejudicada.
Sua mãe deve ser perdoada?
Sei não, foi ele quem criou a confusão.
Ouçamos a torcida, ela sempre tem razão
e o direito de xingar o canastrão,
a mãe do árbitro vai de roldão.
Por que não?



Mandioca

José Sotрати Junior

Desde pequeno tinha fascinação por mandioca. E esta é a palavra exata para expressar sua relação com o conhecido tubérculo: fascinação.

Foi a primeira palavra que aprendeu a falar. Daquele jeito titubeante que as crianças têm quando arriscam seus primeiros balbucios inteligíveis, ele proferiu solenemente: “Maôca”. Olhando fixamente para o prato disposto assimetricamente sobre a mesa, um meio sorriso nos lábios, os olhos faiscando em direção ao objeto de seus infantis desejos, ele repetiu: “Maôca”.

Era o que bastava para receber o pouco lisonjeiro, porém carinhoso, apelido de Mandioquinha.

Mandioquinha cresceu. Ao atingir a idade de produzir suas primeiras frases e entabular as primeiras e corriqueiras conversas foi questionado pelos adultos com a pré-diluviana questão: “Qui qui é qui ocêzinho vai vim a sê quano crescê?” “Prantadô di mandioca.”

Desde então uma ideia formou-se na ingênua mente de Mandioquinha, crescendo até tomar o “status” de compulsão: “Careço di um punhadim di terra pra modi prantá minha mandioca”.

Tentou por anos convencer o dono das terras onde seu pai morava e trabalhava, e onde passou ele também a trabalhar, a plantar mandioca ao invés de soja. “Sinhôzinho (a ironia é o esporte nacional) tá mangando di mim? Soja é dinheiro, mandioca é farinha”.

As investidas de Mandioquinha frente à relutância do patrão arrastaram-se por anos. De tempos em tempos Mandioquinha amenizava suas pretensões.

De uma plantação monoculturativista de mandioca passou a solicitar metade da plantação, passando depois a um terço, um quinto, um décimo da plantação, até que, passados mais de trinta anos, estando o patrão já velho e cansado, Mandioquinha tentou a sorte numa investida final: “Mi arrume, o Sinhô, uns sete parmo di terra pr’eu fazê minha prantação, na memória do finado e mui amado pai...”

Sem ter como negar-lhe agora a pretensão, tão ínfima perto de tão vasta propriedade, o patrão lhe concedeu o desejo. Porém, com aquela fina maldade, própria do suserano em relação aos seus vassalos, forneceu-lhe como área de plantio o canto mais afastado do terreno que fazia as vezes de cemitério da fazenda e redondezas...

Tomado da mais intensa alegria, Mandioquinha não cabia em si de euforia. Dirigiu-se ao seu casebre, “matutando” em como melhor utilizar seu recém-



adquirido torrão para nele cumprir seus mais ansiados sonhos...

Pelas sete da manhã do dia seguinte, estranhando a ausência do abnegado Mandioquinha na lavoura, mandou o patrão que o fossem procurar. Foi encontrado em seu catre, sorriso nos lábios, mãos no coração, jazendo no descanso profundo ao qual todos seremos chamados.

Sem muito tempo, ou paciência, para maiores tratos, acabaram por enterrar Mandioquinha em seu torrão recebido por benevolência do patrão. Sem alarde, quase sem testemunhas, passou despercebido na morte tanto quanto o foi em vida.

Passaram-se alguns meses. Trabalhando nas cercas daquele pedaço de chão, repararam os serviçais em um broto de planta nascido no túmulo do finado Mandioquinha.

Impressionados pelo fato, já que naquelas paragens mal e mal crescia o mato (não à toa era o cemitério do lugar), chamaram Dona Rê, senhora mui estimada e tida por profunda conhecedora de plantas e animais.

Aproximou-se a custo do túmulo a velha senhora, abaixou-se com dificuldade e retirou uma folha do infante arbusto. Esmagou-a entre os dedos, sorveu a fragrância dali desprendida, fechou ligeiramente o olho esquerdo...

“É mandioca?” - perguntou Zéfiro, chapéu entre as mãos, olhar retirante e embevecido.

“Não” - tornou a mulher. “É pitanga!”

O remédio e a cura

Francisco Spisla

O filho de Joana de Lima, mãe solteira que fazia a faxina na Igreja Matriz de Santo Antônio do Paraíso, retornara à cidade depois de uma frustrada tentativa de se tornar uma pessoa importante e famosa, e prosperar na capital. O rapaz era ousado e fora muito bem ensinado e orientado pelo pároco - o que provocara muitas fofocas a respeito da paternidade -, complementado os ensinamentos da fraca escola municipal.

Com ajuda sacrificante de sua mãe que economizara até o dinheiro de remédios, e com algumas contribuições eventuais do padre, fora até a capital e conseguira se formar no curso de Letras em uma faculdade de reputação duvidosa. Essa proeza, inusitada para a cidade, alçara-o ao patamar de pessoa importante, mas não lhe abria nenhuma porta para qualquer desenvolvimento profissional. Afinal, quem precisava de alguém formado em Letras em uma cidadezinha cujo emprego mais cobiçado era o de caixa do único banco? No entanto, essa fama aticava sua autoestima, bem como o tornara muito convencido. Achava-se o tal e andava na cidade com nariz empinado, esperando o reconhecimento de todos.

Mas precisava viver, uma vez que sua mãe estava seriamente doente, sem quaisquer condições de continuar trabalhando. E o padre que o ajudara em outros tempos, além de não ser mais o pároco naquela cidade, sofria do Mal de Alzheimer, estando recolhido em sua congregação.

Assim, foi à procura de um emprego. Uma vaga era mais difícil de ocorrer do que o Presidente da República resolver passar férias naquela cidade. Poderia dar aulas, mas a coisa que mais o apavorava era estar cercado por crianças. Adolescentes, então, nem pensar. Além disso, teria que fazer concurso, mas era muito orgulhoso

para competir com outros que não tinham tido a sua formação. Para ele, era se rebaixar. Afinal, estudara Letras porque seria um grande escritor. No entanto, não tinha como se sustentar até que pudesse se dedicar ao exercício da escrita em tempo integral, já que nenhuma editora queria financiar seu projeto: um livro de contos eróticos de ficção científica.

Mas seu jeito convincente e argumentativo, capacidades que aprimorara na faculdade, qualificou-o a trabalhar na única farmácia da cidade como balconista. É lógico que contou também com a sorte. Epaminondas Ferreira, o nonagenário empregado da botica, tinha sofrido um acidente vascular cerebral. De repente, o dono, que além de farmacêutico também era o maior pecuarista da região, tinha ficado sem seu principal atendente. E porque ficava a maior parte do tempo na fazenda, precisava urgentemente de alguém para tocar seu estabelecimento, alguém um pouco mais inteligente que os demais empregados.

Assim, João de Lima, bacharel em Letras Clássicas, tornara-se o novo balconista chefe da farmácia. Como fora contratado por conta de sua capacidade de argumentação e relacionamento, recebeu inúmeras recomendações para que se ativesse somente ao atendimento dos clientes e recebimento dos pagamentos, deixando para os demais empregados, mais experientes, a extenuante tarefa de desvendar o relato das receitas.

O interessante é que João justificava a si próprio o emprego como uma contribuição à cidade, já que, como profissional das letras, tinha a importante missão de traduzir para as pessoas comuns as indecifráveis receitas, os desconhecidos remédios, os indeterminados tratamentos. Assim, frustrou-se, logo de início,



quando o patrão proibiu-o de aviar as receitas. Mas, como precisava sobreviver, acomodou-se em sua função.

Passado um mês do início de seu emprego, certo dia, quando apenas ele estava na farmácia - um empregado ficara doente, e outro em horário de almoço -, teve de atender uma senhora idosa, que entrou tossindo muito, angustiada e impaciente. Era a mãe do prefeito. Conhecia-a de comentários dos empregados. Irascível, impertinente e pafiosa, como sói acontecer com muitas mães de políticos em cidadezinhas do interior, foi logo exigindo atendimento *vip*:

- Onde está o Epa? Cof, cof, cof. - perguntou, tossindo uma tosse seca e irritante, usando o apelido a que só alguns íntimos tinham acesso.

- O Sr. Epaminondas teve um problema de saúde...

- Cof, cof, cof. Preciso desse remédio! Imediatamente! Cof, cof, cof. - e mostrou a receita, sem querer saber o que tinha acontecido ao antigo atendente.

- Se a senhora puder esperar um pouco, o Antônio chegará daqui a pouco e poderá atendê-la - não pegou o papel, nem quis ver o pedido lembrando-se da recomendação do patrão quanto àquela tarefa.

- Cof, cof, cof. Não posso... Cof, cof... esperar. Não... cof... aguento mais... cof, cof. Quero esse remédio já! - falou quase gritando, num recado direto de intimidação.

João ficou numa situação em que, se por um lado queria mostrar respeito pela recomendação profissional, por outro antevia um caminho maravilhoso, naquele seu universo restrito de literatura, de exercitar sua formação de interpretador das ideias de outros através dos seus escritos. Lembrou das lições de interpretação de texto em que o principal era reconhecer o que realmente o autor queria dizer. Mas não teve a capacidade de perceber que interpretação de texto pressupõe escrito inteligível, pelo menos. Isto é, que seja possível ler. Mas, a questão era apenas uma receita médica. É óbvio que não se tratava de interpretação de texto. Apenas um registro de remédio que bastava ler corretamente e pegar na prateleira.

Tomou a receita em que os garranchos do médico nada ficavam a dever a um símio em experiência científica de grafologia, olhou-a e foi para trás das prateleiras para conseguir controlar sua excitação em poder aviar seu primeiro escrito de prescrição médica. Respirou fundo e tentou ler o nome do remédio. Nada do que tinha aprendido

até então, por estudos ou por experiência de vida, lhe possibilitou qualquer início de compreensão. De repente, lembrou de uma das lições de latim que o padre lhe havia dado, quando ainda menino, em que havia o texto a ser traduzido que dizia *medici male scribunt*. Foi então que ele entendeu o real significado de que “os médicos escrevem maldosamente”. Não é porque não saibam escrever corretamente e de modo compreensível, mas é porque se o remédio não for o correto para o tratamento, eles sempre têm a desculpa de que o aviamento é que não foi correto.

Nem se importou que não tivesse qualquer experiência em farmacologia. Seu mês de trabalho não lhe tinha ainda dado nenhuma dica em como identificar os ideogramas médicos. Algumas letras até podiam ser concluídas, mas o contexto não dizia nada. No entanto, sua autoestima era alta e ele tinha que resolver aquela venda, se não pela exigência da velha, que continuava tossindo sem parar, pelo menos por uma questão de brio.

Entendeu que a primeira letra do nome do remédio podia lhe dar uma boa indicação, seguindo por intuição as demais. Então se fixou e concluiu que a primeira letra era um “T”. Mas não conseguiu seguir adiante. As demais estavam tão garatujadas que pareciam escritas por uma criança de dois anos.

Não se haviam passados nem dois minutos e a mãe do prefeito, tossindo e gritando, exigia sua presença:

- Cof. Como é... cof... cof... rapaz?... cof. Cadê meu remédio? Cof, cof. Será que preciso ir... cof, cof, cof... atrás de alguém que conheça cof, cof, cof, seu trabalho?

Essa forma de cobrança mexeu com sua dignidade e, sentindo-se o Champollion da Indústria Farmacêutica, olhando a prateleira cujos remédios estavam agrupados na sequência do alfabeto, foi até os da letra “T” e viu que somente tinha Tamaril. E, um tanto quanto nervoso, contagiado pelo incômodo da tosse da idosa, concluiu que só poderia ser mesmo aquele. Pegou-o, viu o preço, entregou à senhora, que o pagou ainda o destratando:

- Que falta... cof, cof, cof... faz o Epa - e saiu deixando eco com sua tosse irritante.

Depois que ela saiu, percebeu que ficara com a receita. Mas não fez nenhum esforço para devolvê-la. Tinha se incomodado tanto com a maneira com que a mãe do prefeito lhe tratara que queria era distância daquela mulher. Quando o atendente Antônio chegou, como quem não queria nada, consultou:

- Uma pessoa deixou essa receita aqui para pegar o remédio depois. O que está escrito?

- Nossa, é da mãe do prefeito, aquela megera! Ah, deve ser de um daqueles médicos da capital que escrevem como se limpam no banheiro. Bem, essa letra é um “T”... “a”... não... o “a” não está fechado. Então poder ser um “u”. Depois parece um “m”, ou não, meio ondulado... ah, dois esses. É isso, Tussaneto. É um remédio para tosse - devolveu a receita para João e completou - faz tempo que não temos mais esse remédio. Ela vai ficar muito brava. Mas isso é problema seu, que é o chefinho do balcão. Se entenda com ela - percebeu no comentário do empregado a ironia de quem não tinha aceitado com facilidade um novato para a função que ele desempenhava.

João começou a suar frio. Que remédio tinha dado para a mãe do prefeito? Tama... Tama... Tamaril, lembrou. Para que tratamento era aquele remédio? Será que poderia ser para tosse, também? Torcia para que fosse. Ou para que não tivesse nenhum efeito danoso. Não sabia o que pensar e se condenava por sua ação tresloucada, por sua falta de paciência, por sua arrogância em achar que sabia de tudo e que tinha decifrado a Pedra Roseta das receitas médicas. Ficava pensando no que teria que se justificar perante o patrão caso houvesse alguma reclamação. No que aconteceria se aquele remédio provocasse um efeito colateral que pudesse levar a velha senhora à morte. Que desculpas teria que inventar? E imediatamente percebeu que se ficasse com a receita, estaria com a arma do crime. Começou a sentir engulhos e foi correndo ao banheiro vomitar.

De volta ao balcão, estava num vendaval de pensamentos quando o prefeito, acompanhado

pelo delegado, entrou na farmácia fazendo o maior escarcéu. Umas dez pessoas já estavam agrupadas na porta ante a inusitada forma do passeio do prefeito que falava alto, dizendo improperios, como que convocando a população para um justicamento:

- Quero saber quem de vocês deu o remédio que está quase matando minha mãe.

- Eu vendi o remédio para ela, mas foi o que ela pediu - assumiu João, antes que o outro empregado intervisse e prejudicasse a defesa que já preparara, confortando-se com o fato de que tinha rasgado a receita e jogado no vaso sanitário.

- Pois, seu delegado, prenda ele.

- Sob que acusação? Afinal o que aconteceu realmente?

- O que aconteceu? Minha mãe foi ao médico lá da capital porque estava com uma tosse que não acabava nunca. E segundo ela me disse, trouxe a receita do remédio e esse arremedo de doutor vendeu para ela um laxante. Vejam só! Um laxante! Ela não pode nem respirar, que qualquer movimento faz ela fazer xixi por trás. Então, ela tá lá, quietinha, quietinha. Não pode nem se mexer. Coitadinha! - e virando-se para o povo que já somava uma quantidade grande de desocupados, aproveitou para fazer seu discurso político. - Essas coisas não podemos deixar acontecer em nossa cidade. Queremos conviver com cidadãos dignos, que conheçam seu ofício e respeitem os idosos...

- Senhor prefeito! Será que eu tenho direito de defesa? - interrompeu decidido João. - O senhor acha que de sã consciência eu teria me aproveitado da idade proecta de sua matriarca para subrepticamente, de modo solerte, aproveitar-me para achicalhá-la através de meios escusos? - os iletrados santo-antonienses do Paraíso estavam achando que o rapaz estava delirando, dado o palavreado jamais ouvido naquelas paragens. No entanto, ele estava apenas aproveitando de mais uma ocasião para demonstrar o conhecimento do que tinha aprendido na faculdade.

- Ora, ora, para com essa verborragia, quem você pensa que é? Um reles empregadinho que fez um cursinho na capital e já acha que pode decidir

que remédio é bom para cada um? Está lá minha mãe, já pronta para morrer.

- Não exagera, senhor prefeito. Ela só está com diarreia. Logo passa.

- Logo passa? Então vá tomar conta dela. Quero ver se aguenta ela reclamando. Seu delegado, se não prender ele agora, esse povo que me apoia não poderá ver impunidade e vai comigo resolver como tem que ser - e virando-se para o povaréu que já se excitava com o ocorrido, completou: - não é?

A turba, em uníssono, gritou "É!". Então o prefeito puxou João para fora da farmácia, empurrando-o para o meio da rua. E já se preparava o linchamento quando o delegado sacou seu revólver, deu dois tiros para o ar e gritou:

- Gente, vamos parar com isso! - e direcionando-se para o prefeito - Como está a tosse de sua mãe?

- Ela não está mais tossindo. Porque, se tossir, ela se borra toda.

- Então o remédio fez efeito. Pronto... O rapaz errou o remédio, mas acertou na cura. Agora só basta esperar o efeito passar. E ficar longe, porque os resmungos dela nem o senhor, seu prefeito, aguenta.



Preito à braguilha das cuecas

André Falcão de Melo

Digam-me uma só boa razão para o fechamento da braguilha das cuecas. Já quebrei a cabeça pensando e, sinceramente, não encontrei. Pra quem não sabe, ou não lembra, braguilha era aquela simpática e funcional abertura (buraco) que existia na parte anterior das cuecas - seja das tipo sunga, seja das chamadas samba-canção -, e que servia para, por ela, puxarmos o danado para urinar, entre outros fins. Samba-canção, aos desavisados, era um tipo de cueca que se assemelhava a um calção - que, esclareça-se também, não é uma calça grande -, uma espécie de bermuda pequena (o que hoje se chama *short*, que por sua vez trata-se de mais outro estrangeirismo incorporado ao nosso convívio sem o mais mínimo sentido, já que tínhamos calção tanto na língua portuguesa como no guarda-roupa), bem folgadinha e, em regra, de algodão. Aliás, antigamente, mas não tanto a ponto de ser ainda criança, eu falava barguilha. Assim: com o r após o a. Diga-se de passagem, muito mais agradável de dizer e de ouvir. Mas tá em desuso. Pena.

Ao darem fim às braguilhas, os fabricantes o deram, igualmente, à sua (delas) indispensável funcionalidade. E se é assim, e o é(!), volto à indagação inicial: por que cargas d'água dela nos privaram? Tentando encontrar resposta, entro a conjecturar: Seria vingança de alguma fabricante-mulher, que a fechou por eventual mágoa conosco, homens, até então rancorosamente guardada? Ou de algum fabricante-travesti enraivecido com o buraco da sua (dele) cueca - à época em que ainda

a usava, obviamente -, sempre a impiedosamente lembrá-lo da desnecessidade de urinar sentado? Ou foi por uma razão simplesmente estética? Nenhuma hipótese me satisfaz ou me conforta.

Observem, por outro lado, que a forma da braguilha continua presente. Apenas o buraco - ela, portanto - foi sumariamente fechado. Deixaram o risco, a costura, nalgumas uma espécie de abanhado (como se diz aqui no nordeste) inútil, às vezes até o desenho de um losango (nas tipo sunga). Enfim, mantiveram uma braguilha falsa! Como que para eternizar o ato vil e certamente destituído de propósitos nobres, mantendo-o fresco em nossa memória e eternizando nossa irresignação.

Mais: não bastasse o desconforto, dá prejuízo. Já perdi até celular! Ora, se uma das mãos está ocupada com o aparelho móvel, torna-se sumamente desconfortável alcançá-“lo” usando apenas a mão desocupada. Claro que tenho umas poucas e raras (samba-canção) que têm braguilha. Tão bem cuidadas que, velhinhas embora, parecem novas. Devoto-lhes profunda afeição e gratidão pela serventia. Mas nesse dia, do celular, não estava com uma. Assim, tive que prender o celular entre o ouvido e o ombro para, com as duas mãos livres, finalmente abrir o zíper, arriar um pouco a cueca, segurá-la, arriada, com uma das mãos e, enfiando a que estava livre pela braguilha da calça (essa pelo menos até agora tá mantida), trazê-“lo”, enfim, à luz do aposento. Resultado: o celular escorregou, caindo direto na aguinha lá embaixo. Já era. Duas vezes.

Outra é quando você se depara com aquelas tampas mal reguladas de privada - aquela parte do aparelho sanitário usada para tornar mais confortável a produção do número 2 -, e que teimam em cair a cada vez que você, mesmo com todo o cuidado, já que pretende fazer apenas o número 1, as levanta. Aí lá vai você ocupar uma das mãos para segurá-la. O resultado, agravado se você estiver com pressa: perna da calça mais, ou menos, salpicada, jato na borda do sanitário, no chão, e por aí vai (queira nem saber mais hipóteses).

Não bastasse, no ato de abraçar uma mulher pela cintura, com uma das mãos, naquele momento mais, digamos, entusiasmado entre o

casal, eis que a outra mão, a livre, não consegue, naturalmente, dar conta de, sozinha, ...sozinha, ...sozinha, errrr, vamos pular essa.

Comentando com um amigo acerca deste preito, sou informado de que o tema já fora abordado pelo cronista Mário Prata, como eu um irresignado órfão das braguilhas das cuecas. Pôxa, vida! Ao mesmo tempo que me senti na melhor companhia, honrado de compartilhar com um dos maiores escritores brasileiros contemporâneos a mesma queixa pelo banimento das braguilhas das cuecas, senti-me desconfortável - por não estar à altura do cara, sabe? -, então corri a enviar logo o texto a publicação, antes, inclusive, de ler a crônica do Prata, e de ser vencido pela tentação de desistir.



Superstição

Arcinélío Caldas

Desde os tempos de Martins Lage, Canoão, exímio atleta de voleibol, presente nas quadras dos colégios da cidade e muito supersticioso, evitava pisar em corda, passar debaixo de escada, olhar para coruja, beijar mulher feia e usar faca cega. Se um gato preto em noite escura atravessasse na sua frente, era um infeliz, no mínimo, iria matar a fome de leão de circo.

São Jorge era o seu santo protetor. Ardoroso torcedor do Automóvel Clube Fluminense, usava uma figa costurada na lapela de seu paletó em todas as partidas do time feminino de voleibol do clube de seu coração. Coincidência ou não, toda vez que assistia ao jogo de paletó, as atletas do Ouro Azul ganhavam com folga. O time campista se classificou para a final do campeonato estadual e, graças à infalível mandinga de Canoão, conquistou uma vitória histórica.

Um belo dia, ao passar pela Praça São Salvador, em frente à Lira de Apolo, um pombo distraído acertou sua cabeça. Canoão entrou em desespero:

- Estou azarado, logo hoje que vai ser realizada a audiência do meu processo de indenização, que há anos se arrasta na Justiça, levo uma defecada dessa.

Ouvi a lamúria do amigo e o alertei:

- Canoão, você está enganado. Em matéria de Direito, cagada de pombo dá é sorte. Além de aumentar sua chance de vitória no processo, você deve, também, comprar um bilhete de loteria.

Naquele exato momento, como se fora de encomenda, Onofre, cambista da lotérica A Mina de Ouro, passa vendendo um bilhete da cabra. Canoão, sabedor de que a oportunidade tem um só fio de cabelo e quem não a pegar é trouxa, não perde tempo.

- Bilheteiro, é meu o bilhete.

No dia seguinte, conferido o resultado na agência da Caixa Econômica Federal, Canoão ficou estupefato com o resultado. Dera cabra na cabeça,



porém, com a dezena diversa da escolhida pelo bilheteiro. Canoão voltou à Mina de Ouro e reclamou com Onofre.

- Você me deu o bilhete errado.

O bilheteiro, zangado, asseverou:

- As opções são suas. Da próxima vez escolha o bilhete você, ou compre as quatro dezenas do grupo do bicho que escolheu.

Há anos, Canoão, além de receber um bom dinheiro com a ação de indenização julgada a seu favor, entre uma partida de voleibol e outra, passa sistematicamente debaixo das árvores, quer na Praça São Salvador, quer na Praça Santo Antônio de Guarus, ou em qualquer outra de todos os santos onde haja árvores com pombos, na espera de levar outra borrada e repetir a oportunidade única de comprar o bilhete premiado.

A Tartaruga espantada e a Lebre encantada

Gouvan Linhares Lopes

Trata-se de diálogo entre a Tartaruga e a Lebre, que se encontram, figurativamente, em uma floresta, que são o consciente e o inconsciente humanos, abordando questões existenciais que geram conflito nas pessoas. Na verdade este conflito ocorre no interior de uma pessoa, sobre a maneira de encarar o mundo e os problemas da vida. Nesse aspecto, há uma polaridade entre a racionalidade e a intuição, na busca ora da verdade, ora do belo, ora de um caminho ou uma maneira de caminhar.

T - Oi.

L - Oi.

T - Quem é você?

L - Não sei. E você?

T - Dizem que sou uma tartaruga.

L - Como assim.

T - Não sei quem sou.

L - Não?

T - Acho tudo estranho. A vida, o mundo e eu mesma. Não sei o que estou fazendo.

L - O que você acha estranho?

T - Tudo. Estou como numa partida, num jogo. Nada escolhi e fico espantada.

L - Com o quê?

T - Comigo, com o mundo, com meu corpo. Não escolhi meu corpo, nem meus pais, nem meu sexo, nem onde e quando nasci.

L - Realmente.

T - Após uma vontade satisfeita, sempre aparece outra. Não tem fim. Estou sempre desejando, sempre querendo, quando realizo ou não um sonho, um desejo, já parto para outro. Meu

corpo é cheio de exigências, termino de comer, quero dormir, termino de dormir, quero isto, quero aquilo, nunca paro de pensar e olha que penso muito. E você? Quem é você?

L - Sou uma lebre.

T - É mesmo. E como você é?

L - Encantada com este mundo. Tem coisas belas e não belas, assim como os lados de uma moeda.

T - Fico triste com as coisas feias. Não gosto.

L - O que é feio pode ser bonito. O que é bom pode ser ruim e o que é ruim pode ser bom. O mundo é o que lhe parece. As coisas acontecem e o que é bonito pode ser feio.

T - Que confusão. Como o bonito pode ser feio. Uma coisa ou é ou não é.

L - Você é muito cartesiana. Isto confunde. Parece que vive com um livro na cabeça. Tem coisas da vida que o pensamento racional não explica.

T - É mesmo. Vivo lendo. É uma fome de leitura que você nem imagina.

L - Por quê? Você acha que os livros têm respostas para você. São escritos de pessoas como nós. Será que seu melhor mestre não é sua intuição?

T - Intuição? Que nada. Acredito na lógica, no raciocínio, na formulação de premissas e uma conclusão. Ponto. Intuição é uma verdade que chega de pronto e não tem ruminação.

L - Nossa. Essa ruminação parece que não tem fim em você. Sua lógica não é suficiente para entender este mundo e menos ainda a você

mesma, não acha? Veja quantos questionamentos você tem. São muito circulares. Você é muito pesada, por isso é uma tartaruga e eu uma lebre, tão leve.

T - Tenho medo.

L - De quê?

T - Do mundo, parece tudo tão esquisito. Tenho vontade de explicar para controlar minha vida, mas não tem como. Há tantas causas.

L - Você deve gostar muito de uma rotina, não? Certamente, nunca procurou observar sua rotina e muito menos mudá-la.

T - Como você sabe?

L - Geralmente as pessoas que não observam ou alteram suas rotinas são difíceis de conhecerem a si mesmas e muito menos mudarem. Tem medo do fim?

T - Também. Mas não sei nem de onde venho, muito menos para onde vou. Parece uma música conhecida.

L - Você, Tartaruga, não sabe quem é nem o que quer?

T - Exatamente.

L - Pois só faço viver. A vida pode ser incompreensível em muitas coisas. Logo, vou cantando, sonhando, simples assim, sem procurar causalidades e sem um livro na cabeça.

T - Não consigo. Quero controle. Quero prever. Quero saber para onde ir, mas não dá. De repente tudo se transforma.

L - Como assim?

T - Viver é uma experiência muito, mas muito esquisita. Como dizer quem sou se todo o tempo estou mudando.

L - Você pensa muito e procura explicação para tudo. Assim não vive. Que tal os pequenos prazeres e encantos?

T - Gosto. Mas não paro de espantar-me, acho que sou muito racional. E você?

L - Sou intuitiva, funciono diferente de você, que procura causas e explicações para a vida e o mundo. Tem verdades que não se descobrem. Sabe, Tartaruga, uma pergunta mal feita deixa

você tonta. Mais importante do que procurar respostas é saber perguntar.

T - É mesmo, e também porque o autoconhecimento é muito doloroso. Você olha tantas coisas feias e pensa e sente em tantas outras, não aceita pelos outros, como o rancor, inveja, ciúme, tudo escondido. Aí eu digo que são sentimentos dos outros e não meus. Fica melhor assim.

L - O mundo é encantador, mas o mundo é o que lhe parece. Aos meus olhos é fascinante, para você é enigmático. Afinal, se você não escolheu seu corpo, sexo, pais, o lugar onde nasceu e a época em que nasceu, como você pode fazer tantas perguntas?

T - É de mim. Não consigo mudar meu funcionamento.

L - Muitos seres que viveram antes de você fizeram as mesmas perguntas e tentaram muitas respostas. Outros sequer indagaram estas questões, viveram ora procurando dinheiro, ora poder, ora prazeres. Que tal falar sobre o belo em lugar de procurar a verdade?

T - Como assim?

L - O belo você percebe e sente, não se explica. Que tal saber apreciar a diversidade e a singularidade de cada um? A maneira como cada um funciona, seus prazeres, medos, expectativas, amores, conflitos, verdades e, principalmente, suas crenças. São as crenças que determinam o funcionamento de cada um, sabia? Você deveria observar-se mais para aprender a conhecer os outros.

T - É o meu caso. Minha crença é a razão, a sua crença é a intuição, não é mesmo?

L - Exato. Tem fatos da vida que não é possível conhecer pela razão.

T - E agora. Quem está certa?

L - Porque tem que ter um certo e um errado. Você e eu podemos estar certas e erradas, kkkkk.

T - Você me confunde. Fala nos livros, na busca da verdade, na razão, nas crenças, e quando quero saber quem está certa, você ri. Droga. Ô perturbação este papo.



L - E você é engraçada. Sempre questionando e fazendo perguntas que não têm respostas. Igual a tantos que vivem confusos e para esquecer assistem à televisão para ouvir alguém dizer como devem viver.

T - Vai falar e criticar até a televisão? Não bastavam os livros? Quando estou cansada de pensar, prefiro a televisão e os livros à companhia de alguém, as pessoas são más.

L - As pessoas são boas e más como faces de uma moeda. Eu sou artista, contemplo o belo mesmo diante do trágico da vida, e a televisão distorce o que realmente é importante, não? Torna feias coisas bonitas, o amor sem sacrifício e mero prazer, o lazer só com dinheiro, a solidão como algo a ser evitado sempre e o vazio como algo insuportável que deve ser preenchido, de preferência com mercadorias a serem compradas.

T - Você é esquisita.

L - E você é solitária. Não sabe criar vínculos com as pessoas e não tem amigos ou amor social,

pois acredita que são naturalmente ruins, não é mesmo? Os livros não lhe ensinam a cativar o outro, só convivendo é que poderá aprender. Talvez você tenha se identificado com um dos seus pais ou uma pessoa significativa em sua vida cujo comportamento seja dessa maneira.

T - É verdade. Não busco amor social. Nas relações ou há conveniência ou troca de favores, Gosto de manipular para controlar. Gosto de ser vista como alguém muito séria e inteligente, mas ao mesmo tempo gostaria de ser amada.

L - Tá vendo, esta é mais uma crença que determina seu funcionamento, gera conflitos e fragmenta seu interior. Tá bom de você aprender a pensar e identificar o que sente.

T - Acho que vou tornar os outros meus professores, no lugar de ler tantos livros, fazer tantas perguntas sobre o mundo e assistir à televisão para não sentir solidão, vou aprender a criar vínculos com os outros.

L - Legal. E vai começar com quem?

T - Que tal um grande mestre?

L - kkkk, tá se repetindo, de novo.

T - Repetindo?

L - É, repetindo comportamentos. Às vezes é difícil mudar. Você olhou para tão longe querendo compreender o mundo, que ficou muito distante de você mesma. Observe sua rotina e verifique há quanto tempo ela não muda. Se é difícil mudar sua rotina, que dirá seus comportamentos e sentimentos.

T - É?

L - É. Que tal procurar ternura? Que tal experimentar cativar alguém? Todos somos como uma moeda, repito, temos coisas boas e ruins.

T - Como? Não sei fazer isso.

L - Simples. Sendo gentil. Geralmente o dinheiro e o saber tornam alguns distantes dos outros, com uma sensação de superioridade pelo que têm ou sabem.

T - E agora? Você está me quebrando por dentro. Não sei o que pensar.

L - É porque estou mostrando as suas crenças para você e como está fragmentada, querendo coisas que se excluem. Ora quer manipular, ora quer amor social; não dá.

T - De onde vieram essas crenças, como surgiram, que nem sabia que as tinha?

L - De sua história de vida, seus pais, seu meio, os lugares e pessoas que se relacionaram com você. A vida é tempo cujo tamanho representa um copo. Quem tem um copo pequeno tem pouco tempo neste mundo; um copo grande, muito tempo; mas todos vamos preenchendo esse tempo fazendo algo. Você não disse que não para de querer? Pois você vai preenchendo esse tempo com sua rotina que você nem sequer conhece.

T - Então volto para minha inquietação inicial, não sei quem sou nem o que eu quero.

L - É um processo. Ter falado já valeu a pena. Você conheceu suas contradições que a tornam fragmentada, ora querendo uma coisa oposta à outra.

T - Como assim?

L - Você quer sabedoria sem saber perguntar, quer entender o mundo sem entender seus conflitos, quer assistir à televisão e ler livros para fugir da solidão e do vazio que são insuportáveis para você. Sequer analisa sua rotina e não observa suas repetições.

T - É mesmo.

L - É mesmo. Você é muito engraçada.

T - Obrigada pelo papo.

L - Ai, que cansaço. Acho que vou dormir. Afinal, esta conversa comigo mesma, ora me chamando de Tartaruga, ora de Lebre, deu sono.

Conclusão

Cuida a história dos conflitos das pessoas, de sua fragmentação, angústias e repetições que geram conflitos e sofrimentos em suas vidas. Sem sequer observar sua rotina ou seu funcionamento, a Tartaruga quer entender o mundo, distanciando-se de si mesma pela televisão ou numa ruminação intelectual na leitura infinita de livros como se, apenas estes, respondessem às suas questões existenciais. Quer ser amada, mas não acredita nas pessoas. A Lebre questiona suas crenças, funcionando como espelho daquilo que a Tartaruga é, sente e age. Na verdade, não passa de uma pessoa que, antes de dormir, atua como crítica de si mesma, na análise das suas crenças, seus problemas e desejos.

Diante da vida há uma complementaridade de comportamentos, ninguém é só racional ou só intuitivo. Mas há momentos em que não sabemos pensar utilizando a racionalidade para explicar fenômenos irracionais. Desconhecemos nossas crenças e suas origens, que determinam nossas escolhas diárias, nosso caminho e nossa maneira de caminhar.

O autoconhecimento pode ser doloroso, mas pode ser bom, e esta dualidade entre o bom e o ruim é inerente à condição humana. Afinal, o mundo é o que lhe parece.

O enigma

José Irajá de Almeida

Universo
Galáxia
Sistema
Planeta
País
Casa
Quarto
Eu
Por quê?



Tempos

José Irajá de Almeida

Quanto tempo tem o tempo?
Qual o tamanho do tempo?
O tempo que eu tinha, o tempo levou
Olho através do tempo o tempo que me resta
Enquanto houver festa, que o tempo me
dê mais tempo
Até terminar o show.

Ponto de partida

Luiz Sérgio e Silva

.Não, não é um ponto final!
Somente a marca da caneta no papel
À espera de algo a dizer.
Hoje decidi poetar, mero rompante.
Mas uma preguiça de pensar, de agir, de...
Zero volts, ânimo apagado.
Queria entorpecer-me sem entorpecentes,
Desintegrar-me
E depois retornar bem-disposto, coeso.
Se não inspirado, ao menos esforçado
Para o garimpo das palavras incrustadas em mim.
Ainda que elas sejam inúteis, apesar do brilho,
Pois há o indizível.
(Há? Já cheguei a pensar em deficiência cognitiva,
Mas há, sim, o indizível!)

Não há palavras que possam dar conta
Do que em certos dias, como hoje, sinto...
Por isso a reticência
E o silêncio na sequência
Com a enorme interrogação da alma em minha retina.
? Escrevo ou não escrevo?



Vê de vitória

(De aves e de gente)

Luiz Sérgio e Silva

Vê! Aves voam em Vê.
Isso tem um porquê
Que a nós, humanos,
Interessaria saber.
Simples e vital como o voo,
Instintivamente exemplar
É a lição vinda do vento.

A impressão que se tem,
Ao contemplar o céu distante
E ver esse voo em vê,
É a de algo que, sem o menor esforço,
Desliza...
Com a leveza e a suavidade de uma pluma
Que se soltasse de uma daquelas aves.

Porém, ao olhar mais atento
Foi revelada a peleja
De se cumprir a lei da Natureza.

Não podendo permanecer onde estão,
Deverão seguir numa rota,
Seja ao raiar do dia ou ao prenúncio da noite,
Até a um lugar onde pousar possam.

No caminho
Turbulências poderão ocorrer:
Mudança dos ventos,
Fumaceira agredindo o ar,
Perda da força e do equilíbrio,
Uma ave que sai da sinergia,
Outra, aventureira, que decide debandar,
Uma asa ferida ou quebrada...
E outros infortúnios mais.

Daqui nada se ouve,
Mas elas grasnam em uníssono.
Grito de guerra? Euforia? Força motriz?

Daqui pouco se vê,
Mas elas se esforçam.
Revezam posições,
Protegendo-se e ajudando-se
Mutuamente.

E seguem voando.
Suaves ao vento vão,
Nunca em vão,
Sempre em vê.
Até o merecido pouso.

Quanto a nós, bando de gente,
Aprender com a Natureza
Seria sábia e necessária atitude.
Mas é sábio também lembrar:
Gente é muito diferente!

Pensa e sonha
Sonha e pensa.
Cada um a seu modo,
Nem sempre em bando,
Vai...
Muitas vezes em vão,
Por estradas sinuosas,
Arrastando consigo
Um caldeirão de emoções.

E ainda pergunta:
Quem sou eu? De onde vim? Para onde vou?

Não podendo voar, se vê:
Numa corda bamba,
Dentro de uma enorme bola
Solta no espaço.
Girando... Girando... Girando...
Equilibrar-se,
Eis o grande desafio!
Soltar-se,
Eis o segredo do equilíbrio!





Na palma da mão da Tarde

Manoel Messias Fernandes de Souza

Estou na palma da mão da Tarde
Que se alevanta na minha frente
E me apanha contemplativa
Como uma gigante, forte e altiva.

Sinto o elevar-se da inspiração
À enésima grandeza exponencial
Ao bater o esplendoroso coração
Da Tarde plúrima e descomunal.

Olhando ao redor, vejo um Arco
Íris do olho do Sol Poente.
É a Tarde que atirou em um barco
Sua flecha de chama reluzente.

Reconstruindo o mundo infenso
Ao duro e reles escapismo
Faço votos que o lirismo intenso
Cultue a Tarde livre de empirismo.

Aí você acorda...

André Falcão de Melo

Aí você acorda e vê que precisa mudar
Algo que transforme sua vida
Que transforme seu ser
Altere convicções ultrapassadas,
extirpe preconceitos.
Torne passado o que já deveria sê-lo
Um novo presente está bem ali,
um futuro diferente acena.

Aí você acorda e vê que precisa mudar
Dar lugar à generosidade,
naquele espaço reservado ao egoísmo.
Adornar sua natureza
com a flexibilidade do eucalipto,
e não com a rigidez do carvalho
Julgar menos,
viver mais.

Aí você acorda e vê que precisa mudar.
Enfim enxergar
O que tanto relutou em ver.
Deixar que a claridade entre
Pela janela de sua vida
Finalmente.
A luz, onde havia névoas
Que você teimava em não deixá-las dissipar-se.

Aí você acorda e vê que precisa mudar
Aceitar as pessoas como elas são
Identificar suas próprias fragilidades e defeitos
e tentar transformá-los em fortaleza e virtude
Cobrar menos, de si e dos outros
Viver mais e melhor

Deixar que a vida o leve,
Sem perder o controle do leme
Só não remar contra.

Aí você acorda e vê que precisa mudar
Ver que a luta nem sempre pode ser vencida
Antes é às vezes até pra ser perdida,
porque pode não ser justa a sua vitória
Ou porque não haverá vitória, nem derrota
Que a luta é inglória
Que você lutou em vão
Que sequer luta havia a ser lutada
Que a luta, você mesmo a criou

Aí você acorda e vê que precisa mudar
Como já acordou outras vezes,
mas não mudou o quanto devia ou precisava mudar.
Ou mudou o que pôde,
O que conseguiu
Fez o seu melhor
Você finalmente vê que o tempo está passando.
Que a vida passa, e não volta mais.

Aí você acorda e vê que precisa mudar.
Aí você enxerga que precisa, realmente, acordar.
Pra ver.
E renascer.
Ser melhor.
Ser feliz.
De novo.





Se tivessem contado mais...

Roberta Mariana Corrêa

Talvez até tenham nos contado algo - e a fantasia e entusiasmo da juventude fizeram o favor de nos distrair - mas tenho absoluta certeza que deixaram de nos falar sobre boa parte dos bastidores da vida. Admito que isso, de alguma forma, para mim foi muito bom: pude realizar certas “aventuras” sem muito temor. Como teria tido filhos se soubesse de tudo por que passa uma mãe? Confesso que só na ida para a maternidade para ter meu primeiro rebento tomei conhecimento da necessidade de providenciar absorventes para o pós-parto. Einh? E nunca poderia imaginar o horror que é uma barriga depois da saída de um bebê. Cheguei a pensar que aquela gelatina que antes se dizia uma barriga jamais poderia voltar ao normal.

Mesmo diante do velho gosto popular pelas notícias ruins - não é à toa que isso dá ibope na televisão e na internet - as pessoas gostam de contar a parte boa das histórias, especialmente quando envolve amor, família e relacionamento, ou talvez seja mais comum que se preste mais atenção nessa parte... Na verdade, o sentimento

de busca pela felicidade nos joga uma verdadeira “isca” e caímos que nem peixinhos.

Vi alguns amigos defensores da solteirice e liberdade eterna desejar um casamento com uma convicção antes inimaginável. Ou outros que jamais se imaginariam mães/pais esperarem a chegada do filho com um encantamento de dar gosto de ver.

Mas muito dos bastidores só seriam conhecidos “no ato”, um lado difícil com o qual se precisa conviver, aceitar, e até remendar. Para alguns essa face é muito penosa e nem sempre suportável; para outros é digerível com alguma tolerância: não há quem possa saber exatamente o que lhe espera. E não tem escapatória: para permanecer com a moeda, só ficando com os seus dois lados.

Apesar disso tudo, não saber previamente como as coisas funcionam na parte de trás do palco parece impedir que se evite o melhor da vida. Se tivessem nos contado mais, certamente teríamos corrido de muitas coisas. E pobre de mim - pobre de nós - sem as nossas aventuras e desventuras...



Pelo menos duas vidas

Roberta Mariana Corrêa

Hoje eu cheguei à certeza de que temos pelos menos duas vidas. Depois de anos ouvindo diferentes convicções religiosas - de um lado afirmando-se que temos apenas uma vida, de outro que voltamos diversas vezes até nosso aprimoramento espiritual - e ora pendendo para um lado, ora para outro, hoje estou convicta de que vivemos mais de uma vez, numa vida só. Está certo que a minha dúvida religiosa permanece, mas chegar a essa convicção, ainda que por outras vias, me pareceu algo fantástico.

Aqui estou, algumas décadas, ainda uma breve biografia, mas, até agora, me surpreendo com quanto de histórias já imaginei, quantas cidades visitei (e até morei!), quantas danças realizei numa perfeita sincronia de passos e ritmos, quantos desfechos diferentes criei para momentos, quanto divaguei - e por tantas vezes - pensando como outros momentos serão. Quanto sonhei.

Como vidas sobrepostas, tantas vezes tão próximas, que o real e o imaginado se misturam. E tudo meu. Pelo menos duas vidas numa só.

E a relação entre elas é visceral. Nos momentos em que tenho mais presente em mim o imaginado, o sonhado, tenho mais vontade de viver o real. Talvez na secreta - e utópica - intenção de unir os dois mundos, de transformar em uma as minhas (pelo menos) duas vidas. Isso sem falar nas vidas que se entrelaçam nos laços de afeto que criamos por onde passamos e onde estamos.

Mas ao lado dessa convicção me paira um breve assombro frente a outra misteriosa certeza: o livro que se fechará. Ao menos o das minhas vidas. E ainda que permaneça em mim a dúvida quanto à existência de outra vida, estou certa de que outros livros se abrirão ou abertos permanecerão, repletos de vidas, sonhos, danças e infindáveis momentos reais e imaginados.

Preparativos para o fim do mundo

Robério César Camilo dos Santos

O mundo vai acabar
antes que alguém perceba minha dor,
antes que eu veja, amor, novamente a tua face,
antes que em ti desperte a alegria e a certeza
de que o amor é o que nos faz feliz.

Sim, o mundo vai acabar,
e seu fim começa no Líbano, no Paquistão,
na Faixa de Gaza, em Israel, em Manhattan,
no trem de Londres, em Madri e no Iraque,
em Mianmar, Sichuan, no Afeganistão e em Japur.
Sim, sim, o mundo vai acabar
e o mundo começa a acabar em mim.

Tirei meus últimos pensamentos
e dou, feliz, meus últimos passos,
estico as pernas na esquina do subúrbio da cidade
sem perceber danço minha última valsa,
tomo um conhaque, ensaio fumar um cigarro,
alguém me exala, um velho amigo me atinge.
Estou protegido por alguns poucos minutos.

Despeço-me, vou a uma loja,
faço compras no cartão de crédito que não sei
se no final do mês irei pagar, o mundo está caro.
O feijão subiu, o arroz também subiu, subiu
o leite, a carne...

Meu peito não suportou e está agora ultrapassando
a gasolina, o leite, o peixe, a rua e este
papel aumentado,
ultrapassando a minha fome, o meu ódio
e o meu tédio.

E tantos desastres.
A Flórida incendeia, furacões no Sul,
terremotos, na Ásia, na África, no meu Ceará,
e minha vida acesa, estou ainda cheio de vida,
com meus olhos abertos, de novo estou em casa.

Sinto meus músculos se contraírem,
se desprenderem
e minhas mãos colecionando, pouco a
pouco, fantasmas,
durante isso, eu por dentro, sorrio,
e choro, e canto
e acompanho a minha vida e o mundo
se comprimindo,
e o movimento das coisas, dos automóveis
e dos homens,
é novamente a noite se arquitetando.

Ligo a tevê. Olho pela janela.
Vejo o céu em chamas, a vida em chamas,
a rua em chamas e a cidade toda queimando.
Dou um telefonema, converso com alguns amigos
e avisto algumas, não velhas, senhoras,
antes meninas,
que eu desejo ou desejei um dia. Quisera
tê-las comido,
mas não comi e não esqueço de como me
deixaram triste.

Não é difícil confessar.
Já as vi nuas, seminuas pelo buraco da fechadura
quando menino.
Algumas não tinham alma, eram lindas: sorriso
doce, olhar mais doce,
causaram guerras, disputas vãs, muitos desejos.
Hoje apenas saudade desta profundidade
tão curta
e tão breve, repleta de rugas e passos calmos
e seguros e uma
serenidade que não parece humana, a não mais
despertar intrigas,
veem apenas a distância na ida para a igreja e
para a morte.

Enquanto bombas, armas, um arsenal inteiro de
mísseis e aviões
se preparam para mais um dia de guerra, mas
não qualquer dia, o último.
A guerra começa, o mundo é uma bomba armada,
e começa a implodir dentro da minha casa,
sobre a minha mesa:
No café da manhã: acidulante, conservante,
gordura trans,
corante, glúten, aromatizante, umectante,
emulsificante,
e ante, e ante, e ante, sem antientediante e etc,
e etc, e tal.



Nada receio, nada temo, nada quero, nada guardo.
Não guardo dinheiro. Vou ao banco, tiro dinheiro.
Percebo que a conta está zerada. Zero também
a poupança.
Vou à farmácia e compro um remédio que
não mais servirá,
vou ao supermercado, ao açougue da Joana, ao
boteco do Zé.
Pago meus bicos e minhas dívidas. Nada mais devo.
E vejo o mundo que me viu nascer morrer
aos poucos.

E foi este mundo que deu amores,
medrou-me dores,
que me deu um ofício e me fez este homem
tão melancólico,
olhos abertos, boca aberta, ouvidos e
poros abertíssimos,
tão abertos que percebem a mínima movimentação,
tão abertos que percebem todos os sete erros
desta cidade,
e todas as profecias que anunciam o fim de tudo.

Escuto o rádio, minhas previsões se confirmando:
há uma guerra grande no mundo, e tantas guerras
particulares lá fora,
Estou diante dela, nenhuma arma, só um
velho espelho
que transige alguma imagem. Estou absurdo
e destemido,
como um mendigo que pede esmola estou
no mundo.

Como o sorveteiro, o leiteiro, o padeiro,
como o mineiro, o garimpeiro, o pipoqueiro,
eu sou,
como o aposentado, o jogador que não
deu certo, sou,
como o cobrador, o motorista, sou o palhaço,
eu sou,
como o pai adotivo, o surdo-mudo, eu sou
o cego, sou...
como o menino que caminha para o fim, estou,
estou nu e preparado.

Mas me distraio e vejo carros, prédios, homens,
tantas imagens, um avião caiu agora.
Alguém morreu, alguém está vivo? Já não importa.
A vida segue sua partida inesperada.

Então me perco, esqueço tudo, mas já não durmo.
Nada pressinto, nem o aperto do fim em mim,
almoço frango, arroz, feijão, alface e milho,
e sem perceber eu me preparo pra despedida.

E o mundo começa a acabar...
E começa num dia de sábado, se estendendo
ao domingo,
à segunda, à terça, à quarta, e vai mês afora,
mês adentro,
rompendo os anos, as décadas, os séculos
e os milênios.

Começa em acontecimentos pequenos, amores
e decepções pequenas.
E vai crescendo, derretendo as geleiras,
destruindo a Amazônia.
Começa em bombas no Iraque, furacões e
catástrofes nos continentes,
[e vai até Deus sabe quando.
Estou calmo, sentado ainda em casa, e tudo
está exatamente
[como amanheceu.

Ensaio sobre a tolerância

Wilson de Souza Malcher

Ao longo dos últimos anos, tenho refletido e, ao mesmo tempo, feito indagações sobre o exercício da tolerância. Costumo perguntar aos amigos mais próximos se, com o tempo, com o amadurecimento, ficamos mais ou menos tolerantes. O grupo está dividido, mas a maioria entende que ficamos mais intolerantes à medida que o tempo passa. Será?

Recentemente, li uma entrevista do ex-presidente de Portugal Jorge Sampaio, concedida à revista Visão, em comemoração aos 50 anos da Revolução dos Cravos. Ele disse textualmente: *Sei ouvir, tenho enorme paciência, agora menos, porque estou cansado...*

Fiquei me perguntando: Não seria mais fácil exercitar a paciência e a tolerância com o passar dos anos? Afinal, já vivemos tantas coisas, são tantas as experiências... Como pode acontecer de perdermos a capacidade de ouvir? Que fique claro, “ouvir” não no sentido literal, pois sei que algumas pessoas, ao envelhecer, começam a perder a audição... Alguns até chegam a dizer que precisam colocar óculos para ouvir melhor... Mas o ouvir com o coração, com empatia, com todas as experiências que a vida nos proporciona com o passar do tempo.

Desta vez, recorri a um amigo de todos os dias, o Google. E, como não poderia deixar de ser, encontrei resposta, um texto muito interessante, e dele extraí o seguinte trecho:¹

A palavra tolerância provém do latim tolerantia, que por sua vez procede de tolero, e significa suportar um peso ou a constância em suportar algo. Teve no passado, e com sentido negativo, a função de designar as atitudes



permissivas por parte das autoridades diante de atitudes sociais impróprias ou erradas. Hoje em dia, pode ser considerada uma virtude e se apresenta como algo positivo. Esta é uma atitude social ou individual que nos leva não somente a reconhecer nos demais o direito a ter opiniões diferentes, mas também de as difundir e manifestar pública ou privadamente².

¹ O Limite e a Tolerância, de Rogério Lacaz-Ruiz, Anne Pierre de Oliveira, Viviane Scholtz e Nelson Haruo Anzai, disponível em http://www.hottopos.com.br/vidlib2/o_limite_e_a_toler%C3%A2ncia.htm.

² “En principio, la idea de tolerancia como actitud social razonada filosóficamente, tiene un origen religioso: surge a partir de los primeros años de la reforma protestante, hacia los siglos XVI-XVII, cuando la autoridad política se enfrenta al hecho de que los súbditos no aceptan la religión oficial; a los tiempos de unidad religiosa, en que domina la concordia doctrinal entre el «imperio» y el «sacerdocio», suceden tiempos en que se impone el principio de cuius regio, eius religio, decidido como derecho de los príncipes -*ius reformandi*- en la paz de Augsburgo (1555) y en la de Westfalia (1648). Con la afirmación, al mismo tiempo, de la libertad de conciencia, por parte de los teóricos reformados, y el creciente influjo de ideas humanistas que favorecen la

Tomás de Aquino diz que a tolerância é o mesmo que a paciência ³. E a paciência é justamente o bom humor ou o amor que nos faz suportar as coisas ruins ou desagradáveis. Ao tratar do tema da justiça, o Aquinate também nos indica que “a paciência - ou tolerância - é perfeita nas suas obras, no que respeita ao sofrimento dos males, em relação aos quais ela não só exclui a justa vingança, que a justiça também exclui; nem só o ódio, como a caridade; nem só a ira, como a mansidão, mas também a tristeza desordenada, raiz de todos os males que acabamos de enumerar. E por isso, é mais perfeita e maior, porque, na matéria em questão, extirpa a raiz. Mas não é, absolutamente falando, mais perfeita que as outras virtudes, porque a fortaleza não suporta os sofrimentos sem se perturbar, o que também o faz a paciência, mas também os afronta, quando necessário. Por isso, quem é forte é paciente, mas não vice-versa. Pois a paciência é parte da fortaleza.” ⁴

Está posto! Tomás de Aquino diz tudo: *tolerância é paciência*.

E paciência é virtude divina. Por isso mesmo, produto tão raro! Característica própria daqueles que já alcançaram uma evolução espiritual acima dos simples mortais que ainda se mostram

intolerantes ou “perdem a paciência” nos momentos mais rotineiros; quando, por exemplo, o sinal de trânsito fica verde e o carro da frente demora mais de um segundo para arrancar ou quando o ônibus custa a aparecer e a vontade é enorme de chegar em casa.

O exercício da paciência é para nós - temos que admitir - um desafio. E, como não sê-lo se ainda se está tão distante do divino, se ainda nos preocupamos com o que comer, o que vestir, em como manter o *status quo*, em como se dar melhor na vida ou em como ganhar vantagem numa negociação, entre tantas outras coisas da vida terrestre?

Então, meus amigos, paciência a nós todos!

Que essa virtude divina seja diariamente racionalizada e trabalhada. Só assim, num interminável exercício diário de tentativas, que, por certo, redundarão em acertos e em erros, poderemos trabalhar a tolerância para conosco mesmos e para com os outros. Primeiramente, aceitar as nossas limitações e até nossas falhas, numa tentativa de nos melhorarmos, de fazer correções, mudanças de rotas. E, também e principalmente, compreender as atitudes e as falhas dos outros, num exercício de tolerância e de amor para com o próximo.

Devo admitir: é difícil, pode ser complicado. Mas, como disse acima: é um exercício diário. E exercício requer, principalmente, força de vontade. Muito provavelmente, não conseguiremos êxito na primeira tentativa, ou quem sabe, na segunda, na terceira... Mas, nem por isso vamos desistir. Nesse momento, deve aparecer a persistência. O objetivo é a melhoria, o desenvolvimento pessoal, que é particular, individual, porém sentido e percebido por todos.

Alan Kardec, educador e escritor francês, o notável codificador da Doutrina Espírita, recebeu como resposta que *a paciência é também uma caridade*. Portanto, sejamos caridosos para conosco e para com os outros. Deste modo, estaremos praticando a caridade ensinada pelo Cristo, este ser iluminado e divino que serviu e serve de modelo a todos nós. E, muito provavelmente, a vida ficará mais fácil, ou, poderemos perceber, menos difícil!

autonomía de los asuntos que se consideran humanos, se llega a la separación práctica de Iglesia y Estado y, pronto, a la justificación teórica de la misma. Aparecen múltiples argumentaciones a favor de la separación y de la libertad de conciencia: se insiste en que la fe se ha de practicar de forma voluntaria; que la verdad no ha de imponerse por la fuerza, sino por sí misma; que la persecución no está de acuerdo con la caridad cristiana, etc. No fue de poca importancia la insistencia de determinadas «sectas» religiosas, comunidades religiosas separadas de las confesiones dominantes, que difundieron de forma más organizada la idea de que la Iglesia ha de ser una asociación de pertenencia voluntaria. (...) La defensa filosófica de la tolerancia, a partir de la segunda mitad del s. XVII, toma sus argumentos, a favor de la libertad de conciencia, de la naturaleza racional del hombre y de principios de la ley natural, e insiste en que la libertad de creencias y costumbres forma parte del derecho natural y se distingue claramente entre ley civil y ley divina.” (Morató, J.C.; Riu, A.M. *Diccionario de filosofía* en CD-ROM. Barcelona: Editorial Herder. 1996.)

³ *Tolerantia vero est idem quod patientia* (cf. Sent. ds. 33 q. 3 a. 3 c).

⁴ *Summa Theologica. Thomae Aquinatis* (I-II, 66, 4).

Ê, vida boa!

Robério César Camilo dos Santos

Outro dia uma amiga, vendo minhas fotos, me fez um comentário: “Você tem vida boa!” Na hora não disse nada. Curti o comentário e o tempo passou. Passou, passou... E o comentário já até esquecido voltou numa outra fotografia e numa outra observação... agora de uma prima; e duas pontas unidas merecem uma reflexão. Quem me vê hoje nem imagina do que eu sou formado, do que fui feito e o quanto foi difícil transformar força de vontade e perseverança, por vezes desesperança e choro, em trabalho. Algumas dicas pra quem quer alcançar algo: Não tenha medo de se arriscar. Queira mais que os outros e lute; e faça isso você por você mesmo, posto que dificilmente você encontrará alguém que o faça. Mais uma dica a quem pensa que a vida espera ou que as oportunidades caem do céu. Quem quer vencer ou conquistar espaço acorda cedo, dorme tarde, abre mão do sábado, do domingo, de feriados, de ir à praia, de sair com os amigos; até de ficar com a família. Dificuldade todo mundo passa. Perrengue quase todo mundo enfrenta. Mas você tem que encontrar forças nessa dificuldade, tirar a terra dos pés, bater as sandálias e caminhar... correr... correr... correr, parar! “Ê, vida boa!” Vida boa nada. Minha vida sempre foi ótima. Lembro quando morávamos no Bom Parto, na beira da Lagoa, Mamãe me levava nos braços de casa até o outro lado para poder ir pra escola porque a água batia na canela. Era tudo desfavorável: a malandragem, as drogas. Talvez faltasse tudo, mas pra mim não faltava nada. Deus dá o que a gente precisa. Ê infância feliz! Maiávamos todos os dias no ônibus para levar o almoço de papai no Centro. Tudo divertido. Até um dia em que “aumentaram” a catraca

do ônibus até embaixo. Aí passamos a ir a pé. Estudava na escola Cincinato Pinto, a melhor escola do mundo. E à tarde era rouba bandeira, soltar pipa, brincar de peão, pegar caranguejo, pescar com pulsar. Sorte que não tinha Facebook nem WhatsApp para distrair tanto. Minhas melhores lembranças da infância ficaram ali. Meu primeiro amor também: E.S.F. Depois disso vendi picolé; enfeite de geladeira em frente ao antigo Impacto Curso. Ali passei a ver todos os dias aquele monte de gente passando, e eu querendo estudar ali mais que tudo. Mais que tudo mesmo. E... uma ideia.. Vou, não vou; Vou, não vou. Vou, não vou... Eu Vou... E fui... A única coisa que ele podia me dizer era “não”. E não eu já tinha. Fui falar com Dehon, dono do cursinho. Papai não podia pagar. Queria encurtar a distância pra Faculdade. E encurtei. Resultado: “Dotor”. É, “Dotor”. Mas um “Dotor” que já cortou cana, que foi Jovem Informante Turístico (SOPROBEM) e tudo me formando e me moldando como pessoa e como homem. Mas o trabalho que mais me ensinou e que mais me colocou para cima foi na oficina de seu Jorge. Lá trabalhava como lixador de geladeira. Ali sim era trabalho. Lixar a geladeira até ficar no aço ou no ferro. Seu Jorge não deixava usar a máquina porque danificava o produto, e isso sem CTPS anotada e por metade do mínimo. Ia todos os dias de ônibus... Não lembro dele me dar a passagem... E foi no ônibus que li meus primeiros livros; A Escrava Isaura, Senhora, a Moreninha; Memórias Póstumas de Brás Cubas; e o melhor de todos os livros brasileiros: Dom Casmurro. Agradeço demais a seu Jorge pelo conhecimento de vida que me fez buscar e por me mostrar o quanto eu poderia crescer se tivesse foco, se eu realmen-

te quisesse. Agradeço também a Alberto Dehon Canuto; Marcos Moraes, Professora Rosemeire, Tia Rita Tenório, Tio Juvenal, Vó Chiquinha, etc. “Ê, vida boa!” É formado em Direito, advogado. Não, eu não sou só feito de faculdade nem sou formado apenas em cima de livros. Minha formação começou nas dificuldades de Juazeiro do Norte; começou ao perceber meu pai sair cedinho de bicicleta (como camelô) ao Centro de Juazeiro para vender discos usados e poder sustentar nossa família. Minha formação passa pela Igreja de São Francisco, em Juazeiro do Norte, nas brincadeiras de “papa latinha”, boca de forno e tô no poço; nas manhãs em que acordava e ele (papai) tava me afagando a cabeça, falando como

desenho e nos domingos quando todos íamos à missa e mamãe fazia questão que eu o visse ajudando quem precisava, mesmo ele tendo tão pouco, só para servir de exemplo e me ensinar o bem. Começou quando não dava mais no Ceará e partimos como retirantes, em cima de um caminhão, de lá para cá - Alagoas, para tentar a sorte e morar de favor. Quem me conhece sabe que eu sou feito de sangue, suor e lágrimas, feito de aço retorcido; moldado com as mais belas histórias; grandes histórias. “Ê, vida boa!” Não. Minha vida sempre foi ótima. A sua também é. Deus dá a cada um o que é preciso. E a diferença entre nós: nenhuma. Todos também somos feitos de histórias, desejos e **SONHOS**.



O peso das palavras

Roberta Mariana Corrêa

Não é à toa que Deus criou o mundo com a palavra. Estou para conhecer algo na vida com mais força e influência, capaz de construir e de destruir, de te colocar nas nuvens ou, impiedosamente, de cara no chão...

Outro dia chamei um dos meus meninos pra pentear os seus cabelos que estavam assanhados, ao sabor do vento e de suas travessuras, e pedi que se olhasse no espelho para ver como aquele visual “arrumadinho da mamãe” estava bonito. Ele fez o que pedi e se olhou demorada e silenciosamente no espelho. Depois se voltou para mim e disse: “Mãe, sabe que quando olho no espelho não me acho o mais bonito?”. Eu, já preocupada com sua autoestima e com a extrema adoração que ele tem ao irmão mais velho, retruquei: “Não? Quem você acha o mais bonito?”. Ele prontamente me respondeu: “Você”.

Aquela palavrinha tão simples e direta foi capaz de me fazer, naquele momento, o ser humano mais feliz do mundo. Não apenas pelo elogio tão estimado por qualquer mulher, mas por todo o amor de filho que ele materializou naquela “constatação” da beleza da mãe. Tudo numa única palavra.

Mas também já fui impiedosamente “alvejada” por palavras que me fizeram chorar, querer largar tudo e ir embora. Das que te encontram numa situação difícil, segurando firme como dominós

enfileirados que caem na sutileza de um único peteleco.

Certa vez recebi a notícia de que minha família seria transferida para uma cidade de fronteira, a 900 km da capital mais próxima. Aquilo me caiu como um balde de água fria diante de tantas boas possibilidades de mudança que nos foram oferecidas. Depois do choque, comecei a planejar a vida dali em diante, as possibilidades de moradia, a

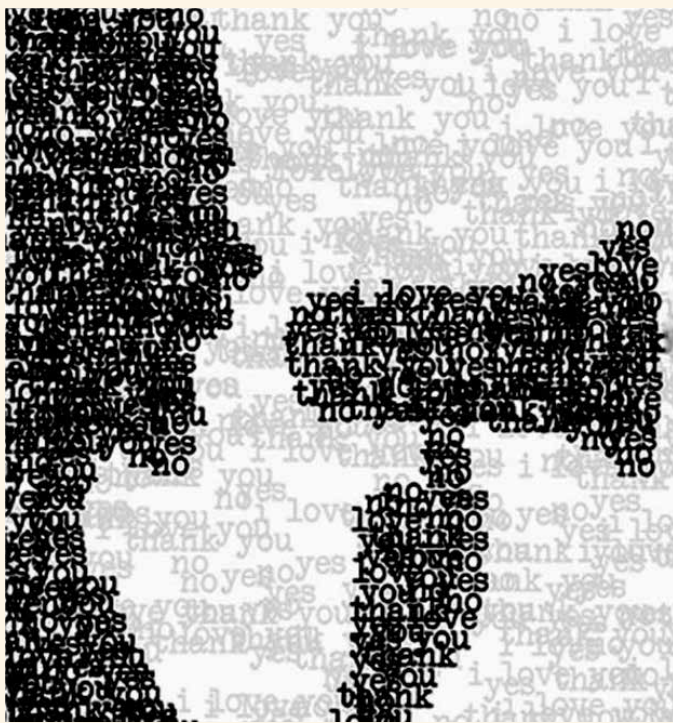
questão do trabalho e, é claro, preparar o recurso na quase inútil tentativa de reverter a situação.

Mas havia uma festa para a comemoração do grupo: era o final de uma etapa e, com ela, a celebração do fim da missão naquele local e do novo horizonte que se descortinava para cada família. Admito que ainda tentava digerir o meu novo horizonte e com uma alegria retirada do fundo da alma, caprichei na produção para a festa. Foi quando

no meio da pista de dança, entre amigos que se parabenizavam, veio “aquela” amiga e me disse o terrível: “Coitada”. Foi o suficiente...

Hoje guardo um sorriso de canto ao lembrar-me daquele momento, mas não nego que aquela pequena palavra, naquele instante, levou-me ao nocaute.

E a mudança para tão longe? Soubemos depois, naquela mesma festa, de sua reversão pelo recurso que diziam ser quase inútil, por meio de outra breve palavra trazida por um amigo: “Parabéns!”.





Desmedido

Roberta Mariana Corrêa

Um par de dúvidas
Uma centena de certezas
Uma avalanche de sentimento
Uma pitada de tristeza
Um pedaço de ansiedade
Um punhado de medo
Um ramalhete de sorrisos
Um bocado de desejo

Um coração inteiro
Um coração partido
Um querer além de
Uma lágrima
Meu doce
Meu distante
Paraíso

Pedaços

Roberta Mariana Corrêa

A lágrima contida
Comprime um peito já apertado
Ela é teimosa e dóida
Sem qualquer pena
De um coração judiado
Por mais que eu peça
“Fica quietinha”
Ela vem chegando
Por vezes mansinha
Por outras, rasgando retalho
Talvez seja besteira
Qualquer pedido
Pra lágrima contida
Ela é teimosa e dóida
Não ouve
Não obedece
Só mais rebuliça
Aqui dentro
Meus pedaços

Meu tio herói

Jayme de Azevedo Lima

Parte I - O ouro verde

A colheita do café estava no fim; os grãos, ainda precisando secar no sol da primavera, era espalhado todos os dias no terreirão. A faina diária não era mais nos carregadores do ouro verde, na derriça dos grãos, na peneira que promovia a limpeza do café de qualidade. A faina era na secagem, onde imensas pás de madeira chamadas “vacas” espalhavam os grãos e desenhavam formas simétricas, tais como triângulos, imensas espirais, longos caminhos retos imitando as plantações. Todo o tempo secando, ensacando, vendendo o café puro - sustento da matriarca Cesarina, de sua filha e dos quatro filhos, trabalhando de sol a sol com os colonos, sem diferenças, lavradores no longínquo ano de 1943. A história que segue nos mostra como o destino leva a caminhos ásperos e surpreendentes.

Minha avó Cesarina, viúva desde cedo, não hesitou em tocar a pequena fazenda no lugar chamado Anhumas. A filha, Maria, se preparava para trabalhar com enfermagem na capital do Paraná. Os meninos: João, alto, espadaúdo, galanteador nos fins de semana, o melhor soldado do ano no Tiro de Guerra local, o mais velho, com apenas 18 anos; José, que viria a ser alfaiate e depois funcionário público estadual; Jorge, o bonitão, que nunca recusava trabalho e ansiava conhecer novos locais; e finalmente o caçula Benedito, lugar-tenente da mãe, preocupado com o futuro e com um amor imenso pela terra. Cada um à sua maneira, com seus sonhos e vontades, assim corria a vida com a turma da Cesarina.

Parte II - As trombetas da guerra

Nunca digam que o Brasil é um país de paz. Quem olhar para o passado com os olhos críticos, buscando a verdade na história, verá que na Guerra do Paraguai o exército de Caxias, unido aos argentinos e uruguaiois, perpetraram um verdadeiro genocídio contra o Paraguai. A matança de homens e crianças em uma luta encarniçada tem reflexos até hoje, na baixa população masculina paraguaia. O soldado brasileiro podia, na década de 40 do século passado, ser treinado na forma francesa da Primeira Guerra Mundial, mas, quando jogados na luta, nunca fugiram da raia... Bem, alguns o fizeram; afinal, são seres humanos!

Quando submarinos alemães atacaram cargueiros e navios de passageiros em nosso litoral, houve um clamor popular por vingança contra as forças do nazismo, que queriam dominar o mundo. No início, o então presidente do Brasil, Getúlio Vargas, com alguns ministros de Estado, simpatizava com o Nacional-Socialismo de Hitler, mas o retrato de corpos brasileiros dilacerados que chegavam às praias e o afundamento de um submarino alemão não deixaram alternativas à aliança. Assim, o presidente Roosevelt veio ao Brasil, que cedeu um espaço em Natal/RN para uma base aérea americana, facilitando o caminho dos yankees para a África e, de quebra, ainda levamos de presente uma usina de ferro em Volta Redonda. Pronto. O Brasil declarou guerra ao Eixo!

Soaram as trombetas da guerra e, na pequena fazenda Anhumas, um telegrama do Ministério da Guerra convocava o atirador João Pereira de Castilho para o primeiro batalhão que se preparava



para a guerra na Europa. Por que um lavrador do interior do Paraná, um garoto entre tantos brasileiros, filho de uma viúva, era chamado para o campo de batalha? Alguns diziam que o sargento que comandava o Tiro de Guerra da pequena Ribeirão Claro/PR o havia indicado por ter sido o melhor atirador do ano. Pelo sim, pelo não: “sargento filho da puta”.

Malditas trombetas de guerra, elas não soam o júbilo, elas cantam o lamento de mães, esposas e filhos.

Parte III - A caminho do front

A despedida é sempre um momento difícil. A mãe não compareceu, ficou em casa com o coração ardendo e a alma quase insana de tantas orações que clamavam pela vida de seu filho que partiu. A jardineira o conduziu a uma cidade próxima, João e mais dois ribeirão-clarenses, três soldados da pequena cidade escolhidos pelo destino. Na estação ferroviária, a famosa Sorocabana, o trem os apanhou para levar a São Paulo e ao Rio de Janeiro, para o treinamento militar.

A longa viagem, a mala de papelão, o pequeno farnel de farofa com frango. João usava ainda um guarda-pó para proteger seu terno batido

das fagulhas que a chaminé da Maria Fumaça lançava no céu, acompanhadas de uma fumaça branca que fazia desenhos no ar. A longa estrada mudava repentinamente, mostrando paisagens que o jovem soldado nunca havia visto. Quando caía a noite, as fagulhas brilhavam como estrelas em profusão no céu. Ele olhava e sonhava com o dia em que voltaria para seu pedaço de chão, seu torrão. Chegou ao Rio de Janeiro, após ver a grande São Paulo e tanta gente diferente, carros, movimento, prédios altos e, sobretudo, o cheiro - que não tinha o odor do café, da bosta de vacas no pasto, das flores do campo, das mangas caídas, das jabuticabas nos pés, da terra molhada pelo orvalho do amanhecer. Tudo era diferente e, de certa forma, muito ruim, porque alimentava a saudade do lar, irmãos, mãe e amigos.

Parte IV - No campo de batalha

Após intensos treinamentos, mal dando tempo de pensar, depois de conviver com gente de todos os cantos do Brasil, seu estilo, dedicação e físico avantajado levaram o comandante a transformá-lo em metralhador. É o soldado que carrega uma Ponto-30 nos braços, com suporte nas costas, além de mochila com cobertor e um embornal com dois

sinalizadores e cinco granadas. Junto a ele vão o municionador e o apontador, todos se movendo com trinta, quarenta quilos, com pequenas pás para fazer o ninho de onde disparariam a metralha mortal nos tedescos.

Chegaram a Nápoles. Ao observar que os uniformes brasileiros eram parecidos com o verde-oliva dos alemães, os americanos providenciaram novas vestimentas cáqui (cor dos aliados), além de capacetes e armamentos que brilhavam de novos. E lá se foram 25 mil brasileiros para os campos de batalha da Europa, pelo Vale do Pó em direção aos Apeninos, fazendo terra arrasada, enfrentando dia e noite a famigerada artilharia alemã, com seus canhões de 88mm, lançando *schrapnell*, mortais estilhaços que se espalhavam como a peste lançada por cavaleiros do apocalipse.

Enfrentaram a neve, que nunca tinham visto, depois a lama do degelo, as aldeias arrasadas, a fila de mulheres e crianças subnutridas, vítimas primeiras da maldita guerra, seja ela onde for. Lutavam dia e noite. Certa vez, após ocuparem um ninho de metralhadoras localizado próximo a uma aldeia no Norte, e após a decantada vitória em um tal de Monte Castelo, a equipe do meu tio João foi autorizada a atirar sem parar em uma área de campo aberto próxima a um vilarejo. Ao final do dia, o Catarina, municionador da metralhadora, perguntou ao meu tio:

- E aí, Castilho, sabes quantos tiros deste hoje?

- Não tenho ideia - respondeu meu tio, que tinha dores no corpo, câimbras nos dedos, a vista cansada, e só queria dormir.

- Pois saibas que deste mais de 10 mil tiros. Acho que é um recorde!

Foi ele falar e o rádio transmissor determinar que a equipe de tiro mudasse imediatamente de posição, porque os tedescos estavam flanqueando as tropas brasileiras. Com a artilharia alemã, a famosa Lurdinha (eficiente metralhadora dos inimigos) estava “cantando” no flanco direito, dando cobertura ao ataque dos “chucrutes”.

O movimento tinha que ser rápido. O entardecer não permitiria erros na tomada de posições de combate, pois não poderiam se mover à noite.

Havia um trecho de 100 metros de campo aberto, cheio de crateras causadas pelas explosões da artilharia. Teriam que passar por aquela área e, por isso, pediram cobertura da artilharia brasileira, tiros de fumaça, para que pudessem atingir o objetivo.

Começou a correria. Balas sibilavam sobre a cabeça dos pracinhas. Era a cobra fumando de verdade. O chão irregular não permitia velocidade, a cabeça tinha que ficar abaixada. Rastejavam. A fumaça tomava conta dos olhos, que lacrimejavam. Chafurdavam em poças d'água e, sobretudo, rezavam para todos os santos e santas. O sibilar das 88mm mostrava que os alemães os buscavam no campo. Após uma metralha ter parado, os três pracinhas correram e estavam a poucos metros do objetivo quando um obus explodiu a uns 50 metros de suas cabeças. Os estilhaços atingiram o embornal do pracinha João Castilho. O calor fez explodirem os sinalizadores e pelo menos uma das granadas perdeu o pino de segurança. Não havia tempo.

- Joga, Castilho!

Ele jogou, após ver seu companheiro atingido pelos estilhaços, a perna ensanguentada. O Catarina, com esforço, buscava uma cratera de bomba para se esconder. A Ponto-30 que meu tio carregava foi jogada à distância, o embornal em poucos segundos voou longe, mas não o suficiente, e a granada explodiu jogando-o também, com o impacto. O céu azul que ele via de repente era uma nuvem vermelha. Tinha dores lancinantes nas pernas e nas costas e, aos poucos, sentia que a vida se esvaía.

- Pai, perdoa meus pecados, olhai por minha mãe, perdoai, Pai!

Epílogo

Após a refrega, com a vitória das tropas brasileiras, com o apoio dos montanhese americanos, era hora de recolher os mortos e feridos. O pracinha João Castilho, do Batalhão Sampaio, metralhador de Ponto-30, foi encontrado em uma cratera perto da localidade de Fornovo.

Estava bastante ferido, um dos olhos vazados por estilhaços, que atingiram também parte das costas e da perna direita. Paramédicos americanos o recolheram em estado crítico, aplicaram morfina, fizeram transfusão, carregaram-no de maca para um Jeep que o transportou para um navio-hospital americano.

Fornovo foi a última batalha em que se envolveram os brasileiros. Logo depois veio o armistício, a paz. Na Itália, ficaram em um lugar chamado Pistoia, o cemitério dos soldados brasileiros. Pracinhas, oficiais, “brazilianos”, cerca de 1.500 dos 25 mil enviados escreveram uma das mais corajosas páginas de sangue derramado em terras estranhas. Foram despreparados, sem

treinamento adequado, sem uniformes, com oficiais reticentes, mas venceram cada degrau da escala de combate e merecem fazer parte do panteão dos heróis nacionais.

Quanto ao meu tio João Castilho, lídimo herói de guerra, detentor da medalha de sangue e da medalha de combate, que perdeu uma visão, só posso dizer que viveu até os 88 anos de idade. Ao partir do reino das criaturas para o reino do criador, o segundo tenente João Moreira de Castilho recebeu honras militares, concedidas pelo Exército e realizadas pelo Tiro de Guerra de Ribeirão Claro, o mesmo em que ele foi considerado, em 1943, o melhor atirador.

Meu tio, meu herói.



Fábulas do amanhecer

Jayme de Azevedo Lima



I - O nascimento

Eram terras de ninguém.

O Todo Poderoso as tinha oferecido para que todos os seres humanos que nela habitassem dela tirassem seu sustento, com a condição de não destruí-la. E assim o fizeram por milênios.

O céu era sempre solidário. Esparramava o calor do sol e as cores vibrantes da alvorada em matizes róseos e amarelos e de repente... O azul límpido com o bordado das nuvens esparsas que faziam desenhos nos céus. No fim da tarde, nada de cores cinzentas; apenas o azul ia se esmaecendo, o halo dourado ia esfriando, as cores dormitavam e vinha a poderosa noite, com as estrelas brilhando como nunca, levando os seres humanos a acreditarem cada vez mais na existência de uma força misteriosa e magnética que dispunha do Universo na boa ordem que presenciavam.

Mas nem só de céu azul viviam os seres humanos. Na medida certa, o azulado era fechado primeiro à custa de nuvens brancas, que sem fazer cara feia iam se transformando, ficando levemente

cinzentas. Depois os ventos tornavam-se mais fortes. As palmeiras, o pau-brasil, o jacarandá, a imbuia, a canela, os buritis, os jatobás e outras formosas plantas se abriam para receber as gotículas salvadoras, que se transformavam em chuva a cântaros e que, ao caírem, se dispunham em caudalosos rios que a terra bebia com prazer. Era o paraíso situado entre o Trópico de Câncer e o de Capricórnio. Neste lugar em especial, não havia a fúria dos ventos, os tremores da terra, o fogo que a tudo consumia em rojos altos, violáceos. Do âmago vinha o vômito incessante que reduzia o verde a cores escuras, a lava incandescente que, ao esfriar, tudo em sua volta se acabava.

Os seres humanos sabiam da existência de terras difíceis, referidas pelos antepassados. Sabiam que viviam no paraíso tropical. E foram afortunados, durante muito, muito tempo.

Para os que moravam nas franjas da terra abençoada, era especial viver junto ao filete de areia branca onde o mar - ora verde, ora azul - espalhava suas marcas em ondas alvas, cobertas de espumas que jamais tinham sido tocadas por um ser humano. Daqui ou de acolá, os seres humanos que ali

viviam sabiam da existência de outros povos, porque jamais foram egoístas. Sabiam que eram dezenas de milhares, talvez milhões, cada qual em seu pedaço, cultivando seu fogo, suas lendas, vivendo da caça, da pesca abundante, da bendita floresta de frutos e folhas aromáticas e curativas.

Andavam desnudos, naifs por natureza, apreciavam a beleza e a sensualidade que na língua tupi chamavam de **egûyrô**. Amar demais era **ûsubeté**, amantes chamavam-se **mbiaûsuba**. Eram seres humanos de **anga** (alma boa), **apyabas** (homens) e **kunhãs** (mulheres). Seu Deus era **Tupã** (o Criador) e em respeito ao seu Deus, quando apyaba e kunhã se juntavam por **ûsubeté**, iam em busca de **angatu**, **ekokatu** (a felicidade, enquanto durasse). Para tanto as kunhãs cantavam uma oração quando caía à noite para **Rudá** (o Deus do Amor) e se amavam, kunhãs e apyabas, debaixo do brilho da **airequecê** (lua) e da **airumã** (a estrela d'alva). Depois de várias luas as ocas vibravam com o nascimento de **kunhâtãs** (meninas) e dos **curumins** (meninos), a obrigação da descendência, a garantia de uma nação.

II - O encontro

Para os seres humanos que viviam, lutavam, caçavam, pescavam e amavam em suas ocas litorâneas havia ainda a perspectiva quanto ao que havia após as grandes águas. Era uma preocupação inerente na conversa dos seres humanos, quando pouco ou nada havia para fazer. A terra tudo dava e, em tempos de paz doméstica, só sobrava o ócio, a preguiça e a sacanagem dos amores ocultos pela densa floresta (ou nas piscinas naturais formadas pela maré, que embelezavam ainda mais aquela terra bendita e esparramavam o desejo, o tesão incontido de quem não tinha muito em que pensar e muito amor para dar).

Até que um dia, nas fímbrias do horizonte, Guaracy, Uataú e Ubiracy, guerreiros da tribo tupiniquim, ao longe perceberam pequenos vultos, pontos negros que navegavam em sua direção. O que seria?

- Grande peixe não é! - dizia Guaracy.

- É verdade. Uma vez que não afundam! - respondeu Uataú.

- Quem será? Quem será? - dizia Ubiracy, bravo e gago guerreiro, que assim ficou pela bicada de uma ave pernalta na cara de seu umbigo. - Será que será quem, quem eu estou pen-pensando?

E dos pontos negros no horizonte apareciam longos tecidos brancos, cada um deles com o desenho de uma enorme cruz em vermelho vivo. Eram os ventos que traziam essas embarcações, podia-se ver bem. Eram estranhas embarcações. Sobre a amurada

dos barcos já eram visíveis seres humanos diferentes e exultantes que davam vivas por alguma razão que os nativos desconheciam.

As embarcações pararam no meio da baía. Pequenos barcos foram baixados, outros seres humanos. Os nativos que por ali viviam, homens, mulheres e crianças, alertados pelo brado dos guerreiros, apareciam no litoral. Outros nativos escondidos e protegidos pelas matas olhavam, entre assustados e curiosos, aqueles seres humanos que nunca tinham visto.

Enquanto os pequenos barcos dirigiam-se para as areias brancas, o primeiro fato que chegou às aguçadas narinas do povo da terra foi o cheiro horrível, trazido pelo vento. Eram homens sujos, vestidos com muitos panos que os nativos nunca tinham visto. Eles fediam o azedume do suor acumulado, os cabelos ensebados eram ninhos de colônias de piolhos. Os lábios eram rachados e haviam poucos dentes em suas bocas fétidas, um verdadeiro lixo ambulante. Toda essa horrorosa mistura causou náuseas em kunhãs, kunhâtans, apyabas e curumins. Nunca em toda a sua vida haviam sentido cheiro tão pútrido, nem mesmo em carniça de velhos animais dilacerados por outros, na luta diária pela sobrevivência na selva.

E logo os seres humanos os chamaram de **tinga/caraíbas** (seres humanos de pele branca), assim que desembarcaram com estranhas e longas botas e panos. Alguns andrajosos, outros com postura de chefes. Alguns com longas túnicas e sandálias, simples calçados, levavam seus braços aos céus, às vezes caíam de joelhos, voltavam a se levantar, tudo diante daquele pedaço de madeira cruzado, retirado às pressas da mata, cortado e amarrado com cipós. Os nativos concluíram que eles agradeciam a Tupã pela vinda e se achegaram, primeiro devagar, depois mais numerosos, nus, com enormes penas de pássaros, as faces pintadas, as kunhãs com os seios e as intimidades de fora, deixando alucinados os **tinga/caraíbas**, que quase assumiram o comportamento enlouquecido de tomar para si tão belos exemplares da raça.

O que os afastavam eram os homens de túnicas, os chefes, e os tacapes, bordunas, lanças, arcos e inúmeras flechas que portavam os nativos.

O tempo passava e mais e mais **tingas/caraíbas** vindos do mar se envolviam com os que passaram a chamar de índios e índias. Eram os nativos, e do envolvimento emocional e sexual dessa miscigenação surgiram as primeiras doenças estranhas que o morubixaba, o tuxáua da aldeia, não compreendia. A brava gente de origem Tupi, Guarani, Aymorés, Ava - canoeiros, bororos, caetés, caiapós, carijós, goitacazes, ianomâmis, jurunas, kaingang, pataxós, potiguaras, tremembés, tabajaras, temiminós,

tamoios, tupinambás, tupiniquins, xavantes e tantos outros - começou a lutar pela sobrevivência.

Antes a luta era entre as tribos de nativos que ocupavam os espaços, na terra abençoada. Lutavam, mas com honra, com coragem. Eram os corpos dos caídos alimentos dos vitoriosos que, reverentemente, faziam fluir a força e a coragem de seus oponentes para dentro de si. Com o tempo eles foram engolfados pela multidão de brancos que primeiro ocuparam o litoral e os expulsaram para as matas. Os que caíam presos eram feitos escravos. Cortaram as belas árvores, o pau-ferro, o pau-brasil, a peroba e tantas outras, para encherem embarcações. Os nativos pouco a pouco viram sua raça ser destruída pelos arcabuzes e canhões, pelos mistérios da bola de fogo que mata e aleija, pelas doenças que os brancos sujos disseminavam. Pobre povo de milhões, na luta pela sobrevivência, hoje somam centenas de milhares, explorados pelos religiosos de outros credos, pelos garimpeiros, bandeirantes, pelo invasor de terras que ao passar deixa de herança a terra desolada, sem o verde, sem a vida. Eram milhões de nativos, hoje apenas centenas de milhares, lutando, lutando...

III - À beira do fim

Era tanta terra, tanto verde, tanta água, tanta vida, que de uns quantos passaram para tantos e não mais contavam, eram milhares, eram milhões. Eram livres, caçadores, pescadores, amantes, crianças grandes, temiam e acreditavam em Tupã, eram limpos e sadios, não tinham roupas porque tinham o fogo para aquecê-los nas ocas em eventuais noites de frio, tinham o corpo das Kunhãs para amarem e se abrigarem, esquentando-se mutuamente. Viviam da bendita terra por onde a Deusa Mani lhes trazia a mandioca (aipim, macaxeira).

Mas eis que o invasor, o homem branco, agora inimigo, que hoje são tantos quanto os grãos de areia

que banham os rios de águas límpidas e tépidas, rapidamente domina os espaços, lança o plantio da doce cana-de-açúcar, derruba as matas e, com o desmatamento, foge a onça pintada, foge o tapir, fogem os micos, as araras, o mico-leão-dourado, desaparece a língua, e o povo antes dotado de força e coragem, de honra reconhecida no campo de batalha, ele é que hoje vive andrajoso, sem nudez coberta por panos de chita. Hoje os nativos cheiram a bebida, ao álcool que saiu do doce pé de cana e os mata silenciosamente. Foram-se as riquezas, restaram histórias e lendas de um tempo de bonança, de fartura, dos amores nas matas, das pescas e da caça. Viraram entraves no avanço dos brancos em direção ao terceiro milênio.

Pouco restou, e talvez a marca maior dessa destruição de uma raça esteja no dilema que vivem o garoto Trumack, nascido em 1987, e sua irmã Potdjawa, de 1989, os últimos da tribo Avás-Canoeiros, de sangue puro, do início dos tempos dessa terra. Eles são irmãos, e de uma dezena que sobrou de sua tribo apenas eles podem ter filhos. Tribo de gente temida, eram milhares no séc XVII. Hoje, sem o incesto, não haverá descendentes; e pelas leis da tribo o incesto é punido com a morte.

É o fim. Vão virar fadas e duendes nos contos dos tingas/caraíbas em terras distantes, vão virar fotografias e em alguns séculos adiante serão objeto de estudos, de interesse de antropólogos e historiadores. Mas nunca será expiada a culpa do povo invasor, nunca será perdoado o fim de um povo: seres humanos que sob diversas denominações ocupavam, viviam, lutavam e sonhavam na terra salpicada de palmeiras, a nossa terra bem amada, Pindorama. Nossa terra Brasilis.

*(Com nossos agradecimentos pela inspiração:
ao professor Eduardo Bueno - Zero Hora;
ao site educaterra.terra.com.br.)*



A saga de Ulisses

Henrique Chagas

1. Na pensão de Dolores

Um casarão velho de madeira com a pintura vermelha totalmente desbotada, assim é a pensão de Dolores. Possui um alpendre na sua frente com piso cimentado vermelhão, que toda manhã fica cheio de poeira, folhas secas e fuligem preta das queimadas que ocorrem neste período de seca.

A dona da pensão ainda não varreu a sujeira do alpendre e de sua calçada, coisa que sempre faz toda manhã antes mesmo dos pensionistas levantarem. É domingo. Dolores não tem nenhuma pressa, afinal a única hóspede que se encontra ali no final desta semana sequer acordou e nem ela foi à missa. Religiosamente, Dolores frequenta semanalmente as missas do padre Jurandir, mas desta vez não teve a menor vontade de ir. Não coloca muita fé nas palavras do padre, pensa que ele é meio desmiolado, nem se sente culpada quando não vai à igreja, afinal a culpa é do padre.

Ao lado existe um pequeno salão comercial decadente, de apenas uma porta, onde, além de oferecer uma velha e surrada mesa de bilhar, também vende bilhetes de loteria federal, velhas revistas e jornais. Trata-se de uma espécie de correspondente lotérico e de sebo. O dono, um velho de pele vermelha e escura pelo tempo, com rugas profundas e cabelos grisalhos, compridos, ressecados e quebradiços, passa parte do seu tempo dormindo sentado numa cadeira artesanal trançada em palha colocada na calçada sob a sombra do seu prédio. Às manhãs se ocupa lendo um livro despedaçado e sujo. Seus óculos de aros pretos escorregam para o meio do nariz. A julgar por sua expressão facial é óbvio que o livro lhe agrada, ou, quem sabe, talvez a leitura esteja apenas lhe trazendo algumas boas recordações.

Tão logo Ulisses estacionou o carro em frente à pensão, o velho levantou os olhos, colocou o livro sobre o colo e lançou sobre ele um olhar curioso e afetivo. Ulisses, educadamente, o cumprimentou e o velho respondeu apenas com um aceno de cabeça. Não disse qualquer palavra e ali ficou sonolentemente observando a sua chegada.

Dolores, uma espanhola falante, o atendeu. Ulisses lançou de início um pequeno comentário sobre o calor e Dolores garantiu-lhe que, à noite, o calor arrefece e que os quartos de sua pensão são frescos e bem ventilados. Antes mesmo de qualquer apresentação, falou durante meia hora sobre si mesma e sobre as coisas que o governo não percebe. Como autêntica espanhola, reclamou do governo quanto ao repasse de recursos para a reforma agrária e para os agricultores dos assentamentos. Reclamou dos impostos que paga e dos benefícios que não recebe. Disse que os assentamentos foram largados à própria sorte e que os assentados vivem em condições totalmente miseráveis. Nem o movimento dos agricultores lembra deles.

O ar está empoeirado e quente. No alto, nos fios elétricos, uma pipa está presa há muito tempo como um cadáver putrefato que aos poucos vai se decompondo pelo vento. O vento balança seus restos fazendo aquele barulho característico do movimento de papel ressequido. Dolores, logo cedo, já está suando em bicas. O suor começa a grudar e as axilas a cheirar azedo. O suor escorre pelas costas da mulher. Desce-lhe pelo rosto avermelhado. O vestido negro molda-lhe os seios fartos e as coxas grossas descolam uma da outra a cada movimento.

Hombre, aqui está uma seca braba. Desde junho não cai do céu uma gota de chuva boa. Muita armação durante a noite. A gente se enche de muita esperança, mas a chuva não vem. Esse velho rabugento aí do lado não acredita mais em chuva. Ele diz que chuva agora só na lua nova de outubro. El Santo Dios abandonou nosotros.

Misturando línguas, Dolores fala sem parar. Entrementes, lembra seu falecido marido. *Mi Cristóbal murió peleando. Qual é o seu nome mesmo? Ah! Ulisses! Tienes un nombre imponente. Me gusta. Quanto tempo vai ficar por acá? Duzentos e cinquenta por mês e sem roupa lavada; para lavar su roupa, cobro mais cinquenta. Vai ocupar a mejor habitacion.* Dolores fala sem parar e Ulisses responde quando e como pode. Colocou sua bagagem no quarto indicado por Dolores, enquanto esta lhe explica o regulamento da casa.

Não admito desrespeito aqui; por ser séria e rígida, estou aqui há mais de trinta anos. Aqui já ficaram hospedados muitos barrageiros e mesmo naquele tempo da obra o ambiente sempre foi de família. No domingo, a pensão está vazia, todos viajam para suas cidades de origem, com exceção de Bianca, a gaúcha, pesquisadora ambiental, que é de longe, de Anta Gorda, no Rio Grande do Sul.

Ulisses já não ouve mais o que a espanhola lhe fala. Ouviu apenas o nome Bianca, nome que muito lhe agradou aos ouvidos, um nome que age como um bálsamo para as suas feridas. Concordeu com tudo, afinal é este o único lugar disponível para ficar no lugarejo. A pensão possui vários quartos, vazios na sua maioria, e o único banheiro, que fica no final do corredor à esquerda, serve a todos, e o seu quarto fica de frente ao banheiro.

Dizendo que tinha muito que fazer, Dolores o deixou no quarto. Sentado numa pequena poltrona de madeira, Ulisses espreguiçou-se, refestelou-se na posição mais confortável e respirou fundo; dali podia ouvir o barulho da pipa enroscada nos fios elétricos e que, com o auxílio do vento, luta para escapar daquela prisão. Ulisses fecha os olhos e pensa no seu passado e no seu destino. Embora esteja um pouco sonolento e cansado, afinal passou a noite viajando, vive um turbilhão de emoções, misto de saudade, ansiedade e esperança. Sente-se saudoso, embora não saiba de quê. Sente-se ansioso pelo porvir. Sente-se também como que saciasse uma sede interminável.

Um enorme silêncio estabeleceu-se à sua volta. Pode ouvir que bem longe há uma televisão ligada na transmissão de uma corrida de automóveis. Não sabe exatamente o que fazer. Sabe apenas que chegou ao lugar onde sempre quis estar. Desde criança este lugar ocupou sua fantasia e imaginação.

A porta do seu quarto ficou aberta. Da poltrona onde sentou é possível ver a porta do banheiro fechada. Entretanto, permaneceu uma fresta aberta em virtude da tramela de madeira frouxa pelo excesso de uso. Ulisses viu que a luz do banheiro estava acesa e alguém o usava; não tem dúvidas, pelas poucas informações que tinha até então, tratava-se de Bianca, que acordou e se banhava. Dali do seu quarto ouviu durante vinte minutos o jato de água e uma voz jovem entoando uma canção, que, pelo sotaque inconfundível, realmente denunciava ser a gaúcha. Durante esse tempo, ficou a imaginar uma mulher que sequer tinha visto e que se chamava Bianca, totalmente nua, banhando-se, entretida com sua própria beleza, acariciando os seus cabelos e deixando a água escorrer por todo o seu corpo.

Lembrou dos seus amores e chegou até mesmo a duvidar se realmente algum dia amou alguém. Embora racionalmente tenha a certeza de que já amou muito, a verdade é que Ulisses nunca teve muito tempo para ligar-se a uma mulher; nenhuma delas o esperou voltar e ele mesmo sequer queria que houvesse alguém lhe esperando.

Por ser jornalista, Ulisses sempre estava em algum lugar distante e diferente, cobrindo algum conflito armado, seja uma guerra, uma insurreição ou mesmo um golpe de estado. Sempre viu enorme violência por onde passou. Tudo começou quando saiu do Brasil no início do governo Figueiredo para não correr o risco de também ser preso e torturado pela ditadura como tantos outros. Terminou o curso de comunicação e jornalismo e não encontrou alternativa a não ser partir para bem longe. A primeira vez que viu com os seus próprios olhos grande violência foi no Irã, em 1979, quando a esquerda enfrentou os guardas revolucionários do aiatolá Khomeini. Ali Ulisses viu sangue correr pela calçada de pedra da porta da Universidade de Teerã. Estava no Oriente Médio quando ocorreu a Guerra do Golfo e alguns anos depois, em 1993, viu as tropas russas atacarem com tanques e metralhadoras os ocupantes do Parlamento, no centro de Moscou.

Sempre foi assim. Desde sua partida do Brasil, sempre estava em algum lugar dos mais conturbados, produzindo o seu acervo fotográfico, de cuja venda dependia sua sobrevivência. Embora nunca lhe faltassem propostas irrecusáveis para sair dessa vida de andarilho internacional, sempre teve predileção pelo imprevisível. Das violências todas que viu não guardou qualquer cicatriz no corpo, embora carregasse inúmeras cicatrizes na sua alma. Ulisses sabe que precisa parar e curar todas as suas dores e feridas para que possa amar de verdade e ser realmente feliz.

Bianca ligou o secador de cabelos e o barulho despertou Ulisses da sua sonolência e o trouxe de volta ao lugar onde estava. Ulisses começou a verificar que se encontrava possuído por sentimentos novos e intuições fortes. Na parede do quarto simples pende uma gravura de um quadro do catalão Miró bem desbotada, que reconheceu ser “A Fazenda”.

Quando a porta do banheiro se abriu, ele viu a loira de cabelos compridos sair penteada, perfumada e vestindo apenas uma camiseta de malha colada em seu corpo úmido. Ela tinha a equivocada certeza de que estava só naquela pensão e não sabia que havia um novo hóspede; entretanto, o fato de ter sido observada por Ulisses não a deixou constrangida.

Olhou primeiro para os sapatos dele e sua roupa, identificando, de imediato, que não era apenas mais um que se hospedaria naquela espelunca. Quando os olhares se cruzaram, Bianca abriu um enorme sorriso, correspondido por Ulisses, que abrupto se levantou e se deslocou até a porta para se apresentar à moça. Brotou no seu estômago um medo que jamais tinha sentido; sua garganta e seus lábios ficaram irremediavelmente secos. Trocaram apenas nomes e olhares. Aí ela se deu conta de que não estava devidamente trajada para aquele instante que o destino lhe reservou. Face ao inesperado, Bianca comportou-se da forma mais discreta possível; com timidez sorriu novamente, meio encabulada, com uma súbita vontade de correr até seu quarto para se trocar, virou-se devagar e caminhou lentamente como se nada tivesse acontecido. De forma leve e atraente, seus quadris se movimentavam cheios de vida e respirando sob a malha fina da camiseta, que por estar molhada revelava de forma transparente o balançar de suas nádegas totalmente frescas e livres até mesmo de uma simples calcinha.

Antes de entrar em seu quarto, sentindo-se observada, Bianca virou seu rosto em direção a Ulisses apenas para confirmar o que sua intuição previa e lançou sobre ele um olhar meio maroto denunciando-lhe sua total fascinação. Frente ao flagrante fascínio que sua presença provocou, ressuscitou nele o desejo e ao mesmo tempo o medo pelo inesperado, componente que sempre o acompanhou. Inconformado com seus sentimentos, pensou *é preciso dar tempo ao tempo, não se reconstrói uma vida em um único dia*.

Retornou para o seu quarto. Exausto, deitou-se mesmo sem tomar o banho devido e adormeceu.

2. A lenda

Toriba Jeguacaporu, como sempre, levantou cedo e colocou sua cadeira trançada em palha em frente ao seu estabelecimento e ficou a ler o mesmo velho livro sujo e despedaçado que lia no dia anterior. Toriba, a julgar por sua aparência, deve ter uns setenta anos; pode ser que tenha mais, seus traços indígenas escondem sua real idade. Um sujeito calejado pelo tempo, magro e que, por sua expressão facial, provavelmente sofre de algum tipo de úlcera. Ulisses, que levantou mais tarde, quando todos da pensão de Dolores já tinham saído, inclusive Bianca, decidiu passar aquela manhã calorenta conversando com Toriba, se este lhe for receptivo, é claro.



Sai ao portão da pensão e observa que o vento quente de agosto levanta a areia existente na rua ou na calçada e a muda de lugar. Assim, pequenas nuvens de poeira se levantam e se acomodam em outro lugar. São ares de agosto. Terá que se acostumar com isto. Olha para os fios de energia elétrica e se certifica de que aquela pipa ressequida enroscada ainda lá se encontra e se digladiava com o vento. Quer se livrar dos fios, mas não consegue e ali permanece zunindo feito uma abelha prestes a morrer.

Ao ver Ulisses, Toriba chama-o e, num dialeto desconhecido, diz “*Jasy ra’y ojovahéi hina*”. Ulisses não entendeu bulhufas, mas ficou absorto por aquelas palavras que mais lhe pareciam um oráculo, e por alguns minutos ficaram se entreolhando. *A lua nova renova a nossa face*, repetiu pausadamente o velho Toriba por duas vezes o que parecia ser o significado da sua saudação. Mantiveram olhares silenciosos e desconfiados, embora Ulisses demonstrasse total ansiedade em colher informações com o índio velho, apesar de que, pelo ritmo da sua fala, sentisse que daquele mato não saía coelho. *Vai chover na próxima lua nova*, disse Toriba minutos depois. Afoito e fora de ritmo, Ulisses repetiu-lhe o que Dolores havia adiantado, *chuva somente em outubro*. Secamente Toriba lhe corrigiu: *não, na próxima lua nova*. Ulisses sentou-se próximo ao índio velho e ficou em silêncio, pois dizer mais o quê?

Ontem de manhã, quando chegou, disse Toriba, pausadamente, vi um beija-flor acompanhar sua

chegada. O voo do beija-flor não é gratuito, quando um beija-flor acompanha uma pessoa ou surge à sua vista é sinal de que visita as moradas de espíritos relâmpagos. Assim inspira boas ideias e diz que chegou a hora de semeá-las. *Veio semear, então semeie*. A semente plantada para nascer necessita de chuva boa e ela virá na próxima lua nova.

Após longo silêncio, Ulisses quer saber sobre Itimbirá, é o nome do lugar. Toriba pergunta-lhe, a guria levou você ao Morro do Diabo? Aqui toda moça, quando conhece um rapaz, o leva para conhecer o morro. Não, “Seu” Toriba, ela não me levou ao morro, pois o tempo foi insuficiente, mas prometeu levar-me noutro dia; Bianca queria mesmo era que eu conhecesse o parque. Ah, sim, com certeza mostrou-lhe as antas; esta menina tem uma verdadeira paixão pelas antas, todo dia levanta cedo e sai apressada para cuidar dos seus bichos. Riu baixo, balbuciando, ela é de Anta Gorda, e continuou rindo baixo.

Ulisses, enquanto conversa, procura verificar que tipo de literatura interessa a Toriba. Sem a menor cerimônia, lhe pergunta o que lê de tão interessante. Toriba lhe responde que se trata de um velho livro sobre a cultura indígena, sobre os costumes dos índios guaranis, sejam eles caingúas e kaiovás ou mbyás. Interesse-me pela cultura guarani, pois sou descendente de um oberá. Talvez eu mesmo seja um oberá. Eu tenho quase certeza de que o amigo também é um descendente indígena.

Ulisses muda imediatamente de assunto e pergunta-lhe o que tem de especial no Morro do Diabo. Toriba explica. No alto do Morro do Diabo existe um antigo cemitério indígena. Ninguém sabe sua origem, entretanto, há centenas de anos ele se encontra lá, guardando os restos mortais de uma tribo. Reza uma lenda guarani que um índio guerreiro resgatou da morte, no alto daquele morro, a sua amada que se encontrava presa e condenada a um sacrifício religioso. Trata-se da lenda de Nhaipy e Tarobá. A jovem Nhaipy, donzela de formosura sem tamanho, era filha de cacique guarani de uma taba da tribo dos kaiovás e Tarobá era um guerreiro de uma tribo dos caingúas que se enamorou pela formosa Nhaipy. Os kaiovás, que também eram guaranis, eram orgulhosos; vangloriavam-se da beleza e formosura de suas mulheres e por possuírem um verdadeiro paraíso terrestre situado aqui na região do Pontal, enquanto que os caingúas guaranis se distinguiam pela valentia, pela coragem e pela sabedoria. Ocorreu que o cacique, pai de Nhaipy, não permitiu essa união em razão de um antigo conflito religioso existente entre as duas tribos guaranis; havia proibição mútua de adentrarem

em território alheio, determinação essa vigiada por ambas as tribos, cuja desobediência desencadeava intensas lutas, uma verdadeira guerra entre as duas tribos guaranis. O cacique, prevendo que o valente guerreiro raptaria sua filha, seguindo os conselhos de seus pajés, prendeu Nhaipy na grande oca que existia no alto do Morro do Diabo, que servia de templo, resoluto de que durante a festa do seu deus a ofereceria em sacrifício. Os caingúas, ao tomarem conhecimento da prisão de Nhaipy, encheram-se de ódio e declararam guerra aos kaiovás.

Então foi assim que os caingúas vieram e exterminaram os kaiovás no alto do Morro do Diabo. Certo? Calma, rapaz, você conclui muito rápido, não foi nada disso. A história é longa e não tenho pressa para lhe contar. O valente Tarobá, no dia do sacrifício de Nhaipy, enquanto toda a tribo promovia suas danças de louvores e súplicas ao seu deus, iludiu os vigilantes e conseguiu chegar sozinho junto à oca e com seus fortes e sádios dentes cortou o cipó que prendia Nhaipy. Com ela fugiu morro abaixo; e antes que os kaiovás os alcançassem, os dois amantes conseguiram chegar às margens do Rio Paraná, de domínio dos caingúas. Os guaranis kaiovás exortaram ao seu deus, clamaram e choraram por terem sido impedidos de oferecer o sacrifício recomendado pelos pajés. Reza então a lenda que, ouvindo as súplicas dos pajés guaranis, seu deus castigou os dois amantes transformando-os em rochas e os colocou de atravessado no Rio Paraná, a ponto de formarem enormes cachoeiras, as de Iguaçu. Enquanto o deus Guahyra, dos caingúas, por vingança sepultou os combatentes kaiovás guaranis, aqui mesmo no salto de Guaíra, formando assim as sete quedas de Guaíra que, por ironia do destino, encontram-se submersas pelo lago da hidroelétrica de Itaipu.

Assim, Ulisses, tornou-se tradição as moças levarem o rapaz ao alto do Morro do Diabo na esperança de que sobre ele sopre o Arakuaa, o mesmo vento ruah anterior à criação do mundo, e que nele desperte a mesma paixão e amor que sentiu Tarobá por Nhaipy. Nossos ancestrais indígenas acreditavam que Arakuaa é a energia cósmica que ultrapassa a materialidade das coisas. É muito mais do que a soma das plantas, dos animais e das pessoas, trata-se do verdadeiro espírito que dá graça à vida e ao mundo. Por outro lado, nenhuma moça arrisca-se a ir sozinha ao Morro do Diabo, pois, se for, poderá ser possuída pelo índio Tarobá. Todas as que foram possuídas pelo índio guerreiro não mais se casaram, pois ficaram impedidas de amar um novo homem, visto que jamais conseguirão esquecer o índio guerreiro. Passam, então, a viver apenas para cuidar dos



seus filhos. A responsabilidade masculina por uma gravidez indesejada passa a ser atribuída ao índio Tarobá; enquanto que o verdadeiro responsável continua vivendo com a sua mulher e seus filhos. Antecipo-lhe, não sou caingúá, trago nas veias o sangue kaiová guarani. O então calado índio, agora, se torna uma pessoa falante com inúmeras histórias para contar, pois Toriba encontrou em Ulisses um bom ouvinte e interlocutor.

Você me perguntou, por que Itimbirá? Antes da emancipação política, o nome deste lugar era Itymbýra, que na língua tupi-guarani significa o lugar nascedouro das águas vertentes. Nossos antepassados sempre afirmaram que debaixo dos nossos pés existe muita água. Ulisses fica extremamente surpreso com a afirmação do velho índio. Ulisses fica totalmente embaçado, pois jamais esperava que Toriba tivesse conhecimento da existência do Aquífero Guarani.

Toriba continua explicando: existe muita água debaixo de nossos pés. O nosso mundo é feito de quatro elementos essenciais: terra, água, fogo e ar. No interior da terra existem fogo e água. Como aqui não há vulcões explodindo, existe muita água explodindo, existe muita água no interior da terra. O centro da terra é o umbigo do mundo. Este lugar onde nós vivemos se chama Itymbýra, pois existe uma fonte de água ali no pé do morro, na nascente do rio que corta nossa cidade e que deságua no Paranapanema. O rio que corta nossa pequena cidade também se chama Itimbirá. Lá na sua nascente, a fonte jorra água vinda do interior da terra, não é uma fonte qualquer como as outras, sua água verte em alta temperatura; por isso este lugar é chamado pelos guaranis de Itymbýra. Aqui na

cidade ninguém sabe as razões do seu nome, todos acreditam que se deu em razão do grande rio, o Paranapanema; mas não é verdade, eu sustento a versão indígena. Tanto é verdade que em Iretama também existe uma fonte de água vertente; fiquei sabendo, por uma viajante, que lá eles montaram uma estância hidromineral e a água do fundo da terra é aproveitada pelos turistas.

Ulisses, impressionado com o conhecimento do velho índio, lhe pergunta: por que o senhor diz ser um oberá? O que significa isso? Toriba, após o ritual silencioso que lhe é característico, fala pausadamente, ah!..., meu caro Ulisses, por ocasião da conquista dos brancos, depois de 1500, na região de Guarambaré, perto de Assunção, um cacique liderou uma série de rebeliões contra os exploradores coloniais. Seu nome era Oberá. Tornou-se um grande líder entre os índios e dizia ser ele o legítimo filho de Deus, nascido de uma virgem. A história diz que Oberá era rodeado por muitas concubinas e por seus inúmeros filhos, sendo um deles, Guyraró, o seu sumo pontífice, na verdade, sua eminência parda. Naquela época, Oberá rebatizou todos os guaranis que haviam sido batizados cristãos pelos missionários jesuítas. No rebatismo, Oberá lhes deu um novo nome, um nome que fosse capaz de influenciar-lhes toda a vida. Com isso, acreditavam os índios que estavam voltando à natureza original, até então tomada pelos jesuítas. Oberá foi uma espécie de Antônio Conselheiro da época, que na sua pregação anticolonialista arrebanhou muita gente, inclusive mestiços. Da mesma forma, Oberá e seus seguidores foram perseguidos e exterminados pelos colonizadores.

Sabe, Ulisses, creio eu que Oberá, por ter sido batizado cristão, isto também é verdade, conhecia os ensinamentos dos jesuítas e neles também cria. Tanto é verdade que sempre pregou o amor, assim como Jesus, e pelo imenso amor que sentia em relação aos seus irmãos guaranis deu-lhes a sua vida. O ideário oberá sempre permaneceu entre os guaranis, inclusive outro grande líder, Juan Cuara, daqui da região do Guaíra, da outra margem do rio Paranapanema, foi o maior discípulo da mensagem de Oberá e dizia ser ele também um oberá. Por isso, entre os guaranis, ser um oberá significa ser um amante da verdadeira sabedoria: somente o amor salva o homem, o mundo e o planeta. Creio que esta mensagem sempre foi transmitida pelo vento inspirador, para as mais diversas culturas existentes no mundo. Creio que, como sou um descendente da tribo dos kaiovás guaranis, também seja eu um oberá, pois creio no amor como única solução para as nossas vidas.

O que estou dizendo não está escrito no livro que estou lendo, esses livros não dizem nada. O que digo é o que me foi transmitido, desde curumim, por meus antepassados, meus pais, avós ou bisavós. Ah, meu caro amigo, creio que o Arakuaa é fruto do imenso amor do Criador, que por muito amar, criou o mundo e tudo o que nele existe. Li nos livros que o mundo surgiu a partir de uma enorme explosão, mas nossos antepassados kaiovás sustentam que o princípio ativo do universo é Jasuká, a origem e o renovo de tudo, inclusive do vento Arakuaa. Devemos estar sempre em comunhão e abertos ao Jasuká, o motor e energia de tudo, a mãe de todos os espíritos, inclusive dos divinos. Jasuká nos dá vida e nos recompõe; algumas pessoas são refeitas a tal ponto por Jasuká que ficam sempre novas, não envelhecem. Veja bem, o ventre de uma mulher também é chamado de Jasuká, pois é dela que surge a vida, assim como os mantimentos são guardados no jacá, um pequeno balaio de bambu, que é uma derivação do nome Jasuká. São ensinamentos que aprendi com meus antepassados, mas agora sequer tenho a quem também ensinar, sou o último indígena desta região, não tenho nenhum parente por perto e, devido à idade e pequena aposentadoria, nem posso viajar para o sul ou para o Mato Grosso.

Toriba, enquanto fala, toma tereré, uma espécie de chimarrão gelado. Antes de lhe passar a guampa com a erva-mate, feita em um pedaço de chifre de boi, esclarece que não se pode mexer na bomba. Ulisses gosta da bebida, muito apropriada ao clima da região que naquela hora chega a uma temperatura de quarenta graus centígrados e lhe pede que ensine todos os segredos da erva. Toriba

explica a Ulisses que o tereré, que também é um costume indígena, no Paraguai se toma muito, foi trazido à região pelos peões de rodeio do Pantanal e que hoje seu uso e costume estão disseminados em toda a região.

Com intermitentes momentos de silêncio, Toriba Jeguacaporu continua seus ensinamentos. Está semeando. Ulisses, Jasuká é uma representação simbólica que converge sempre para a mulher, também é muito comum associarem esta representação feminina com a água. Você já leu Jung? Ao ouvir a pergunta, Ulisses perplexo arregalou os olhos e pensou: como pode um velho índio, neste fim de mundo, ter lido qualquer coisa de Jung? Inacreditável. Antes mesmo que Ulisses lhe respondesse se leu ou não qualquer coisa sobre Jung, Toriba continuou a falar, Jung diz que o mar é o símbolo da grande mãe primitiva. É um arquétipo, onde o elemento fundamental do início de todas as coisas é a água, a árvore da vida e do conhecimento da representação judaica. Jasuká é o princípio ativo de tudo, é a fonte inesgotável de renovação. E a água é também o princípio e o fim de tudo. Beba desta água e nunca mais terá sede, com certeza, você já ouviu esta frase antes. Se tiver livros, não os jogue fora, me dê, pois os lerei. Aprecio muito ler, é a minha única diversão.

Ulisses está absorto com as preciosas informações transmitidas por Toriba. Há uma mistura de admiração e espanto no seu semblante. Sente um pouco de medo, pois até parece que o velho adivinha as coisas. Mesmo assim, deixou-se enlevar e passa toda a manhã em conversa com um homem não muito recomendado por Dolores; talvez ela esteja apenas repetindo o que também repetem os demais habitantes de Itimbirá. Toriba fala como se conhecesse Ulisses. Ontem de manhã meu coração se alegrou porque o galo cantou na porta da minha cozinha por várias vezes, sinal de que teria uma visita importante. Meu caro amigo, quando você aqui chegou, fiquei lhe observando, pois achei que talvez fosse você quem eu espero; tive então a certeza quando vi o beija-flor acompanhá-lo na sua chegada e agora tenho a plena certeza, é você mesmo quem há muitos anos eu espero e quem o galo anunciou a chegada; seja bem-vindo ao lugar das águas vertentes. Você veio atrás de água, não é?! Pois então, terá a água que procura, Jasuká dar-lhe-á um renovo, acorde o seu coração e a lua nova renovará sua face. Ulisses sequer ouviu Toriba terminar a frase, teve uma forte indisposição, sua pressão sanguínea caiu a tal ponto que desmaiou. Dolores veio correndo para acudi-lo e o levou para dentro da pensão.

Menos lixo, mais vida

Roberta Mariana Corrêa

Não sou nenhuma ambientalista radical, mas confesso que estou assustada e preocupada com a quantidade de lixo que estamos produzindo. Aliado a isso, não damos conta do enorme desperdício de quase tudo: água, energia, comida, produtos de uso pessoal...

Entro em um supermercado e penso na quantidade de embalagens que estão ali e serão descartadas, sem retorno e, na maior parte das vezes, sem reciclagem.

Sabe quanto lixo produzimos diariamente? Cada brasileiro é responsável por 1,213 kg por dia, ou seja, quase 500 kg por ano!

Até onde eu sei, a coleta seletiva no nosso país é ainda muito pequena, nossos aterros são precários e, apesar de um país extenso, já vivemos problemas de onde colocar tantos descartes.

Não é à toa que alguns países do mundo, sem nossa generosa extensão territorial, já exportam lixo...

Fico imaginando, aterrorizada, um futuro parecido com o do filme do robzinho Wall-e (quem não assistiu, por favor, não deixe de fazê-lo).

Não há dúvida que muito precisa ser feito e isso envolve políticas públicas comprometidas com o futuro de todos. No entanto, cada um de nós pode fazer muito; afinal, meia tonelada de lixo/ano não é pouca coisa!



Então, vamos dispensar aquelas pequenas sacolinhas de farmácia que não servem pra nada. Quantas delas você recebe por ano? De repente, vão-se menos alguns quilos na sua cota. Vamos usar o tubo da pasta de dente até o finalzinho. Recusar o papel metalizado de presente, que não é reciclável. Opte pelo papel de presente convencional. Apague a luz que está acesa sem necessidade. Feche a torneira de água enquanto escova os dentes. Reutilize tudo o que for possível. Enfim, interiorize a ideia: eu sou responsável pelo meu futuro, pelo amanhã do planeta. Com certeza, centenas de outras ideias vão surgir para que possamos incutir a cultura do “menos lixo, mais vida”.



Racionamento

Robério César Camilo dos Santos

Desliga a luz!
Desliga a luz, menino,
e sai desse computador.
Não usa o ar,
não liga a bomba,
a água é fria,
o tempo é quente,
tempo de guerra,
da biológica,
do terrorismo,
e do sequestro,
da poesia
e do resgate.
Homem sentado
sem alegria,
mulher à toa
foi prostituta.
Desliga a luz.
Desliga a luz,
menino.

Desliga a luz
e vai à rua,
vai à praça
brincar de bola,
mas toma cuidado,
com a malandragem,
com o assalto,
lê o jornal,
vê a revista,
olha a notícia
olha a mentira
da tua escola,
não toma banho,
mas vai ao parque
chuveiro é frio,
comércio ferve,
lei da procura
domina a gente.

Água já falta,
crise no mundo
capitalista.
Falta saúde,
não tens dinheiro,
mundo produz
muita comida,
falta comida,
preço subiu,
também subiu
fome no mundo;
crise vizinha
causa estrago,
o MERCOSUL
vai pro buraco,
falta de tudo
enquanto cresces,
tá tudo claro,
mas não enxergas.
Desliga a luz,
desliga a luz, menino.

Desliga a luz,
tens a alegria
de um menino,
mundo é pequeno
globalizado,
muitos problemas
globalizados.
Não há escola,
há muita esmola
nesse governo;
problema cresce,
toma cuidado
ensino é fraco,
olha onde pisas,
olha o buraco,
olha a mentira,
há muito assalto
pela cidade.
Desliga a luz,
desliga a luz,
menino.

Mas toma cuidado,
claro é escuro.
claro esconde,
muita mentira.
Dolly nasceu,
Dolly morreu,
foi avisado.
Nariz não cresce.
a SIDA está solta
a droga está solta,
a vaca anda louca
pela Europa.
Filhos doentes,
olhos não veem,
toma cuidado,
Tá tudo escuro,
embora claro,
toma cuidado.
Desliga a luz,
desliga a luz,
menino.

Desliga a luz
Se não a taxa
quem vai pagar
é quem não deve.
Foi avisado,
foi avisado
pelo Ministro.
Depois de pronto
problema cresce.
Solução fácil
há sacrifícios,
com sacrifícios
povo decresce,
por isso desliga,
desliga a luz
e abre os olhos.



O *homo caninus*

Jairdes Carvalho Garcia

Estavam lá deitados sobre a calçada fria, suja, dura e desconfortável. Os transeuntes passavam friamente, desviavam-se daquelas figuras sujas, endureciam a expressão fisionômica e sentiam-se agredidos pela imagem desconfortante.

O homem e o cachorro. O cachorro e o homem. Nunca se vira tanta interação e cumplicidade entre dois seres.

As patas do homem e as pernas do cachorro, ou melhor, as pernas do homem e as patas do cachorro estavam esticadas com a mesma angulação e flexibilidade. Parecia até uma coreografia de bailarinos.

As respirações eram simultâneas, num sincronismo digno de ginástica olímpica. Os focinhos estavam tão pretos que não se podia discernir se se tratava da cor negra de ambos ou se a sujeira acumulada ao longo dos anos enegrecia suas peles. Os pelos rarefeitos deixavam à mostra verminoses onde pulgas e carrapatos disputavam espaço e sangue. Os sexos, descuidados da higiene diária e expostos às intempéries, transudavam um odor forte e desagradável, provocando náuseas aos transeuntes.

“Quem são estes seres que ousam interpor-se entre nossas vistas? Que direito têm eles de nos violentar com suas figuras repugnantes?”, indagavam os passantes em repreensões ocultas, reprimindo o desejo de enxotá-los aos pontapés ou atear-lhes fogo como é de costume em outras capitais.

O que lhes podava a *vis corporalis* era o medo de serem processados pela Sociedade Protetora dos Animais, já que não cabia legitimidade às sociedades de direitos humanos para tal. Afinal



de contas, quem, em sã consciência, atribuiria a um daqueles seres a qualidade de ser humano?! Só se fosse ele homem de alguma espécie ainda não catalogada pela ciência, quem sabe o elo perdido entre o homem e o cão: o *homo caninus*.

Não, definitivamente aqueles seres não eram homens! Senão, vejamos: o homem deve possuir moradia e cama e não dormir ao léu na rua, fazendo de jornais, cama, de cães, amigos. Homem que é homem faz, no mínimo, três refeições ao dia, e não faz da fome sua companhia, do lixo seu banquete. Homem deve usar roupas limpas e conservadas e não expõe suas partes pudendas em público. Enfim, aqueles seres poderiam ser tudo, menos humanos, pois lhes faltava o atributo maior conquistado pelo homem: a dignidade.

Assim, incomodando os cidadãos pelos simples fato de existirem, aqueles seres sonham com uma sociedade onde homens e cachorros serão iguais, sem distinção de raça, cor ou focinhos, onde o homem deixará de ser o cachorro do homem.

Enquanto isso não acontece, homens continuam vivendo uma vida de cachorro e cachorros, uma vida de homens, até que, todos, homens e cachorros, tenham o fim comum a todos os seres.

Reconstrução

Floriano Benevides de Magalhães Neto

Num país onde os salários
Mal conseguem ter o que pagar,
Onde os hospitais públicos
Estão a ponto de parar,
Onde se precisa recorrer ao ensino pago
Para um filho poder estudar,
Onde não se tem segurança
Nem para na rua se caminhar,
Desse jeito, desse modo
Não se pode em dias melhores pensar.
O povo fica vivendo atônito,
Sem ter como e a quem reclamar.
Os fatos ocorridos na nossa história
Não podemos da memória apagar.
São exemplos de passos mal dados,
Que não podemos ao passado voltar.
O queimado, o morto, o ferido,
Não ressuscita, não vai se curar.
O mundo precisa ser reconstruído
Com nossa vontade e nossa atitude
Onde haja, de forma uníssona, reunidos
Paz, amor, solidariedade e virtude.



Haicando

Jairdes Carvalho Garcia

Brilha a tela
Milhões de pontos de luz
Surge o mundo.

Baila a terra
A milhões de anos-luz
Mundo imundo...

Treme a terra
Por milhões de megatons
Fim desse mundo.

Haicais

Francisco Spisla

os seios da mulher
duas estrelas
na Via Láctea

madrugada de inverno
notícias de jornal
cobrem o mendigo

ventos de outono
no rosto da velha
esculturas do tempo

os seios seus
me olham e perguntam:
- o que quer bebê?

floresta queimada
pintura surrealista?
natureza morta

Dr. Barboni

Gustavo Tanger Jardim

Amanhecia e os primeiros raios de sol já atingiam o rosto de Barboni. A sensação agradável do calor do sol na sua pele aos poucos foi ganhando intensidade. Após um demorado bocejo, o sonolento já estava sentado. Abrindo levemente os olhos, começou a perceber a movimentação das pessoas que caminhavam na praça em frente à sua casa. Não era uma praça qualquer, mas a praça que continha um busto de bronze do grande jurista Ruy Barbosa. Gostava muito da frase já escurecida, perenizada através da liga metálica de cobre e estanho, cujos dizeres repetiam a fórmula do epitáfio que o jurista escreveu para sua lápide: *“Estremeceu a Justiça; viveu no Trabalho; e não perdeu o Ideal”*.

Barboni gostava muito de Ruy Barbosa, principalmente porque era advogado como ele. Admirava a personalidade daquele que fora considerado por muitos intelectuais o maior brasileiro de todos os tempos. Ruy Barbosa era abolicionista e lutou pela República, além da inigualável habilidade como orador. Enfim, Barboni gostava de repetir que *“a liberdade não é um luxo dos tempos de bonança; é o maior elemento da estabilidade”*, assim como pregava o ilustre advogado.

Desviou os olhos das pessoas que passavam apressadas para o trabalho e focou no grande bigode de Ruy Barbosa que saltava do busto. Passou alguns minutos olhando para ele e, aos poucos, mergulhou sua mente nos tempos difíceis em que era advogado de um grande banco. Vivia assoberbado de trabalho. Chegava em casa preocupado com os prazos e pouca atenção conseguia dar à família. Quase não dormia.

Quando conseguia fechar os olhos, a infindável lista de tarefas pendentes perturbava seu descanso. Acordava quase sempre de sobressalto, com o coração acelerado e o peito apertado. As montanhas de prazos e as metas inatingíveis não permitiam qualquer sossego. Tinha a consciência de que sua rotina diária se repetia em um misto do trabalho de Sísifo com o de Atlas.

Piscou os olhos com força para tirar da mente o mau pensamento. Não queria sentir aquela angústia novamente. Agora os tempos eram outros e não precisava mais se preocupar. Apressou-se para levantar e não quis nem esperar pelo café. Estava ansioso para ir à praia. Nunca imaginou que poderia tomar um banho de mar em plena segunda-feira. Aliás, agora podia ir à praia todos os dias, tinha conquistado a tão sonhada independência. O motorista o aguardava com a pontualidade costumeira e, ao entrar, logo se acomodou próximo à janela. Com um pequeno aceno, Dr. Barboni percebeu que o chofer já sabia o caminho.

Tão logo o veículo arrancou, Barboni mergulhou novamente em seus pensamentos. Sua cabeça se movia convidada pelos solavancos causados pelo calçamento da rua. Olhando pela janela concluiu que a época em que trabalhou como advogado do banco poderia facilmente ser escrita por Hemingway nos mesmos moldes da história do velho Santiago, na obra *“O Velho e o Mar”*. A essência seria a mesma, a luta constante do homem para realizar suas tarefas, disputando sua sobrevivência, sem *glamour* e sem reconhecimento algum, longe dos olhos de todos e contando apenas com sua experiência e perseverança.

Novamente fugiu do pensamento, até porque eram “águas passadas”. Não precisava mais se preocupar. Sorriu e repetiu mentalmente que era um homem livre e feliz, justamente como pregava Ruy Barbosa. Não posso ficar perdendo tempo com meu passado: tenho que viver o meu presente, exclamou Dr. Barboni. O motorista, muito discreto, ouviu tudo mas não disse nada. Ao dobrar à direita já se avistava o mar, atraindo imediatamente sua atenção. Dr. Barboni costumava dizer aos amigos que entendia o mar como as lindas mulheres, perfeito em suas formas e misterioso como só elas são. Acho lindo o mar quando está calmo, assim como adoro quando ele está agitado, porque isso completa sua personalidade, disse Barboni em voz alta mais uma vez.

Quando o veículo parou próximo à praia, rapidamente o Dr. Barboni se jogou por baixo da roleta e saiu em disparada na direção do mar. No caminho foi jogando para o alto as roupas e mergulhou com um enorme sorriso no rosto. O menino que estava sentado no ônibus - no banco logo atrás - falou:

- Mãe, posso tomar banho de mar também?

- Deixa de ser bobo, menino! Estamos no inverno e a praia está vazia. Aquele mendigo deve estar louco!

Ao arrancar o ônibus, o motorista disse à mulher:

- Ele já é conhecido no bairro. Toda segunda-feira é a mesma coisa, entra no ônibus, fala sozinho e vai para a praia. Mergulha com o mar calmo ou agitado, no inverno ou no verão. Nunca vi ninguém gostar tanto de mar...

E o ônibus segue.





Aos jovens advogados

Isabel de Fátima Ferreira Gomes

“Ninguém pode viver sem esperança; o pessimismo é sempre desonesto e desumano.” (Gadamer)

Lembro dessa citação porque minha mensagem é de otimismo aos mais jovens advogados.

Em qualquer período da história, o pessimismo quanto ao estado de coisas é compreensível nos jovens... Já fomos jovens e sabemos como é! Quando “acordamos” para a vida, nos deparamos com um mundo tão imperfeito! E achamos que as soluções seriam tão fáceis! Que “eles” os adultos não as adotaram, erraram, mas que NÓS (que nascêramos “ontem”) sabemos todas as respostas e construiríamos o admirável mundo novo! Paradoxalmente, é um pessimismo motivado por uma bela crença!: Tudo está errado, nunca fizeram nada e vamos mudar tudo! É preciso esta descrença no que existe, aliada a esta fé, esta empolgação da juventude, para que o mundo evolua, e por isso tem evoluído.

Infelizmente, muitas vezes a descrença com o mundo atual se apodera de nós, adultos, e lhes fazemos coro! Em vez de lhes apresentar a verdade: “Ei, calma

aí! Quando chegamos aqui era tudo pior e já fizemos muito para que hoje estivesse, como está, muito melhor! Cada geração dá sua contribuição e a busca da perfeição será constante em todas as gerações”. Alguns antigos suspiram: “Ah! Como o passado era bom!” E com este filtro cor-de-rosa para ver o passado, ajudam a obnubilar (e iludir) a visão dos jovens!

Quando ouço isso, permito-me usar uma linguagem deles: “Oi?...” Quando o mundo foi tão melhor? Guerras cruéis, monarquias absolutistas, escravidão, estados totalitários, doenças que dizimavam populações, jornadas de trabalho ao limite da exaustão, condições de higiene, habitação e urbanismo precárias... Estão aí a literatura, o cinema e a história a mostrar como o mundo sempre foi pior! Que estamos em plena evolução!

Ser advogada foi um sonho de infância, ser empregada da CAIXA uma aspiração da juventude... Ambas se encontraram quando depois de começar a trabalhar na CAIXA fui aprovada em concurso (então interno, 1985) para advogada.

Trinta anos passados me dou conta de quanta evolução tivemos no nosso trabalho e na nossa empresa que tornam hilárias as lembranças das condições de trabalho daquele tempo, tão primitivas nos parecem.

Fui convocada em maio de 1985 (juntamente com o colega Francisco Spisla) para assumir como advogado (sob estágio) no Jurídico do Paraná, em Curitiba. Os fatos de então mostram que a falta de espaço e planejamento não é algo novo. Aquela unidade jurídica ocupava a maior parte de um andar inteiro no prédio da antiga Filial Paraná, distribuída em um canteiro central onde se acomodava a secretaria e biblioteca e, em torno, cerca de uma dezena de salas para advogados, ocupadas cada uma por dois profissionais. Todas totalmente ocupadas por ter havido um concurso no ano anterior que selecionara seis novos advogados. Assim, embora o concurso tivesse sido anunciado vários meses antes e nossa aprovação tivesse sido publicada em março, em maio ainda não havia sala para nós disponível, de forma que fomos precariamente acomodados na biblioteca. Nossos colegas do concurso anterior tinham recebido uma semana de treinamento na Matriz, mas, naquele ano, as contas estavam apertadas e falava-se em corte de gastos (o que mostra que contenção de despesas é coisa antiga!), de forma que não recebemos o mesmo tratamento.

A inflação disparara nos últimos anos e as prestações habitacionais, decorrentes de contratos sob a tabela Price, haviam superado todos os índices de reajustes inflacionários e salariais e havia uma revolta popular contra os chamados financiamentos do BNH, do qual a CAIXA era a principal operadora. Advogados especializaram-se no assunto, associações começaram a ser constituídas e em profusão passaram a ser ajuizadas ações contra o BNH e a CAIXA. O Jurídico contratava “kombis” para ir buscar os autos na Justiça para providenciar as contestações e demais atos processuais; autos que se acumulavam do piso ao teto em nosso Jurídico.

As peças eram manuscritas por nós e depois datilografadas pelas escriturárias que nos serviam de “apoio” (saudades delas, uma das quais, ainda hoje, é das minhas melhores amigas, a Márcia de Macedo). O recorta e cola era literal: recortava-se com tesoura trechos de uma e peça e, com tenaz, colava-se em outro documento, depois tirava-se xerox da peça emendada e se tinha a folha final para compor a peça a ser juntada aos autos.

As leis eram pesquisadas na Lex (livros que chegavam periodicamente contendo as leis aprovadas nos últimos meses!); a jurisprudência era colhida diretamente nos Diários Oficiais (ou seja, precisava-se ler quase todo o jornal para raramente obter alguma matéria que interessasse à nossa causa) e a doutrina se procurava em livros. Normas da CAIXA estavam nos manuais normativos, de capa azul, que eram atualizados (ou não) periodicamente por novas normas vindas pelo malote (como não havia controle

nem monitoramento da distribuição, muitas se perdiam e se continuava a aplicar a norma revogada). Os livros e Lex que continham as matérias de maior interesse no nosso Jurídico acabavam por ficar quase desmontados, sobretudo as folhas mais manuseadas, que se desprendiam do barbante (!!!) da encadernação e invariavelmente suas folhas eram carcomidas, manchadas e suadas pelas mãos que as manipulavam... Das leis mais manuseadas (4595/64, por exemplo), folhas resvalavam a cada consulta! Colava-se com durex e se prosseguia a pesquisa...

À falta de um banco de dados, a cada assunto novo que chegava, nos dirigíamos aos colegas ou ao chefe, para a “pesquisa” informal.

À falta de Jurídicos Regionais, as comissões de sindicância ou leilões judiciais no interior exigiam o deslocamento do advogado, em ônibus de péssima qualidade e que iam parando indiscriminadamente para recolher passageiros, animais e gêneros alimentícios, por poeirentas estradas de terra e, exaustos, ao fim do dia, enfrentávamos uma hospedagem igualmente precária! Às vezes, na casa do gerente da agência, porque nem toda localidade dispunha de um hotel!

Os fóruns e cartórios, sem qualquer infraestrutura ou pessoal qualificado, eram um capítulo à parte: para se obter uma simples certidão, ou o cumprimento dos trâmites processuais.

O improviso imperava! Fazia-se como era possível à falta de meios mais eficientes.

Preciso dizer que o mundo era bárbaro?

Não tínhamos plano de carreira para profissionais: a aprovação no concurso para advogado ensejava um salto na carreira administrativa, que se denominava “profissional” nas últimas referências, sem qualquer outro adicional. Funções de confiança eram escassas e não havia qualquer clareza quanto aos critérios de ascensão. Também não recebíamos honorários nem se falava em prerrogativas.

Nosso salário estava tão defasado que, quando do concurso para advogado de 1992 (o último ainda interno), vários colegas aprovados declinaram de assumir, porque mesmo os novos TBs (técnicos bancários), se tivessem uma pequena função, como a de caixa executivo, por exemplo, estas verbas somadas ultrapassavam o salário base de advogado! Colegas mais antigos, então, mesmo sem função por vezes já ganhavam mais do que o piso da carreira de advogados!

Quanto à atuação profissional, a ordem era recorrermos até o último (e insano) recurso, contra todas as evidências, contra todas as possibilidades. Mediação e arbitragem ainda não eram praticadas no Brasil e o simples termo “Acordo” apavorava a todos e era uma hipótese quase mal vista. A palavra de ordem era a beligerância judicial!

Também não havia muita conexão entre o Jurídico e o negócio. Éramos meio apartados, quase não se conversava com os gestores, como que com medo de “contaminação” da ciência jurídica pela banal prática

comercial. O Jurídico era visto como indesejável e um entrave à grande maioria dos gestores.

Registrem-se algumas exceções, de chefes de Jurídico mais permeáveis à Administração que favoreciam maior parceria (era o nosso caso no Paraná).

Este estado de coisas levou a uma forte rejeição dos Jurídicos pelos gestores, na década de 90, chegando a ser publicado nos jornais das então recentes entidades de gestores propostas fortes de terceirização da atividade jurídica, uma vez que eles se sentiam pouco atendidos pelos Jurídicos e apontavam que os advogados dos bancos particulares eram mais parceiros.

No âmbito da Matriz este viés de pensamento disseminou-se a ponto de gestores da alta administração passarem a atacar e criticar publicamente a atividade jurídica dentro da CAIXA e propor abertamente sua terceirização.

Nossa categoria foi se vendo tão acuada que começamos a nos organizar, o que talvez tenha sido uma das fontes inspiradoras da criação da nossa grande ADVOCEF.

Apesar disto, a desmotivação dos advogados ainda era grande e neste clima, o primeiro PADV da CAIXA (1995) praticamente dizimou nossa categoria, fazendo que, dos pouco mais de 700 profissionais de então, fôssemos reduzidos a 420, computando uma redução de quase 40% do quadro, desanimados e descrentes com os rumos que a empresa reservava à nossa classe.

Nesta ocasião, começou-se a discutir com a CAIXA os novos direitos concedidos pelo então novel Estatuto do Advogado, tendo à frente a ADVOCEF, para o qual se encontrou grande resistência até obter-se um acordo.

Em 1999, cheguei à Matriz e, juntamente com vários colegas, sofri o constrangimento de ser entrevistada por profissionais da Azevedo Sete, que fora contratada pela CAIXA para rastrear nossas atividades com o objetivo de propor uma ainda maior redução do quadro jurídico. Falava-se em terceirizar todo o Contencioso, ficando com cerca de 130 advogados para oferecer consultoria.

Na ocasião, a Superintendência Jurídica (ainda não havia diretoria na nossa área) era a ÚNICA Superintendência da Matriz que não contava com gerências nacionais e, sim, apenas com dois gerentes executivos (titulares do Contencioso e Consultivo) que contavam com uma equipe de menos de uma dezena de advogados.

A aproximação da Superintendência Jurídica com a alta direção da CAIXA, o acompanhamento diligente das novas questões comerciais (entre as quais os vultosos negócios de venda da CAIXA Seguros e segregação de bilhões de ativos com a criação da EMGEA) com as quais a empresa passou a se envolver, foi devolvendo a credibilidade ao Jurídico e revertendo o quadro, com o fortalecimento da nossa unidade. Abortou-se o tema enxugamento do Jurídico e já no começo do novo século voltou-se a concursar advogados, criou-se plano de carreira, valorização dos salários e elevação da unidade ao nível de diretoria, bem como garantiu-se, estatutariamente, seu assento no Conselho Diretor.

Tudo isto me vem à cabeça de modo informal, lembranças espontâneas, de memória, sem ter procedido a uma pesquisa, ressaltando que não falo em nome da DIJUR ou da CAIXA, nem tenho datas precisas e dados técnicos.

O advento da FUNCEF, o empenho dos gestores e a chegada de jovens advogados com visão mais contemporânea da advocacia, foi ventilando e melhorando nossas condições de trabalho e remuneração até chegarmos a todas as melhorias, vantagens e salários que temos hoje.

Não tenho dúvida de que muito há a ser feito (e sempre haverá, dado que nossa jornada na Terra é evolutiva, como mostra a História); ainda mais jovens advogados chegarão, questionarão o que foi feito até então e buscarão o melhor... Este é o grande “truque” da evolução para se impor.

Mas olhando em retrospectiva meus 30 anos de Jurídico da CAIXA, é inevitável meu grande regozijo com esta empresa e esta unidade que me acolheu e tem me dado mais do que me prometera quando da minha ascensão ao quadro profissional.

Conclamo meus jovens colegas a continuar lutando a boa luta, com ousadia, perseverança e fé! Mas sem perder de vista o muito que já foi feito, sem deixar de se alegrar com as conquistas e se congratular consigo e colegas que os precederam pela luta que já foi desenvolvida e nos trouxe onde estamos.

Orgulho e gratidão são as palavras que me ocorrem e com as quais cordialmente convido os colegas a comemorar nossa data, neste Dia do Advogado.

(Brasília, 11/08/2015.)

Uma pequena longa trajetória de um quase rábula

Francisco Spisla

Pedido de editor é uma ordem. Encaminhou inúmeras perguntas sobre o tempo em que eu era advogado da CAIXA e também sobre minha vida pessoal, visando a uma reportagem sobre os advogados que saíram no último PNB. Desculpem, PAA. Já há muito tempo não gosto de preencher questionários; então, na linha da decisão recente do STF, que autorizou a publicação de biografias independentemente da autorização dos biografados, optei em redigir essa pequena autobiografia do período cefeano sem querer querendo.

Não me lembro muito bem, mas parece que foi em Curitiba, em janeiro de 1958, que estava no meio de uma multidão, ou correndo, ou nadando, ou me mexendo freneticamente, ou qualquer outra coisa que remeta a movimentos rápidos. A lembrança desse período é bem nebulosa, e se algo me faz regredir até aquele tempo são as informações atuais a respeito de como ocorre esse tipo de competição. Não sei se cheguei primeiro, mas o fato é que demos de encontro a uma bola e, de repente, me vi sozinho dentro dela e, como uma hecatombe nuclear, todos os meus companheiros de disputa foram desintegrados. Espero que não tenha sido eu o culpado.

Depois disso, aquela consciência individual deixou de existir e convivi com uma replicação de mim amalgamada com aquilo que conquistei, ou fui conquistado. Desse período lembro também de uma sensação prazerosa de imersão num líquido morno e, algum tempo após, vivendo meio apertado.

Não gostei nada quando a dona Natureza, proprietária daquela morada, me despejou por término do prazo contratual, no *dies ad quem* de dez de outubro do ano em que o Brasil já havia conquistado o seu primeiro título mundial no futebol. A choradeira recursal logo em seguida não deu qualquer resultado para a reintegração de posse. E eu estava no mundo

sem nada: nu, analfabeto, desdentado, sem ter o que comer. Ainda bem que me indicaram duas lanchonetes que ficavam perto, nas quais, por um bom tempo, bati ponto e mamei a hospitalidade.

Na Colônia Santa Cândida, bairro de Curitiba, e depois em Araucária, com minha grata permissão enfiaram-me na cabeça as letras - português, latim, grego, francês, inglês; a matemática e seus derivativos; a filosofia e congêneres. Pena que tenha deixado vaziar muitas das informações, e hoje vivo me batendo para recordar de rudimentos básicos, e fico *puto* quando não lembro da primeira pessoa do presente do verbo latino *putare*; ou da equação de segundo grau; ou da tradução do provérbio grego *Khalepá tá kalá*; ou da essência da Crítica da Razão Pura de Kant. E se hoje me disserem *Le lion c'est le roi des animaux*, sou capaz de traduzir “o leão saiu na rua e desanimou”...

Terminado o segundo grau, que caminho seguir? Tinha conhecimento de mais e experiência de menos. Então, o básico. Ser pintor... de paredes. O que não durou muito, só quinze dias, porque naquele tempo a Caixa Econômica Federal estava precisando de mim. O espermatozoide de empregado: estagiário. E parece ironia: o assunto com o qual tive contato pela primeira vez na CAIXA foi o que me confirmou a necessidade de atracar meu barco profissional: o seguro habitacional. Naqueles idos tempos o trabalho era só de cadastramento do seguro nos financiamentos habitacionais. Recentemente, dei de cara com o mar de lama das ações pleiteando indenizações por vícios construtivos. Se naquela época tivesse vislumbrado tal horizonte de guerra, não teria me tornado um soldado do Direito. Teria me empenhado mais e seguido minha alma que dizia: tome o caminho de Hipócrates.

Quando estagiário, participava do coral da CAIXA, patrocinado pela então Associação dos Economistas do Paraná - AEP, sob a batuta do maestro Aldo Hasse,

tendo participado de muitos eventos. Cantamos até na inauguração da então nova agência de Londrina.

O engraçado é que vou recordando e me dou conta de algumas coincidências. Londrina foi a cidade em que, já no Jurídico de Curitiba, participei da criação da primeira unidade descentralizada no interior do Brasil, em janeiro de 1989, e onde vivo até hoje.

Terminado o estágio, dei um tempo à CAIXA e fui experimentar a vida militar. Não me convenceu, apesar da patente de oficial. E a vida foi me puxando. O ideal de profissão que me aparecia de quando em quando era a Medicina. Mas não tive coragem de encarar. Então, me encaixei naquela gozação que muitos fazem de que, se não se sabe que curso superior seguir, faz-se Direito. Ou pode ter sido resultado de uma sugestão sub-reptícia proveniente de uma paixão não correspondida. Uma maneira de ficar perto. Só que eu fui e ela acabou não “fundo”.

Mas o curso não decepcionou. E também porque no lugar daquela paixão surgiu algo mais sublime. E com o laço do amor conjugal, do enlace resultou um casal de filhos, nos primórdios da união. Muito tempo depois, por descuido da cegonha, num quê de Abraão e Sarah, veio o terceiro filho.

Quando ainda cursava Direito, a CAIXA me chamou de novo. Estava precisando de auxiliares de escritório. Então fui. Abriram-me a porta do prédio-sede na Praça Carlos Gomes no dia 16 de julho de 1981, na DIEOP, Divisão de Orçamento e Programação Financeira, no Núcleo de Empenho e Execução Orçamentária. Lembro bem porque não teve nem banda de música, nem soltaram fogos de artifício. Mas foi o primeiro dia do resto da minha vida na CAIXA até 27 de maio de 2015.

Foi um bom lugar para começar. Foi um bom aprendizado inicial da CEF. Foi uma época de muito bom humor. Isso apesar da linha dura de muitos chefões. Lembro de certa feita, quando ingressou uma colega nova na unidade, puxei sua cadeira, com ela sentada, e disse “agora vamos conhecer a CEF” e fui empurrando-a até o elevador. Bem no momento em que abriu a porta, fiz meia volta e fui rapidamente ao meu lugar. Do elevador saiu nada menos que o gerente de Recursos Humanos, que estava indo ao gabinete do gerente financeiro. Não sei por conta de quê, mas sequer olhou para a moça, o que não era de seu feitio, que por muito menos mandava empregado de volta para casa só porque o sapato não estava engraxado. O fato é que toda vez que me encontra me chama de “piá pançudo”, pela traquinagem. Lá também é que fazíamos os estagiários lavarem fitas de máquina de datilografia, buscarmos máquinas de achar diferença e de puxar saldo e outras brincadeiras que hoje, em tempos politicamente corretos, seriam enquadradas como dano moral.

Mais quatro anos depois teve um concurso para advogado, que antes da Constituição de 1988 podiam ser realizados internamente. Não passei, talvez porque

tive de interromper minha lua de mel e eu não estava com cabeça para estudar Direito, só Anatomia. Mas no seguinte, de 1985, tive mais sorte.

Havia duas vagas para o Paraná, uma minha e outra da Isabel de Fátima Gomes, ex-ouvidora da CAIXA, agora só faladora. E ela é que teve a gentileza de lembrar que iniciamos nossa labuta no Jurídico Estadual - JURES, no dia 13 de maio. Que engraçado! No dia comemorativo da Abolição da Escravatura, na instituição criada para dar suporte à compra da liberdade pelos cativos, tornei-me escravo dos prazos judiciais. Lembro-me das pilhas de autos postas na altura de nossos narizes, na biblioteca. E nós a folhearmos aqueles simulacros de livros, acúmulo de folhas sem razão, coleção de certidões, alfarrábios processuais, sem saber o que fazer. Pelo menos eu, que não tinha experiência prática nenhuma. Depois de um certo tempo, não encontrando sentido naquele amontoado de papéis, isso a Isabel também lembrou, saí com esta: “Acho que esse pessoal precisa contratar um advogado”. Sofri, e muito, até pegar o jeito e perder o medo de perguntar. Não sabia quase nada. De repente estava sentindo que cinco anos não tinham servido para nada - muita teoria e nenhuma experiência. Minha agonia maior foi quando precisava de um processo com certa urgência e quem fazia o serviço de fórum me deu o retorno: “Estava concluso”. Então tá! Pronto! E agora! Passei a tarde inteira em agonia, sem saber o que fazer porque não sabia o que significava aquele obscuro termo klingon “concluso”. Até que tive a coragem de perguntar sem mostrar minha ignorância: “Que petição faço quando o processo está concluso?” “Nenhuma”, me responderam, “espere até o juiz devolver”. Ah! Então era isso, tão simples!?

E o tempo foi passando. Com a Constituição cidadã, que de cidadã só tem o conceito de inconstância, com todas as remendas constitucionais, possibilitou-se a interiorização da Justiça Federal. A criação da segunda sede em Londrina, quase junto com Foz do Iguaçu, possibilitou que assumisse a condução da primeira unidade descentralizada no interior do Brasil, em janeiro de 1989. Fui para trabalhar menos e caí do cavalo. E o cavalo me caiu em cima. Nunca trabalhei tanto. Trabalhei como um cavalo, o mesmo de que tinha caído. E como era burro meu cavalo!

Um pouquinho mais à frente, 1991, participei do que poderia ser considerada a fecundação da ADVOCEF, quando um grupo de abnegados resolveram comprar uma briga e criar essa filha que desde então só tem demonstrado que foi muito bem-educada: firme, forte e produtiva. Momento que já narrei quando relatei a homenagem ao Renato Dias, grande lutador para que o sonho se tornasse realidade.

E as coisas em Londrina só foram se complicando e o serviço aumentando. O pior era que ninguém acreditava que sofriamos. E ainda faziam piadinhas. De certa feita bati o telefone quando um colega perguntou “como ia aquela moleza em Londrina”. Talvez o pior período



que passei foi como coordenador, algo que não queria assumir, mas que me foi enfiado goela abaixo como remédio para cavalo (o mesmo cavalo de que caí). Ser coordenador sem acervo deve ser a melhor coisa do mundo. Não tem a grande responsabilidade de um gerente, mas tem um poder relativo. Mas eu tinha de atender a Superintendência Regional, de forma institucional e com suporte administrativo, resolver questões pontuais de muitos processos complicados, fazer o social com a Justiça, ter acervo e gerenciar uma unidade com a decisão das questões econômicas, de manutenção, de RH etc. É de pirar.

Além do mais, gerenciar advogados, por favor, não me levem a mal, é complicado. Explico: perceber o limite da hierarquia funcional e a liberdade profissional envolve um jogo de cintura e diplomacia que desgasta, porque cada qual tem sua idiossincrasia. Talvez o fato de ter em conta o coleguismo, um tipo de amizade que o faz remar no mesmo barco e, de repente, se vê no comando do barco mandando remar, faça com que seu conceito sobre a forma de mexer o remo seja visto por outra ótica, que, de algum jeito, acaba por “ofender” o remador. E daí vem o conflito. E vem a incompreensão junto. Pois quem está no barco sentado só tem uma visão.

Lembro de uma situação em que alguém reclamou para mim que determinada providência tinha de ser tomada pelo diretor jurídico. Vi que não era o caso, pois era muito pontual. É claro que gerou um mal-

estar. Então expliquei: “Seu universo é sua sala e seus processos. Meu universo são as salas de todos e todos os processos dessa região, e também toda a unidade. Já o universo do gerente estadual é o Estado todo, todas as unidades descentralizadas, todos os processos e todas as pessoas que trabalham neste Estado. Por fim, o universo do diretor jurídico é o Brasil inteiro. Você acha que ele vai dar atenção para um cocô de mosca na sua sala?”

Pois então, depois da inédita greve, em cujo período trabalhei por não sei quantos cavalos, e após um desgaste desnecessário e incompreensível da postura e atuação da Coordenação, começaram a se criar os primeiros vírus da vontade de largar tudo.

Crescia a percepção de que o Direito no Brasil não faz justiça. A perda da função, apesar de tirar um elefante das minhas costas, não reviveu o gosto pelo que eu fazia.

Nessa época até me voltou uma certa vontade de estudar e fazer coisas diferentes. Criar algo além do árido trabalho do cola e copia dos modelões. Estava fazendo uma peça atacando a atuação da Procuradoria da Receita Federal nas penhoras sobre imóveis financiados. Mas tive de assumir outra matéria e a tranquilidade acabou quando passei a atuar nas ações envolvendo o seguro habitacional.

Aí, sim, entrei no mar de lama. Fiquei chocado com o que vi. Toda vez que lembro me dá engulhos.

Só para encurtar, quando vi a dimensão dos erros jurídicos interpretativos, básicos, decisões que criaram institutos absurdos - como o do seguro *propter rem*; da imprescritibilidade do seguro; ações com condenações milionárias (uma delas, que não teria como passar dos R\$ 100 mil, na fase de execução estava em R\$ 800 milhões); milhares de ações e outras anomalias e tautologias jurídicas -, passei a ficar doente. Nunca tive alteração de pressão sanguínea. Passe a ter pressão alta. Crise de pânico. Precisei de terapia. Os vírus da vontade de ir aumentaram sua virulência.

Já com o INSS ajudando no orçamento mensal, com a aposentadoria oficial, nova tranquilidade. Saí do seguro, ufa, e numa reengenharia estadual, passando a atuar no SFH de todo o estado, achei que ficaria melhor. Ledo engano (se é que engano pode ser agradável, alegre). Para se ter uma ideia, todo o dia umas cem mensagens no correio eletrônico. Dava conta de dez, e no dia seguinte o crescimento geométrico. Chega, chega! Dizia meu subconsciente. Então apareceu o PAA. Juntou a vontade de comer com a gulodice. Saí. Agora sim, ufa! Estava naquela fase de 80% de vontade de sair, 20% de medo e nenhuma vontade de ficar.

E saí como disse que sempre faria: disse tchau e saí como quem vai à padaria e não volta. Sem festa, sem recomendação para quem fica, sem conselhos. Minha vida profissional foi meu registro. O mundo é dinâmico, a profissão é dinâmica, as exigências de trabalho a cada dia mudam. As únicas coisas que distinguem as pessoas são a honestidade, a ética, a dedicação e o respeito. Essenciais para qualquer cidadão, estando trabalhando ou não.

E quando se ingressa na aposentadoria, você tem milhares de planos. Tenho planos para abrir uma Borracharia e Guincho VIP na Ilha do Mel, atendendo só automóveis. Também fui convidado para trabalhar no escritório da SOARES MARINHO. Estou avaliando.

No sério, até agora, descobri que não tenho tempo para nada. Sabem aqueles parafusos que há dez anos estão para serem apertados, aqueles rejuntos que faz dez anos que deveriam ser acertados, e com a empregada em licença maternidade, louça para lavar, casa para varrer, jardim para limpar, roupa para dobrar etc.? Estou, ainda, no ano que me dei para não pensar em nada. E não digo que dessa água não beberei, mas o Direito não entra nos meus planos.



Notícia de jornal

Jairdes Carvalho Garcia

Precisa-se de uma notícia para preencher
a lacunosa
coluna do jornal.
Pode ser requentada,
intelectualizada,
popularizada,
desde que vença o nada,
o branco que macula o papel amarelado.

Pode ser furo,
fulo,
nulo,
chulo,
desde que ocupe o espaço ocioso
do papel e do cérebro
dos que o lerão
ou utilizarão
para papel de pão,
carta-suicida
ou ameaça velada.

O que não pode
é o diário,
vário,
des-
necessário
ter um intervalo
uma vala,
uma lacuna,
no meio de uma coluna.

Vale um anúncio,
um nu artístico,
uma charge,
uma receita,
um poema,
até mesmo um discurso
etc. e coisa e tal
desde que submetido ao crivo editorial
do dono do jornal.

O que não vale
É esta maldita
Infinita
Esquisita
Falta de assunto.



Um crime na rádio

Jairdes Carvalho Garcia

RÁDIO AM

O meliante ante
A presa indefesa
A obriga na briga
A ceder.

O surto do furto
Do crime impune
Revela e desvela
O poder.

Mais após os comerciais.

RÁDIO FM

Ladrão furta bolsa de mulher
Ouçam um *funk* pra esquecer.



Correio eletrônico

Jairdes Carvalho Garcia



O e-mail
já é o fim
em si mesmo
onde a
mens-
agem
é só um pré-
texto
para um con-
texto
vazio
preenchido
com foto
sem lóg-
ica
para não quebrar
a cor-
rente
do desejo
in-son-
dável
de
comun-
icar-se.

Celular

Elga Lustosa de Moura Nunes

Celular, quem não tem?
Quando o esqueço? Quase morro!
Compromissos perdidos, conversas interrompidas
Nunca farão falta!
Mas, incrivelmente, fazem falta.
Ah, celular, sem você não vivo,
Apesar de ter vivido muito bem antes de te conhecer.
Amanhã ficaremos grudados, porque um dia sem você...
Ah! Eu morro!



Os monstros da internet

Roberta Mariana Corrêa

Ando meio assustada. Um temor infantil voltou a me rondar: o medo de monstros. E não precisa chegar a noite para vê-los: basta ligar o computador, o celular, o tablet... Materializados na rede a partir de pessoas aparentemente comuns e sãs, surgem os apavorantes monstros da internet. Como a dupla identidade de um super-herói, como o Pateta no épico desenho do Walt Disney - o pacato Mr. Walker que se transforma no furioso Mr. Wheeler assim que entra no seu carro.

Eles são chatos, irritantes, deselegantes. Passeiam muitas vezes entre discursos inflamados, grosseiros, estúpidos, extensos, cansativos e, em boa parte das vezes, sem qualquer conhecimento de causa. Outras vezes destilam, com sutileza e precisão, um veneno mortal capaz de abalar até a autoestima da celebridade mais senhora de si.

Eles não são vírus, mas estão por toda a parte. Pode ser a sua amável vizinha, aquele velho amigo tranquilo que você não vê há anos, a colega de faculdade que mal abria a boca nas aulas. No mundo real eles parecem inofensivos, mas no virtual soltam todas as suas feras, ou melhor, viram monstros.

Missão dos monstros da internet: chatear, criar conflitos, brigar com conhecidos e desconhecidos, reclamar, fazer o outro sentir-se mal e, quem sabe, gerar novos monstros. Alimentam-se disso e das luzes dos holofotes que conseguem colocar sobre si. Por isso os monstros não merecem resposta; merecem tão somente o desprezo. Quem sabe falando sozinhos eles percam o encanto, o gás, ou sei lá o quê que os fazem tornar-se tais criaturas virtuais tão abomináveis.

Enquanto isso não acontece, deixo um conselho: fiquem longe, muito longe dos monstros da internet.



Minhas histórias da Paraíba

Júlio Greve

Assumi minhas funções de advogado em maio de 1984 no Jurídico Regional da Paraíba. Naquele Jurídico trabalhavam apenas três advogados. Dois (Dr. Nicácio e Dr. Manoel Airton, ambos já falecidos) já próximos da aposentadoria e uma advogada (Dra. Sineide) que trabalhava exclusivamente na contratação de empréstimos habitacionais.

O chefe do Jurídico, Dr. Nicácio, era do tipo bonachão. Logo me adotou como “filho”. No início me levava diariamente para almoçar em sua residência. Era uma “lauta mesa”, como ele mesmo dizia.

Com dois meses no Jurídico, me levou para acompanhá-lo em uma sindicância no alto sertão da Paraíba, na cidade de Cajazeiras, distante 500 km de João Pessoa.

Ele resolveu viajar em seu próprio veículo. A viagem, que deveria durar umas seis horas, começou no domingo pela manhã, chegando ao destino somente na segunda-feira pela manhã. A demora se deveu a diversas “paradas etílicas”.

A volta, uma semana depois, demorou o mesmo tanto.

O uso dos neurônios

Quando cheguei ao Jurídico da Paraíba, em 1984, meus colegas Dr. Nicácio e Dr. Manuel Airton já estavam em contagem regressiva para a aposentadoria. Praticamente todos os dias, no fim da tarde, se dirigiam a um barzinho logo em frente ao prédio da Filial da CAIXA, para o tradicional *happy hour*. Vez em quando, após insistentes convites, eu os acompanhava. Os dois arengavam muito um com o outro. Vez por outra me deixavam como mediador e, por isso, eu já não os acompanhava muito. Os dois eram uns “paizões” para mim.

Certa feita, naquele momento etílico, Dr. Airton, como preferia ser chamado, questionou o Dr. Nicácio quanto à pouca participação deste nas atividades rotineiras do Jurídico, sugerindo-lhe que fizesse maior uso dos seus neurônios para evitar a sua morte em massa.

Dr. Nicácio calou-se, naquela hora. Acredito que ele não tenha entendido bem a “tirada” do Dr. Airton.

Mas, no dia seguinte, chegando ao Jurídico, debruçou seu avantajado corpanzil sobre a minha mesa e, sem tirar os enormes óculos de sol do rosto, de bate-pronto e bufando me indagou:



- Você também acha que eu não estou usando meus neurônios?

Amarelei na hora e de forma pouco convincente, mas consciente da minha condição (ainda em estágio probatório), respondi:

- É claro que não, o senhor sabe que o Dr. Airton é um brincalhão.

E tudo ficou por isso mesmo e eu, tempos depois, fui aprovado no meu estágio.

Meu paraibanês

Certa manhã, já quase meio-dia, chega o Dr. Nicácio ao Jurídico, esbaforido como de hábito. Sem nem falar bom dia, num tom enigmático, disse-me:

- Minha filha descansou.

Fiquei estupefato e mudo, porque na minha terra (RS) descansar, além de descansar (essa é boa!), significa “morrer”. Sem reação, acabei salvo por outro colega que, naquele momento sinistro, adentrou à sala cumprimentando efusivamente o Dr. Nicácio pelo nascimento do seu primeiro netinho (Nicacinho seria o nome dele). Tem sentido.

E daquele dia em diante procurei aprimorar o meu “paraibanês”.

Viagem a Frederico

Rogério Spanhe da Silva

Dia desses, durante uma reunião do colegiado do JURIR/PO, era comentada a redução de veículos disponíveis para deslocamento dos advogados e como tal situação iria impactar o atendimento dos compromissos com audiências, reuniões, visitas institucionais, dentre outros.

Evidentemente que os tempos e circunstâncias eram outros, mas recordei dos idos de 1989, quando já lotado na área trabalhista comecei minha faina como advogado da CAIXA.

Era uma época de transição. A CAIXA, que até então tinha suas demandas processadas exclusivamente pela Justiça Federal, cujas varas se situavam somente na capital, com o advento da nova Constituição passou a enfrentar as demandas trabalhistas perante as então denominadas Juntas de Conciliação e Julgamento da Justiça do Trabalho. Tudo era novidade, inclusive viajar para as mais variadas localidades do interior do Estado para participar das audiências inaugurais e, após, de instrução, etc.

E assim recebi meu primeiro processo com audiência no interior no Estado, na cidade de Pelotas.

Com alguma antecedência, me dirigi à colega Tonia, que era responsável pelo nosso apoio administrativo, e informei solenemente que tinha uma audiência na cidade de Pelotas no dia tal, em tal horário.

Ela desviou os olhos da máquina de escrever elétrica, último modelo, com impressão por esfera, me lançando um olhar de interrogação por sobre os óculos, como que me perguntando... e daí?

Entendendo a interrogação implícita naquele olhar, me apressei em questionar como seria meu deslocamento até a cidade de Pelotas, cerca de três horas de viagem.

A informação veio de imediato: de carro próprio, com reembolso do combustível, desde que contasse com seguro total, ou de ônibus.

Dizendo que preferia ir de ônibus, indaguei como se operacionalizava a compra das passagens.

Simples, o interessado ia à Rodoviária, comprava as passagens e após requeria o reembolso; importante guardar o comprovante, pois sem ele nada feito.

Também não se podia esquecer de comprar a passagem de volta; caso contrário, só no dia seguinte.

E assim foi feito durante vários anos. Na véspera, ou alguns dias antes, se passava na Rodoviária para adquirir as passagens para a data da audiência, ou da véspera, caso a viagem fosse muito longa, tipo Santana do Livramento, Uruguaiana, Frederico Westphalen, quando se viajava à noite para chegar de manhãzinha ou se pernoitava na cidade para a audiência do dia seguinte.

Falando em Frederico Westphalen, me recordo que certa feita gastei três dias para não fazer uma audiência.

Explico.

Naquela época a viagem para Frederico Westphalen, 432 Km distante de Porto Alegre, era feita, de ônibus, em torno de seis horas.

Cotejados os horários de partida e da audiência, meio da tarde, foi constatada a inviabilidade de se viajar no mesmo dia, o deslocamento teria que ser na véspera.

E assim foi feito. Passagem comprada, lá fomos nós, no dia anterior, para a tal cidade.

Chegamos à noitinha. Cidade típica do interior. Na praça a Igreja, Prefeitura, CAIXA, Banco do Brasil e o hotel recomendado, ou seria o único, não me recordo.

O hotel não era ruim, tinha até ventilador no teto do quarto. Se funcionasse bem, então seria perfeito.

Visita à agência pela manhã, conversa com os colegas; no início da tarde, um pouco antes da audiência, no balcão de atendimento da Justiça, solicitei os autos do processo para exame.

Demora, os serventuários não localizavam os autos.

Doutor, o senhor tem certeza que há audiência agendada para hoje?

Mostro a carta de citação.

Nova demora.

Alguém encontra o processo.

Haaa!!!... Estava em outra pilha, foi retirado de pauta.

Como retirado de pauta?

É que o Dr. Fulano, juiz da causa, é marido de colega da CAIXA, e se deu por impedido.

Mas ele descobriu isto ontem?

Custava comunicar por telefone?

Externei meus protestos e saí notoriamente contrariado, pensando no tempo perdido, cansaço, trabalho esperando, etc.

Como a audiência era no meio da tarde, já prevendo os costumeiros atrasos, não havia forma de pegar o ônibus que saía no mesmo dia. O remédio era esperar o dia seguinte.

Passada mais uma noite na cidade, lá fui eu para a Estação Rodoviária.

- Uma passagem para Porto Alegre, direto, por favor.

- Direto somente às 15h30min.

- E o primeiro que vai a Porto Alegre?

- Agora às 11h, mas é “pinga-pinga”.

- Não faz mal, uma passagem assim mesmo.

E lá fui eu.

O ônibus parecia movido a vapor, as poltronas tinham uma cor indefinida, penso que um dia foram cinza ou azul claro, mas tinham há muito optado por tons de marrom.

Após algumas tentativas, encontrei um acento que reclinasse e onde a janela pudesse ser aberta.

Algun tempo após a saída, descobri o motivo pelo qual os poucos passageiros não se preocupavam

em abrir as janelas. A poeira das estradas era tanta que o melhor era suportar o calor com as janelas fechadas.

Na verdade, a cada parada, passageiros desciam, outros subiam, e à exceção da minha pessoa, outros poucos felizardos ficavam no veículo.

Percebi o engano cometido.

A cada parada, o ônibus esvaziava e enchia dos mais diversos tipos, bagagens, “perfumes”. Cheiro de comida, queijo e salame se misturavam a outros odores, fazendo um “blend” inesquecível.

E os vidros fechados, e o calor... “humano”.

Lá pelas tantas entra um senhor que, pelos trajes e a tez curtida pelo sol, aparentava ser um trabalhador do campo, um colono, como se costuma dizer. Trazia, além do alforje, três garrações de vinho, cinco litros cada.

O ônibus se colocou em movimento e o senhor do campo ainda não tinha se acomodado.

Pressenti o incidente.

Um dos garrações escapou, indo se espatifar no chão do coletivo. Seu conteúdo de vinho tinto cobriu todo o corredor com fina película púrpura avermelhada.

Não demorou para que os vapores emanados da bebida dominassem o recinto, acrescentando um toque todo especial ao ambiente.

Consultava o relógio a todo instante. Será que tinha parado, ainda faltavam quatro horas!

E o ônibus serpenteando de cidadezinha em cidadezinha, e passageiros subindo e descendo, e a poeira não dando trégua.

Que bom que aquele garotinho, do banco da frente, que insistia em ficar me encarando, desembarcou. Quase peguei o meu lenço para limpar o pequeno nariz dos fluídos que teimavam migrar até o queixo sem parar, mas achei que a mãe poderia não gostar. Meu medo era que ele espirrasse.

Certamente eu seria alvejado.

Em outra parada subiram três moças estudantes, uniforme e bolsas a tiracolo, bonitas, alegres, um alento para os olhos.

Acomodaram-se alguns assentos à frente.

O cheiro de vinho, agora, já migrava para o azedo.

O ônibus balançando, as curvas, os perfumes cada vez mais marcantes.

De súbito, uma das estudantes se levanta com a mão na boca, indo na direção do toalete.

Não deu tempo!

A camada de vinho agora recebia a companhia de uma outra cobertura de conteúdo indefinido e para a qual eu me recusava a olhar.

E os perfumes ganharam novo ingrediente. Fiquei pensando que estaria mais fácil andar numa pista de gelo do que naquele corredor.

Bom, ao menos o gelo não teria cheiro.

Bueno, para encurtar, aquelas quase três horas restantes de viagem de ônibus foram intermináveis.

Foram oito horas e meia de pura aventura.

Hoje fico com a certeza: naquela época era muito mais “divertido”.





O carro-casa

Roberta Mariana Corrêa

Eu tinha quatro anos e estava de férias na linda praia de Morro Branco, no litoral cearense, quando me deparei com aquele veículo enorme que imediatamente chamou a minha atenção. Parecia um pequeno ônibus, mas sua janela enorme com um toldo amarelo, onde por detrás se viam cortinas brancas devidamente recolhidas, faziam-me crer que seria algo realmente diferente. Soube que se tratava de um carro-casa, veículo usado por pessoas para viajar o mundo, levando suas “casas” a tiracolo, como um caracol.

Fiquei deslumbrada com essa possibilidade! Imagina só: viajar, viajar, conhecer lugares novos e ter sua casa bem ali, ao seu lado. Timidamente tentei desvendar o que tinha ali dentro por meio da janela aberta e fiquei imaginando cada pedaço daquele carro que me pareceu tão especial.

A partir daquele momento, o carro-casa povoou toda a minha imaginação infantil e fazia parte das minhas aspirações para o futuro. “O que você quer ser quando crescer?”; “O que você quer fazer no futuro?” Eu queria ser bailarina, cantora, ginasta, professora, um monte de coisas... E queria um

carro-casa pra viajar o mundo... Ele poderia me levar a tão longe e, ao mesmo tempo, eu estar tão perto, tão em casa. Isso me fascinava.

Os anos se passaram, a vida seguiu seu rumo, escola, faculdade, profissão, casamento, filhos... Foi quando, trinta anos depois, em outra bela praia - só que agora carioca, a Praia Vermelha - lá estava ele: o carro-casa. Como naquela primeira vez, fiquei olhando, tentando ver através da janela tudo que estava lá dentro.

Por um momento, meus pensamentos adultos e racionais começaram: “Como deve ser difícil estacionar essa coisa!”; “Acho que não tem muito conforto”. Mas logo deixei de lado tanta razão, busquei lá atrás o encanto pueril dos meus quatro anos e tomei coragem pra pedir à família dona do veículo, que estava próxima: “Posso entrar e conhecer?”. E as portas daquela casa me foram amistosamente abertas e pude, enfim, conhecer cada pedacinho daquele pequeno e aventureiro lar, que novamente foi capaz de me fascinar e relembrar os meus sonhos de criança.

Recuerdos de Buenos Aires

Francisco Spisla

Para começar, uma perda importante. A mala. Viajei com uma só.

Bem que poderia narrar uma boa história, erótica, com um jogo de palavras ou trocadilhos, infames ou não, do tipo: a mala no avião. A mala no aeroporto. A mala na esteira de malas. A mala no meio dos demais passageiros. Mas, infelizmente não deu para a mala no início da viagem. Cheguei a Porto Alegre, mas a mala não. Não era dia. E nem tinha uma cueca limpa na mochila. Nem suja tampouco, é claro.

Então a clássica oração para São Longuinho, um monte de promessas (putz, lembrei agora, preciso cumprir...), pulinhos para o ritual todo. Fui recompensado, fui atendido, preces bem encaminhadas, e com carimbo de “CUMpra-SE”. E três voos depois, que alegria! A mala na esteira. Até a acariciei. É lógico que tinha informado a São Longuinho que o voo para Buenos Dias, digo, Aires, seria somente umas cinco horas depois. Então ele relaxou e teve mais tempo de procurar.

Pois bem. Já em Buenos Dias (mas que cacoete chato!), Buenos Aires, Buenos Aires etc. muitos passeios, muitos passeios, muitos passeios (tá, das fotos falo depois), muitos passeios, os quilômetros que não andei aqui no Brasil, no ano todo aqui, andei lá. E num desses passeios, perdi a mochila. É. Aquele negócio de sentar para tomar café, refrigerante (isso, estou no ano sabático da abstinência alcoólica - tenho até vergonha de falar que fui para Buenos Aires - acreditem - e não bebi vinho, nem cerveja), pendurar a dita cuja na cadeira, para trás, beber o suco, pagar e sair esquecendo de pegar aquele negócio que fica pendurado na frente, conforme recomendação dos entendidos para se evitarem os furtos. Dez quadras depois, “ih, esqueci da mochila!” Taca-lhe bufar, perder-se, andar que nem uma barata depois de levar um spray de veneno e, é lógico,

depois do ritual, da liturgia para São Longuinho, chegar ao local e (palmas para os garçons honestos, clap, clap, clap) estava lá a beleza devidamente recolhida e guardada atrás do balcão. Ufa!

Quarto dia de passeios, vários museus, várias fotos (calma, depois eu falto sobre elas), obras de arte fenomenais (Rodin, El Greco, Van Gogh, Monet, Manet, Degas, Modigliani, Rembrandt, Degas e também Pueyrredon, Eduardo Sívori, Ernesto de la Cárcova, Antonio Berni etc. - quantas fotos!!), e depois do almoço, lá pelas cinco horas, no terceiro museu, pego a carteira para pagar um poster com cartão de crédito. E cadê o cartão de crédito? Como não tinha tido tempo de fazer câmbio, muitas coisas tinha pagado com aquela moeda inextinguível. E então? Podia, também, ter sido tungado. Dizem que por lá há muitos batedores de carteira. Mas a carteira estava lá... Então, só apelando para meu anjo da guarda, e, claro, de novo, para São Longuinho. Todo o ritual, muitas quadras andadas e, ufa! de novo, o caixa do restaurante tinha-o guardado (palmas para o caixa honesto, clap, clap, clap).

Sem chuva, um calor que não era crível lá naquela parte baixa do Trópico de Capricórnio, alguns dias depois, muitas viagens de metrô e, primeira vez de ônibus, o que perdi? Meu telefone. Ou foi furtado. Mas como até agora a Apple não me mandou nenhuma mensagem comunicando ter sido ligado, quero acreditar que tenha perdido mesmo. E com todo aquele mundaréu de fotos. Fotos bonitas, de lugares bonitos, de obras bonitas, de mim nem tão bonito assim, mas que registravam vários momentos, inclusive uma que seria de meu novo perfil no Feicebuque. Como não sei usar as versatilidades do aparelho, não tinha arquivado em outro lugar, nessas nuvens, como dizem. Tive de fazer todo o ritual para o coitado do santo. Mas, dessa vez não deu certo. Ou estava muito ocupado

com outros tantos fiéis perdedores de coisas e não ouviu meu novo pedido. Ou ele procurou, procurou e não achou. Ou deve ter pensado: “Esse cara já cansou. Só não perde o pipi porque não dá para desparafusar”. E tentei também outros santos mais graduados, como Santo Expedito, o das causas impossíveis. Mas eles devem ter se conversado. E assim fiquei sem aquela desgraça que está se tornando tão necessária quanto palito depois que enrosca um pedaço de carne nos dentes. Então a foto de perfil, do esqueleto com a capa de faraó, por enquanto não será mudada e vocês terão de aguentar e aproveitar para meditar sobre o fim de todos nós.

Continuando as férias, com os passeios, consegui não perder mais nada até a viagem de volta.

Mas, é lógico que sempre tem um “mas” nessas histórias. No aeroporto de São Paulo, assim que saí do avião, na volta, dei falta da capa dos meus óculos. Não era lá grande coisa, mas ainda assim útil. Fiquei com vergonha de rezar e pular de novo e nem pedi ajuda do santo. Só do funcionário da companhia para ir até a aeronave e dar uma olhada. Foi e não encontrou nada. Então, mais uma perda.

Felizmente cheguei a casa, inteiro, com tudo o que tinha trazido, até mais uma mala (pena que já não funciona mais o trocadilho - as malas na esteira). Um pouco mais e poderia perder a paciência. Mas ainda assim seria melhor que perder a memória. Não sei não, mas disseram que já a estou perdendo. Senão não teria esquecido tudo aquilo...



O andadeiro

Lilian Deise de Andrade Guinski

Abriu a porta. Estendeu a mão até tocar o interruptor de luz. Olhou ao redor. Acomodou a mala sobre a cama. Dirigiu-se ao banheiro. Voltou ao quarto. Caminhou até a janela, nem ao menos tocou na cortina e virou-se e foi até o guarda-roupa. Organizou as poucas peças de roupas - todas puídas. Descansou a mala sob a cama ao lado dos sapatos exauridos. Alindou o quarto colocando o retrato da família ao lado da cama. Sentou-se na cama. Gemeu.

- Se minhas juntas fossem dobradiças, com certeza era hora de azeitá-las.

Acostumara-se a falar sozinho.

Agora estatelado no colchão lembrou-se do avô, caixeiro-viajante, morreu sozinho em um quarto de hotel. Coração. Recordou-se do pai - vendedor itinerante. Cirrose. O irmão tornou-se representante comercial. Sumido de mala e cuia.

Foi resgatado dos sombrios pensamentos pelo toque na porta. Gemeu - as juntas. Levantou-se. Abriu a porta.

- Como está? Ao ver seu nome na lista dos hóspedes resolvi lhe trazer um cobertor a mais, sei que não se acostumou com o frio da região.

O gerente do hotel se mostrava extremamente hospitaleiro como sempre... como todos.

- Obrigado. Sempre no melhor hotel.

E o cansado hóspede empenhava-se em aparentar camaradagem e simpatia.

- Amigo, vocês são minha família longe de casa. Aliás, o aniversário do seu neto é por esses dias, né?!

- Que que é isso! Só você para lembrar. Você sempre lembra o nome dos meus filhos, o aniversário do meu neto, tudo. Nem meu pessoal lembra.

E os dois homens, com certo atamento, apertaram as mãos e despediram-se.



Voltou para perto da cama. Tomou a foto nas mãos. Mulher, filha, filho, netos. Tentando lembrar a idade do neto. Seis? Nove? E a menina. Quinze? Não! Ainda era pequena. Talvez dez. E o Júnior? Quarenta? Meneou a cabeça como que para enxotar a falta de lembrança.

Soltou com desapego a imagem caseira na mesa.

Embrulhou-se em um gasto capote e foi jantar com a família.



A feira

Lourenço Neto

Vejo o orvalho da manhã
Sublimar-se com sua manha
Traz o cheiro de coisa pagã
E de repente me ganha

Um solzinho se levantando
Pintando com ouro a vida
Com seu brilho convidando
Dando a sua acolhida

Logo vem o burburinho
Frenesi pela calçada
Menino, gatos, Meirinho...
Cada um numa passada

O pregão dos ambulantes
Aquele loucura estridente
Vai e vem de estudantes
Um colorido permanente

Tem jaca, tem carne, ricota...
Dedo de prosa e simpatia
Lá na banca da Maricota
Ia eu, minha mãe, minha tia

Badogue, nambu seca, rapadura...
Lá de um tudo se vende
Tem até queijo meia-cura
E clareador de dente

Sol a pino, meio-dia...
O povo já esfomeado
Já cansado quem sorria
No almoço improvisado

Um vazio de multidão
Parece toque de retreta
Poucos lá agora estão
Anuncia-se a xepa

E o dia vai passando
Morre a tarde, noite vem
Tudo vai esvaziando
Olha a lua, hoje tem!



Açópolis: a Cidade do Aço

Jairdes Carvalho Garcia

Vim, de Minas, do interior,
Minha lida era capinar,
Em busca de vida melhor
Nestas terras vim parar.
E por graça do Senhor
Descobri o meu lugar,
Por isso lhe peço o favor
De a minha história escutar.
Quando por aqui cheguei
O que se via era floresta
O índio disse aqui era rei
E a natureza, uma festa.
Mas o motivo eu não sei
Só sei que a verdade é esta
Mandaram e eu exterminei
Bichos, índios e o que resta.
Depois que limpei a terra
Por ordem não sei de quem
No chão, como animal se ferra,
Finquei uns trilhos também,
Não sei que quantidade era
De mil, sei que foi uns cem,
Para que passasse pela serra
Um bicho com nome trem.
Gravei as imagens tão bem
Que, pra mim, eram divinas,
E passei a chamar de trem
Tudo que havia em Minas
E se o mar até aqui não vem
Para bronzear nossas meninas
Nos leva até o mar, o trem,
Que vai de Vitória a Minas.

Mas ligar Minas ao mar
Não era o objetivo final
O que se queria alcançar
Era muito mais plural
Foi escolhido aquele lugar
Para o progresso nacional,
Pois ali que iriam instalar
Um grande parque industrial.
Só que construir este engenho
Não era coisa de nativo, não,
Nem com todo nosso empenho
Ou nossa fértil imaginação,
Precisávamos do desempenho
De entendidos em construção,
Que vieram, se bem me lembro,
Da Europa e do Japão.
Mas o gringo eu não entendia,
Muito estranho aquela figura!
Só me tratava de forma fria
E sem mudar sua postura.
Entender eu não entendia
Aquele choque de cultura
Quando percebi também reagia
A tudo de forma mais dura.
E mesmo com aquela tensão
Sem entender o que se falava
Como se brotasse do chão
Aquele obra se levantava,
E no meio daquele rincão
Onde há pouco não tinha nada
Como uma alucinação
Um vilarejo se formava.
Só quando a obra terminou
É que vi que eram usinas
Que em aço transformou
O minério que há em Minas
E não sei se é porque usou
Nossas matérias-primas
Que à empresa se batizou
Com o nome de USIMINAS.

E a vila crescia sob o céu
Como mato na terra vinga
De Joá, já tinha o bordel,
Lugar do amor e da pinga
Foi então que saiu de Coronel
E, pela junção de Caratinga
Com Ipanema que se deu
O nome de IPATINGA.
Mas, veio uma época dura,
Onde a liberdade era restrita
Pois, por meio de uma ditadura,
E que a ordem, então, se dita.
Onde, num mundo de amargura,
Não tem qualquer valor sua lida
E foi para mudar tal estrutura
Que muitos perderam sua vida.
Mas, à sombra da ideologia
Do controle político e social,
No chão de fábrica nascia
As bases do movimento sindical,
E com ele também crescia
A Ferramenta daquele local,
Que assim que a Usina excluía,
Conquistava o poder municipal.
E foi assim que a cidade
Com força se desenvolveu
Ganhou de vida, a qualidade,
Mas algo ainda se perdeu
Pois manteve a dualidade
Do sonho, que não é só meu,
De acabar com a disparidade
Entre a elite e o plebeu.
Somente para finalizar
Esta história que não tem fim
Peço permissão para pontuar
O que a cidade fez de mim:
Ainda sou filho do luar,
Dos diminutivos em “im”
Embora mais frio, com pesar,
Pois do aço é que eu vim.



O pássaro

Manoel Messias Fernandes de Souza

Tarde avermelhada de um dia ocre...
Subitamente içado do inconsciente
Foge ao olhar na direção à frente
Um pássaro a voar para o bosque.

Há um quê de anúncio e presságio
No delinear fugaz de seu voo ágil!
Asas abertas a tangenciar o vento
Estufa o peito, mira o chão poeirento.

Tento trazê-lo de volta a seu antro
Ao ver no clarão aberto sob o mato
O brilho dos olhos do predador inato
Prestes a alvejá-lo com um cetro.

Não alcançado o meu desiderato
Dou-me conta da traquinagem
De tê-lo retirado de uma paisagem
Vista estaticamente em um retrato.

O meu sertão

Adonias Melo de Cordeiro

Lugar que me traz saudade,
Berço encantado onde nasci,
Sempre me trouxe felicidade,
Momentos alegres que vivi!

Sinto em minhas veias agora
O ambiente tranquilo do sertão,
O qual, nos tempos de outrora,
Muito palpitou meu coração!

Relembro-me dos tempos de vaquejada:
Do curral, do campo, do celeiro,
Do acalanto das canções de boiada,
Da figura imponente do vaqueiro!

Quem me dera voltar ao passado,
Para tornar mais bonita esta canção...
Quem me dera voltar ao passado,
Para conhecer de novo o meu sertão!

À beira do rio

Robério César Camilo dos Santos

Estou à beira do rio
a observar velhas imagens,
a prever certos casos da infância
dispersarem-se na noite no dia,
feito peixes, dor e petróleo.

Sou apenas um passageiro
calado e as águas se afastam,
sou um homem sentado, marchando
pelo tempo, pelo seio da vida
nesta útil e tão frágil viagem.

Estou à beira de um rio,
vejo a casa de meus pais, minha infância,
e mamãe na cozinha cosendo,
meus amigos correndo na rua,
ouço a voz de meus tios e avós.

E esta vida tão presa ao tempo
era fácil, não havia problemas,
hoje eu tenho um amor, um sentido,
pois o mundo revelou sua face,
e aos homens eu revelo a minha.

Estou à beira do rio,
homens passam por mim, vão às pressas,
cheiram a mofo, a pó, a fumaça,
reiches caem em guerras, por máquinas,
que se tornam difíceis, tão ásperas,
mas a vida ainda continua.

Tantas guerras furaram meus olhos,
tantos sonhos foram reprimidos,
o primeiro amor se perdeu,
o segundo amor se perdeu,
tantas noites fiquei acordado,
na tevê com meus olhos mais fixos.

Estou à beira do rio,
envolvido num intenso diálogo,
coletando esqueletos famintos,
preparando sucessor pro passado
me vestindo em tons de azul.

Sobre mim vejo a luz já acesa,
e do mundo sou parte de um todo,
faço versos sentado à mesa,
se sou parte, em parte estou morto.

Estou à beira do rio,
sem dinheiro, empresa ou amor,
sem sucesso, com espelho, imagem,
mar invade o meu coração,
inseguro é o critério das águas.

Mas trabalho e tenho um ofício,
sou carteiro, palhaço e cantor,
e escrevo neste picadeiro,
as canções das canções de amor.

Estou à beira do rio
estou sujo, alheio, estival,
estou pálido, numa embarcação,
com notícias, fatos importantes;
e te enxergo tão áspera História.

Me observo sintético em tudo,
na tevê, no porão, no navio,
sou um homem tentando entender-se
e não passo do tempo em que estou.

Estou à beira do rio,
águas passam cinzentas em azul,
tomo banho no rio cansado,
estou limpo, mas cheiro a passado.

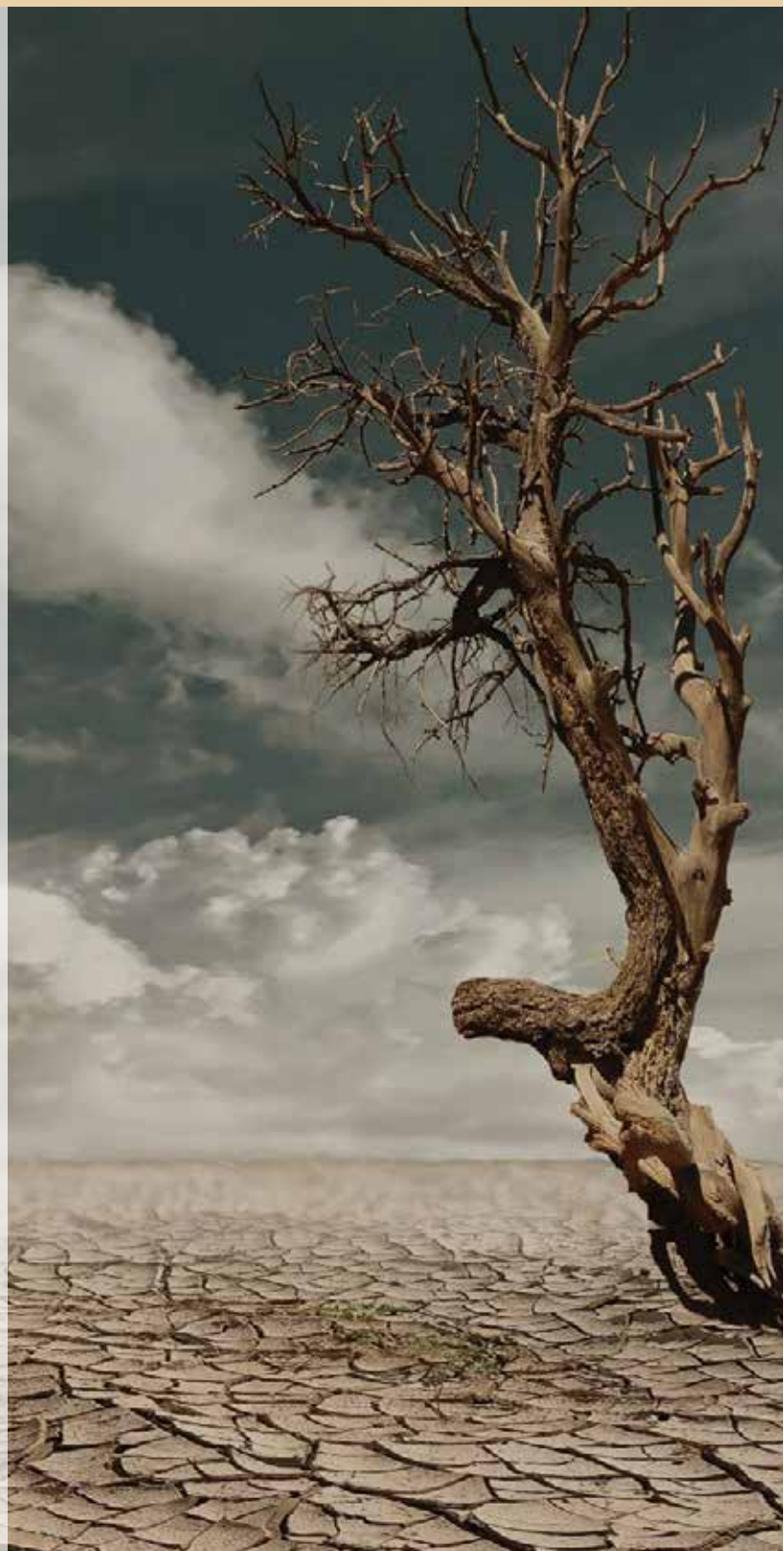
Prova de fogo

Luiz Sérgio e Silva

Tudo seca ao meu redor.
Não podendo viver sem água
A Natureza adoece.
Sofre e se contorce em dor
E, seca, se expõe ao fogo,
Consumindo-se numa espécie de sacrifício.

Neste cruel e inevitável ritual
Muita vida se perde
Como se perde a esperança.
E porque tudo seca,
Sequer há lágrimas a derramar.
Engole-se a seco a desilusão sofrida
Num desabar interior sem trégua,
Destrutivo e mortal como o fogo implacável.

Uma vez mais e sem saber por que nem
até quando,
Fênix é lançada à sua condição cinzas.
Que lenta e passivamente se entrega
Ao frio,
À solidão,
Ao silêncio,
Ao fim,
Que ao final não terá sido... o fim?



Homem-de-aço

Jairdes Carvalho Garcia

Em homenagem a Carlos Drummond de Andrade

Nasci em Ipatinga.
Mais do que nascer, vivo em Ipatinga.
Cem por cento de aço no peito,
mas sem ser inoxidável.
O tempo, o clima, a paisagem,
forjaram veios em minh'alma
d'onde escorrem, feito gusa,
arremedos de sentimentos.
Aqui, sou quase-humano.

Ipatinga, mais que um quadro na parede,
é presença onipotente em minha vida.
Não há lugar do mundo em que
não leve suas fuligens industriais,
seu sonho de metrópole,
seu paisagismo de cemitério.
Ipatinga é quase uma não-cidade
circundada por uma indústria.
Ser de Ipatinga é quase não ser
de lugar algum.

E é neste lugar incomum
no centro do excêntrico
que vivo uma quase-vida.
E, às vezes, involuntariamente,
como se o humano quisesse suplantar o aço
nutro um quase-amor por este chão
impermeável...
E quase me dói o peito...

Olhos do mundo

Robério César Camilo dos Santos

Sob o sol forte das 13 horas da tarde
contemplo meus companheiros,
que vão de enxadas nas mãos,
pés descalços e o mundo nos olhos.

Misturam-se pouco a pouco terra e ações,
entre o ganha-pão e o enjoo do almoço
das 15 horas da tarde.
Em pouco não mais se distinguem
homem e horizonte.

Foi-se o tempo em que o trabalho
era uma mera obrigação.
O tempo... será que ainda
me sobra algum?

Tento dar vida as coisas que me cercam,
mas nem todas possuem vida.
Muitas estão apagadas, viraram noite,
estão esquecidas.
Planetas de um sistema sem luz.

Como fazê-los então entender
que a vida está sobre as rochas,
sob o ar, nas ínfimas coisas,
numa pedra de xadrez,
inclusive em mim?

Ouço palavras e gritos de autofagia.
Na terra, gotejam suores do limpo e do
sujo trabalho.
As mãos trabalham, os rostos são esquecidos.
Em pouco estão prontos os prédios, os poemas.
Poemas imundos pelo mau lirismo e alienação.

O mundo movimentava-se num jogo.
Agora quase tudo parado, mas com ênfase.
Os pedreiros trabalham a aumentar uma casa,
casa que em pouco será habitada por uma
família qualquer,
família que será conhecida e íntima da vida.
E o vento que não vejo a balançar mangueiras
e bananais.

Um carro de mão passou,
uma lagartixa está presa à parede.
Há um homem a escrever
e ninguém a caminhar por mim.
Já sou homem,
embora não me sinta assim.

Penso nas viagens que fizemos.
Nas idas e vindas de todos pra capital.
Quando o perto era longe.
Quão imensas são as viagens
e longa a espera.

Agora, nenhum pássaro no céu; sequer um.
Muitos pássaros caíram e mataram minhocas.
Larvas de pássaros estão a cair na terra seca,
na terra podre e pobre, em homens pobres.

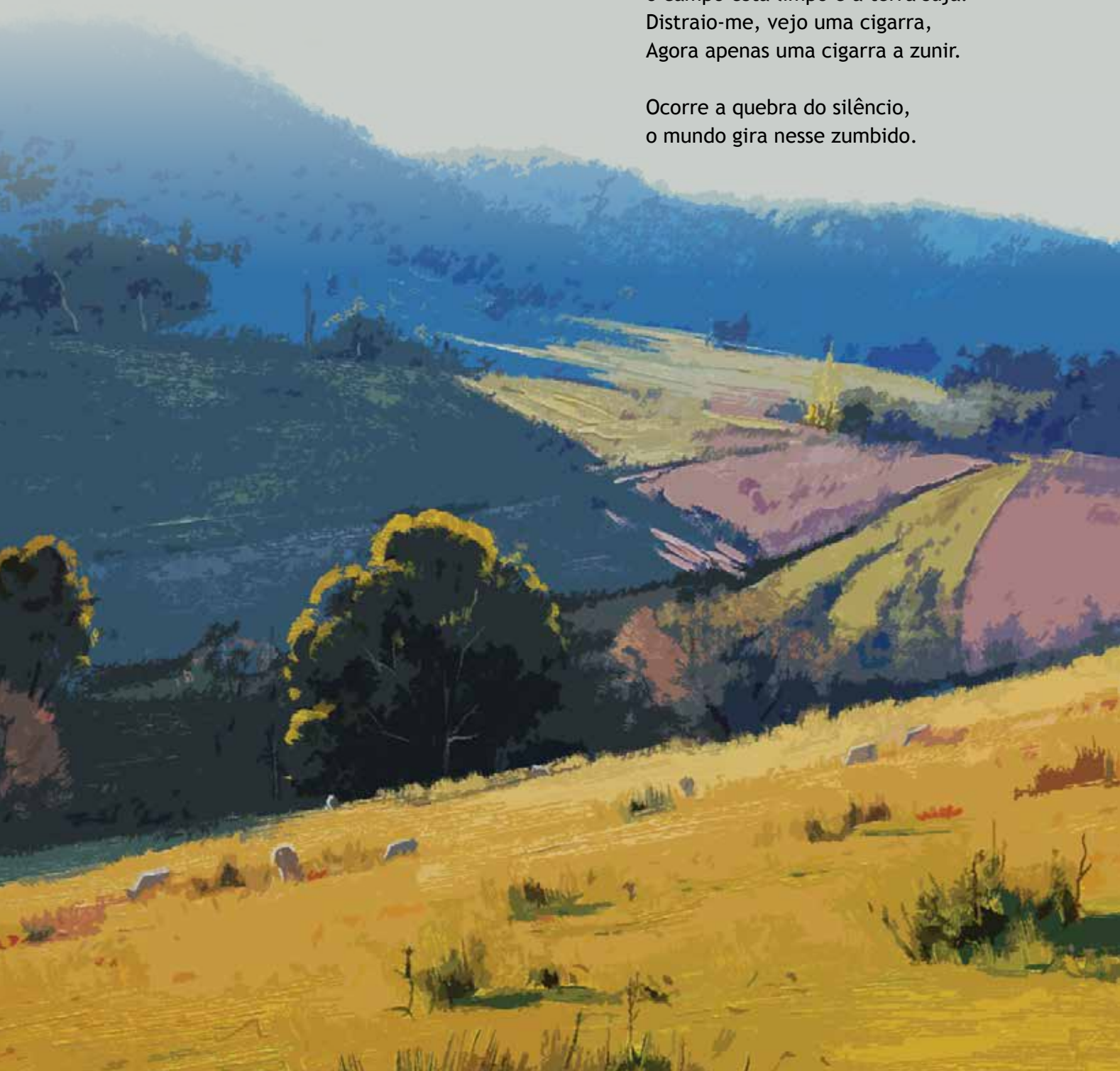
A manhã segue...
Mas não era tarde?
Pergunta algum pensamento perdido.
Sim, lá fora é tarde.
Demora um pouco já é noite
como já se faz pra muitos.

O mundo distrai-se num tabuleiro de xadrez:
Bispos morrem, cavalos são mutilados,
torres são derrubadas.
Está-se em xeque, mas não é o mate.
Há muitas saídas,
há muitos tratados e acordos,
há muitos mortos.

Os peões... existem peões.
Lá vai o camponês com sua enxada,
despreocupado, sozinho, suado,
um companheiro de trabalho.
Vai passar o dia inteiro lavrando a terra,
gerando a vida.

O camponês desaparece no horizonte,
os ventos param,
o campo está limpo e a terra suja.
Distraio-me, vejo uma cigarra,
Agora apenas uma cigarra a zunir.

Ocorre a quebra do silêncio,
o mundo gira nesse zumbido.



C'Alma!

Luiz Sérgio e Silva



Uma borboleta, uma flor...
E o pouso consentido!
Ao perceber a pose
O poeta vê amor e amizade
E canta em verso e prosa
O fotógrafo vê beleza
E registra o momento.
A criança vê brincadeira,
Aponta e ri.
O cientista vê um ciclo da vida
E o descreve.



Sopra o vento.

E a ventania
Muda o verso
Muda a foto
Muda o brinquedo
Muda a vida!

Move vento
M o v i m e n t o!...



Muito tempo muito pouco

(à minha mãe nos 90 anos)

Francisco Spisla

Há muito... muito... mas muito tempo
a menininha abriu os olhos, sentiu e viu a luz.
Chorou e sorriu como se fora a mesma coisa.
Respirou e cantou o canto dos bebês.
Cumprimentou a vida: “foi bom ter vindo!”.
Então pé ante pé, passinhos curtos, constantes,
semeando plantas, flores, filhos, canções,
e também dores, amores, sabores
seguir o caminho que uns poucos conseguem trilhar:
vida fecunda, sem medo de errar,
sem temer buracos, pedras, espinhos,
pois abraçada às borboletas e passarinhos,
nunca viu sua alegria parar.

Não havia planos, não havia projetos.
Só havia um grande desejo de viver e amar.

Mas ao seu redor um relógio louco,
Girava, e girava, e girava seus ponteiros
Incansável, insano, insensível, implacável.
Que sempre constante, sem descontos,
puxou aquela menininha, lá para a frente.
E sua lisa planície de criança já era terra arada.

Mas ela enganou o relógio levando a infância nas costas.
E o tempo muito... muito... muito atrás
ainda é o mesmo tempo após tanto tempo:
um grande e alegre jardim florido!



Ditos e versos

Roberta Mariana Corrêa

Desde muito pequena ouvia meu pai recitar ditos e versos - dos populares, de autores desconhecidos àqueles atribuídos a personalidades ilustres - e cantar, com a fidelidade de poucos com o passar dos anos, suas músicas favoritas.

Mas não apenas recitava e cantava: quase sempre rodeado dos filhos, netos, amigos e empregados, ele estabelecia uma competição entre todos, premiando (em dinheiro!) o que primeiro memorizasse e declamasse os mais diversos “ensinamentos” e suas músicas preferidas.

Num primeiro momento, era o reforço da mesada que nos compelia ao desafio. Na época de férias, com a criançada reunida e seu público reforçado, as premiações eram fartas e frequentes. Os mais “habilidosos” conseguiam juntar um bom dinheirinho, tamanha a generosidade de nosso mecenaz. Alguns se rebelavam dada a insistência dele pela participação de todos; chegavam a encarar como uma obrigação ou mesmo um castigo.

Não nego que havia uma certa imposição e, na maioria das vezes, a autoridade falava mais alto. Não raro estava eu lá muito contrariada, a pensar por que tinha que obedecê-lo... Não nego que foi chato passar horas e horas, noite adentro, para memorizar a letra do tango em homenagem a Carlos Gardel cantado por Nelson Gonçalves; que ficava cansada em recitar um milhão de vezes o “provérbio de Abraão Lincoln” para as visitas.

Mas ele sabia equilibrar a autoridade e a doçura para nos compelir a participar de seu entusiasmo por seus queridos ditos e versos. Temperava tudo com histórias, reais e imaginárias, contava piadas, aguçava

nossa curiosidade e imaginação. Vestia-se de romano para explicar (e encenar) o momento histórico que resultou na expressão: “Até tu, Brutus!”. Contava-nos a história da infância de Rui Barbosa e, depois, compunha-se como num púlpito para declamar uma das célebres frases do ilustre baiano: “Um país não se mede por sua extensão territorial, e sim pela educação do seu povo”.

Nada, nem ninguém, escapava: algumas frases estavam lá nas paredes brancas de sua fábrica, em garrafais letras azuis, fazendo parte indissociável da rotina

de seus empregados e, naturalmente, saltando aos olhos dos clientes e visitantes. De uma delas, me lembro constantemente: “O preço da liberdade é a eterna vigilância”.

Havia ditos e versos pra quase tudo. Para os que reclamavam do casamento, ele dizia: “O erro do casamento é a mulher achar que vai mudar o homem e o homem achar que a mulher vai ser sempre a mesma”. Para os que comentavam que

não conseguiriam realizar algo, ele repetia as palavras de Chaplin: “O impossível é o possível que nunca foi tentado”. Para os que lhes chegavam reclamando da correria da vida, de ter que acordar cedo, declamava: *“De tanto viver cansado da labuta costumeira, quisera poder dormir a eternidade inteira; mas depois penso melhor, esqueço lutas e canseiras, porque um dia eu farei isso, quer eu queira, quer não queira”*.

E foi no dia do seu “descanso” que percebi a dimensão de como tudo isso ficou gravado na memória e no coração de todos nós - filhos, netos, amigos e funcionários - num coro memorável, recitamos este último verso para que, sob aplausos, fossem fechadas as cortinas a anunciar o fim de seu primeiro ato...





Adonias Melo de Cordeiro
Fortaleza (CE)



André Falcão de Melo
Maceió (AL)



Antônio Dilson Pereira
Curitiba (PR)



Arcinério Caldas
Campos dos Goytacazes (RJ)



**Aurélio Henrique Ferreira
de Figueiredo**
João Pessoa (PB)



Davi Duarte
Porto Alegre (RS)



Éder Maurício Pezzi López
Rio Grande (RS)



Elga Lustosa de Moura Nunes
Goiânia (GO)



**Flóridio Benevides
de Magalhães Neto**
Fortaleza (CE)



Francisco Spisla
Londrina (PR)



Gouvan Linhares Lopes
Fortaleza (CE)



Gustavo Tanger Jardim
Porto Alegre (RS)



Henrique Chagas
Presidente Prudente (SP)



Isabel de Fátima Ferreira Gomes
Brasília (DF)



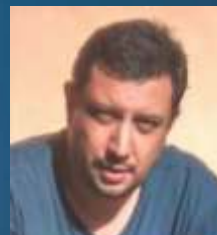
Jairdes Carvalho Garcia
Ipatinga (MG)



Jayme de Azevedo Lima
Curitiba (PR)



José Irajá de Almeida
Maringá (PR)



José Sotрати Junior
Bauru (SP)



Júlio Greve
Brasília (DF)



Lilian Deise de Andrade Guinski
Curitiba (PR)



Lourenço Neto
Salvador (BA)



Luiz Sérgio e Silva
Goiânia (GO)



**Manoel Messias Fernandes
de Souza**
São Paulo (SP)



**Robério César Camilo
dos Santos**
Maceió (AL)



Roberta Mariana Corrêa
Rio de Janeiro (RJ)



Rogério Spanhe da Silva
Porto Alegre (RS)



Wilson de Souza Malcher
Porto Alegre (RS)



Advocef

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS ADVOGADOS DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL